

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

TRABALHO, COLETIVIDADE, CONFLITOS E SONHOS:  
A FORMAÇÃO HUMANA NO ASSENTAMENTO  
CONQUISTA NA FRONTEIRA

SANDRA LUCIANA DALMAGRO

ORIENTADORA: PROFESSORA DR.<sup>a</sup> CÉLIA REGINA VENDRAMINI

FLORIANÓPOLIS

2002

**SANDRA LUCIANA DALMAGRO**

**TRABALHO, COLETIVIDADE, CONFLITOS E SONHOS:  
A FORMAÇÃO HUMANA NO ASSENTAMENTO  
CONQUISTA NA FRONTEIRA**

**Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau de Mestre em Educação no Programa  
de Pós-Graduação em Educação da Universidade  
Federal de Santa Catarina, sob orientação da  
Professora Doutora Célia Regina Vendramini**

**Florianópolis, março de 2002**

## À POESIA SERTANEJA

Sem a terra repartida, que prazer tem a vida?  
Pensava o sertanejo sem um prato de comida.  
Só um punhado de terra daria conta de sua lida?  
Onde plantaria seus pés todos cheios de feridas?  
Se por tudo onde passava, a cerca estava estendida  
Ia mais rápida que ele caminhando nas subidas.  
Com pernas feitas de estacas e a espinha retorcida  
De arames com seus grampos margeando a estrada sem vida.  
Deitou-se para morrer sob a lona ressequida  
Mas teve sorte o poeta de sonhar com a saída  
E ao acordar divulgou a mensagem recebida  
E contou a seus vizinhos o que vira em sua dormida  
Sonhei com terras plantadas, sonhei com flores floridas  
Sonhei com casas pintadas... frutas amadurecidas.  
Sonhei com jovens cantando em escolas construídas  
Com mulheres liderando as batalhas tão sofridas.  
Sonhei com árvores grossas e matas verdes crescidas  
Sonhei com água corrente despencando das descidas  
Sonhei mais, com trabalho feito com as mãos despidas  
Cereais e plantações se transformando em comida  
Abraços dados com força em cada espécie de vida.  
Sonhei com ocupações, marchas e estradas compridas  
Sonhei com revolução, multidões vendo saídas  
Riquezas acumuladas de uma só vez repartidas.  
Sonhei puxar com as mãos, todas as idéias retidas  
Em levar conhecimento a consciências adormecidas.  
A levantar a bandeira de todas causas perdidas  
Sonhei com grandes vitórias e a dominação vencida.  
Sonhei com minha cabeça, levantada e bem erguida  
Sonhei em fazer a história sem coisas dadas e retidas  
A buscar com minhas forças as coisas oferecidas.  
Sonhei em fazer do campo de minha pátria querida  
Um lugar de gente livre se amando em terras carpidas  
Um espaço de prazer sem ter vontades contidas.  
E todos os que ouviram, sentiram as forças retidas  
A moverem devagar as enfraquecidas  
E levantaram os corpos feito uma água fervida  
Borbulhando contra as cercas que fácil foram rompidas  
E os arames gotejavam toda maldade contida  
Ali nasce uma estrada... nunca mais interrompida.  
Hoje a terra repartida, dá gosto viver a vida.

Minha profunda admiração pelo Movimento Sem Terra  
e pelo Assentamento Conquista na Fronteira  
por forjarem mulheres e homens sujeitos da história.

## **Agradecimentos**

À professora Célia Vendramini pela orientação acadêmica coerente e carinhosa. Sua simplicidade e humildade andam juntas com uma grandeza “de coração” e de conhecimentos comprometidos com a construção de uma sociedade nova.

Ao Marcelos, Deise e Geraldina pela presença marcante na caminhada de “nos fazermos humanos”. São exemplos de integridade e originalidade. Minha admiração e afeto.

A meus pais pelo carinho. Típico exemplo de camponeses sem-terra na busca constante de um “lugar melhor na sociedade” que poucos “bons lugares” apresenta. Carregam consigo a identidade e os valores camponeses tão massacrados nestes dias. Sei que também desejam um mundo novo, tão castigados foram pelo que aí está. Minha admiração por resistirem e uma profunda gratidão e carinho.

A muitas/os amigas, amigos, companheiras e companheiros por diversos momentos, por tantos aprendizados... por manterem acesa a esperança para um novo jeito de ser humano.

Especialmente agradeço aos assentados do Conquista na Fronteira pela maneira carinhosa e prestativa que me receberam. Minha admiração àquelas pessoas que fazem a grandiosidade do assentamento e do MST em ações e comportamentos que muitas vezes não se traduzem em palavras. É necessário viver para saber!

Mais do que agradecer ao Movimento Sem Terra pelo aprendizado e pela vida proporcionados há alguns anos, cabe afirmar sua grandiosidade e seriedade na luta de emancipação humana. Tem sido para mim (e para muitas pessoas!) grande educador, fonte de esperança e alegria, multiplicador da possibilidade de uma sociedade nova.

## SUMÁRIO

### RESUMO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
-------------------------	----

### PARTE I – A PEDAGOGIA DO MST

Introdução .....	14
------------------	----

<b>Capítulo I - Luta pela Terra e Educação</b> .....	16
--	----

1.1. O Movimento Sem Terra .....	16
----------------------------------	----

1.2. O Sentido Educativo do MST .....	26
---------------------------------------	----

<b>Capítulo II - O Trabalho na Pedagogia do MST</b> .....	33
---	----

### PARTE II – AS MATRIZES EDUCATIVAS NO ASSENTAMENTO

#### CONQUISTA NA FRONTEIRA

Introdução .....	52
------------------	----

<b>Capítulo I - O Coletivo</b> .....	55
--------------------------------------	----

1.1. Histórico da construção do coletivo .....	55
--	----

1.2. O coletivo e a cooperativa .....	61
---------------------------------------	----

1.3. O coletivo educa para quê? .....	79
---------------------------------------	----

1.4. Desafios do coletivo no assentamento .....	80
---	----

<b>Capítulo II - A Cooperativa</b> .....	81
--	----

2.1. A cooperativa e o trabalho .....	81
---------------------------------------	----

2.2. A cooperativa e o MST .....	86
----------------------------------	----

2.3.A cooperativa e o mercado .....	89
2.4. A cooperativa educa para quê? .....	96
2.5.Desafios da Cooperunião .....	97
<b>Capítulo III - O Trabalho</b> .....	<b>100</b>
3.1. Como o trabalho é organizado no assentamento .....	100
3.2. Como o trabalho é percebido pelos assentados .....	123
3.3. O trabalho educa para quê? .....	127
3.4. O trabalho como necessidade .....	132
3.5. Ideologia do trabalho .....	133
3.6.Vantagens do trabalho coletivo .....	137
3.7.Desafios em relação ao trabalho no assentamento .....	141
<b>Capítulo IV - O Movimento Sem Terra</b> .....	<b>142</b>
4.1. A presença do MST no assentamento .....	142
4.2. O MST educa para quê? .....	154
4.3. Desafios do MST no assentamento .....	157
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>159</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>167</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>171</b>

## RESUMO

A dissertação trata da formação dos assentados do *Conquista na Fronteira*, assentamento situado no município de Dionísio Cerqueira / SC e vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. O referido assentamento é organizado de forma coletiva desde a produção, a comercialização, os investimentos até a convivência, o lazer e a cultura. A questão central deste estudo é o questionamento da anunciada potencialidade educativa do trabalho. Seus objetivos fundamentais são: avaliar a dimensão que o trabalho assume na Pedagogia do MST; compreender como ocorrem as relações de trabalho no cotidiano de um assentamento; analisar em que medida o MST constrói educação por meio do trabalho cooperado. A metodologia utilizada consiste de entrevistas com dirigentes do Movimento e com assentados no *Conquista na Fronteira*, de observações no referido assentamento e de análise de documentos produzidos pelo MST. Identificamos que o Movimento Sem Terra é um importante educador dos assentados e se faz presente no assentamento por meio da cooperação existente. O coletivo e o MST indicam uma forma de vida solidária, humanista e justa, a qual confronta-se com a necessidade dos assentados sobreviverem economicamente, levando à sua inserção no mercado capitalista, à competição, à intensificação do trabalho, à contenção de gastos. Dessa maneira, ocorre um embate entre perspectivas antagônicas no assentamento, no entremeio do qual educam-se as pessoas, ora para a vivência das relações sugeridas pelo coletivo, ora para as da forma de ser da sociedade burguesa. O Movimento Sem Terra tem no trabalho um valor moral, místico, atribuindo a este um acento educativo, especialmente para as relações de trabalho cooperado. O que observamos no assentamento Conquista na Fronteira é uma tendência à especialização das atividades, aliado a um crescente incremento tecnológico, porém o trabalho ainda é bastante repetitivo, cansativo, desinteressante, explorado e voltado às necessidades da reprodução do capital. Observamos que o MST e a organização coletiva dele decorrente são os indicadores (educadores) para a transformação social e para um jeito de viver distinto da sociedade burguesa.

Palavras-chave: Movimento Sem Terra; Trabalho; Cooperação; Formação humana.



## ABSTRACT

This dissertation deals with the forming of the *Conquista na Fronteira* (Conquering the Fronteir) settlements, situated in the municipality of Dionísio Cerqueira / SC and linked with the *Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST* (Movement Landless Rural Workers). This settlement is organized collectively from the production to the commercialization, investments and even the life together, including the leisure and the culture. The central question of the study is the questioning of the greatly proclaimed educational potentiality of this work. The fundamental aims of this study are: to evaluate the dimension that the work assumes in MST Pedagogy; to understand how labor relations in the daily life of a settlement occur; to analyze to what extent MST constructs education by means of cooperative work. The methodology utilized consists of interviews with leaders of the Movement and with the settlers in *Conquista na Fronteira*, as well as observations regarding the settlement and the analysis of the documents produced by the MST. We have been able to identify the important educational role of the *Sem Terra* Movement for the settlers and perceive that it plays this role in the settlement by means of cooperation on all levels. The collective and MST indicate a way of life based on solidarity, that is humane and just, but that must face the necessity for the settlers to survive economically. This economic factor leads to their insertion in the capitalist market, to competition, and to intensification of the work, and to containing expenses. In this way, there occurs a conflict between the two antagonistic perspectives on the settlement, in mixed environment in which people are educated, on the one hand, for living the relations suggested by the collective, on the other hand, for the form of being in bourgeois society. The *Sem Terra* Movement has a moral, mystic value in its work, attributing to this an educational accent, especially for cooperative labor relations. What we have observed in the *Conquista na Fronteira* settlement is a tendency to specialization of the activities, allied with growing use of technology; however the work is still quite repetitive, tiresome, uninteresting, exploited and directed towards the needs of reproducing capital. We have observed that the MST and the collective organization to which it gave birth, are the educational indicators for social transformation and for a different way of living from that of bourgeois society.

Key words: *Sem Terra* (Landless) Movement; Labor; Cooperation; Human Formation.

## INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como eixo central a análise do processo educacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST. Tomando como base um de seus assentamentos, enfoca as relações de trabalho e suas implicações na formação humana. Efetuado esse recorte, procuramos delimitar algumas questões consideradas fundamentais, cujo desenvolvimento estruturou-se em torno dos seguintes objetivos: a) avaliar a dimensão que o trabalho assume na Pedagogia do MST; b) apreender o sentido do trabalho para esse Movimento e sua articulação com a luta pela terra; c) compreender como ocorrem as relações de trabalho no cotidiano de um assentamento e observar para que estas educam e d) analisar em que medida o MST constrói educação por meio do trabalho cooperado. A hipótese que orienta este estudo pretende pôr em questão o papel educativo historicamente atribuído ao trabalho e, por outro lado, sustentar o pressuposto de que o MST se constitui no sujeito educador fundamental dos sem-terra em busca da transformação social.

Durante a realização da pesquisa de campo nos deparamos com uma realidade que expressava um processo educativo com múltiplos condicionantes relacionados entre si. Observamos que seria empobrecedor ou reducionista analisar a educação dos assentados do *Conquista na Fronteira* considerando apenas o aspecto do trabalho uma vez que este encontra-se condicionado a outros fatores. Dessa maneira, apresentamos neste texto os aspectos que consideramos fundamentais da formação humana no referido assentamento: o trabalho, a cooperativa, a organização coletiva e o MST, analisando o entrelaçamento, a sintonia e as contradições entre essas matrizes de formação.

Para a realização deste estudo utilizamos três fontes referenciais ou metodológicas:

1) **Pesquisa documental.** Analisamos diversos documentos do MST, em especial os do Setor de Educação, com o intuito de compreender a dimensão do trabalho na Pedagogia do Movimento ou o sentido educativo que o MST lhe atribui. Avaliamos também a importância/significado do trabalho na luta dos sem-terra e como é orientada sua organização nos assentamentos.

2) **Pesquisa de campo.** A pesquisa de campo compreendeu: a) observação e entrevistas no assentamento *Conquista na Fronteira* situado no município de Dionísio Cerqueira e b) entrevistas com dirigentes do MST.

Optamos por realizar esta pesquisa no assentamento *Conquista na Fronteira*, situado no município de Dionísio Cerqueira / Santa Catarina, por ser um assentamento coletivo cuja experiência - especificamente a organização do trabalho – aproxima-se aos princípios do MST. A pesquisa de campo foi realizada em dois momentos, num total de quatorze dias, em cujo período acompanhamos a rotina de trabalho de todos os setores produtivos, o cotidiano familiar e a participação social. Levantamos informações e documentos sobre a estrutura do assentamento, sua organização, normas, projetos, dificuldades e conquistas. Realizamos entrevistas com um total de nove assentados: mulheres, homens, jovens, lideranças do assentamento e liberados<sup>1</sup>, dos mais diversos setores produtivos e instâncias organizativas internas. Nossa permanência no assentamento permitiu acompanhar uma experiência concreta de organização do trabalho coletivo, analisar como e para quê os assentados se educam / formam e como o trabalho organiza a vida das pessoas. A reflexão sobre a organização coletiva revela que a cooperação e o MST são aspectos fundamentais na formação daquelas pessoas, ao mesmo tempo que permite estabelecer relações de sintonia e contradição com a perspectiva apontada pela cooperativa e pelo trabalho.

Durante a pesquisa de campo realizamos ainda entrevistas com dirigentes do Movimento Sem Terra. Ao total foram oito entrevistados, dirigentes estaduais e nacionais do Movimento, sendo dois assentados no *Conquista na Fronteira*, da Confederação das Cooperativas dos Assentamentos de Reforma Agrária do Brasil – Concrab, do Setor de Educação, entre outros. Essas entrevistas pretendiam coletar informações complementares aos documentos do MST a respeito do trabalho, trabalho-educação, cooperação e formação política<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Liberados são pessoas que passam a cumprir funções externas ao assentamento como: tarefas no MST, partido ou instituições e que a cooperativa libera economicamente total ou parcialmente. Essas pessoas permanecem assentadas e sua liberação pode ser permanente ou temporária.

<sup>2</sup> Ver roteiro para entrevista com dirigentes nos Anexos.

3) **Pesquisa Bibliográfica.** Para análise de nossas investigações e no intuito de melhor compreender os aspectos levantados acima, buscamos apoio em diversos estudos sobre o trabalho e o trabalho na atualidade, sobre as relações produtivas capitalistas e suas implicações na formação humana. Uma pesquisa dessa natureza exigiu ainda compreender o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, sua origem, organicidade e objetivos, seu significado atual e as práticas educativas existentes em seu interior.

A dissertação organiza-se em duas partes: a primeira pretende situar o MST desde suas origens, compreendendo o seu sentido histórico e a relação entre a luta pela terra e o trabalho. Procuramos entender também qual o sentido que o MST imprime à educação, isto é, para quem educa os sem-terra. Ao final dessa parte, analisamos a dimensão do trabalho na luta do Movimento e em sua proposta educacional, ou seja, o que fundamenta o trabalho e de que forma o MST o compreende como princípio educativo. Refletimos também sobre sua relação com a perspectiva educacional do Movimento ou com o sentido de sua existência.

Na segunda parte, desenvolvemos as matrizes ou fontes educativas no assentamento *Conquista na Fronteira*, delimitando-as em quatro: o coletivo, a cooperativa, o trabalho e o MST. Procuramos, ao observar os aspectos centrais na formação/educação dos assentados, identificar o papel do MST e como este se faz presente no assentamento e de maneira especial na organização coletiva existente. Também buscamos avaliar até que ponto a educação proporcionada pelo MST dirige-se à experimentação de uma sociedade pautada em princípios democráticos, coletivos, de solidariedade ou se ainda reproduz as relações burguesas. Outro eixo de análise desenvolvido diz respeito à organização e às relações de trabalho situadas no entremeio da disputa de forças distintas, ou seja, a organização interna do assentamento e a pressão de forças externas voltadas à manutenção da estrutura capitalista.

# **PARTE I**

## ***A Pedagogia do MST***

## **Introdução**

Os Movimentos Sociais vêm constituindo-se, no mundo todo e especialmente no Brasil, em importantes espaços e instrumentos de luta para a conquista de direitos constantemente negados pela ordem vigente. Nos países do chamado “terceiro mundo”, onde predominam altos índices de pobreza e exclusão, esses movimentos adquirem forte conotação de classe, aglutinando assim milhares de pessoas na busca de dignidade. Na luta por um novo jeito de viver os movimentos sociais cumprem um papel profundamente educativo. Observando a cultura política brasileira, explicita-se as marcas do colonialismo, coronelismo, paternalismo e repressão, as quais funcionam como verdadeiras barreiras da participação popular na política nacional. Os movimentos sociais têm se apresentado assim como fecundos espaços de politização e participação social, despertando o poder popular, a criatividade e a solidariedade, enfim, formando sujeitos.

Na luta pela terra no Brasil destacaram-se diversos movimentos sociais tendo por objetivo a democratização do acesso à terra. Na atualidade essa luta ganha maior radicalidade e reascende o debate em torno da Reforma Agrária e de uma nação justa. O Movimento Sem Terra se apresenta neste contexto como importante movimento de luta pela terra, vinculada à defesa da cidadania, da soberania, de valores humanistas, da participação popular, da ecologia, da educação, da saúde, de relações igualitárias de gênero, articulando-os na luta por uma sociedade nova.

A análise da dimensão pedagógica do MST estrutura-se em dois capítulos: Luta pela Terra e Educação e o Trabalho na Pedagogia do MST. No primeiro capítulo buscamos compreender o surgimento do Movimento Sem Terra, observando as circunstâncias históricas que o formaram. Importa-nos também compreender como o Movimento foi se consolidando, como foi reagindo a diferentes conjunturas, buscando delinear a dimensão da luta dos sem terra na atualidade.

Ao analisarmos o sentido da existência do Movimento explicita-se sua dimensão educativa, ou seja, seu caráter pedagógico se destaca ao observarmos a luta que o MST desenvolve. Assim, discutimos brevemente no primeiro capítulo o Movimento Sem Terra como sujeito educador dos sem-terra e como essa dimensão pedagógica se articula com sua proposta educacional e escolar.

O segundo capítulo apresenta a dimensão do trabalho na luta e na pedagogia do MST por intermédio de um estudo dos documentos do MST e da pesquisa desenvolvida no assentamento *Conquista na Fronteira*. Utilizamos de entrevistas com dirigentes, observação no assentamento e de análises acerca da luta do Movimento para compreender a centralidade do trabalho na vida do sem-terra. Apontamos algumas contradições presentes na concepção do trabalho como princípio educativo, tendo em vista: de um lado, as relações de produção capitalista que impõem o trabalho explorado e, de outro, o projeto político e educativo emancipatório do MST.

A análise do trabalho na luta e na Pedagogia do MST considera o Movimento como um todo, no âmbito nacional, suas lutas, sua proposta educacional, seus princípios teóricos. A reflexão sobre o Movimento Social em sua totalidade auxiliará na compreensão da dinâmica que se desenvolve no assentamento *Conquista na Fronteira* sobre o processo educativo que lá se processa, especialmente nos aspectos do trabalho e da coletividade.

## CAPÍTULO I

### LUTA PELA TERRA E EDUCAÇÃO

#### 1) O Movimento Sem Terra

A luta pela terra no Brasil é muito antiga. Mesmo antes desta terra se chamar Brasil, os índios travaram contra os portugueses a primeira batalha na disputa por esse território, o qual para os indígenas era fonte de subsistência.

A política desenvolvida pelos portugueses durante os séculos de sua colonização, assim como as políticas posteriores dos governos republicanos até a “moderna democracia” condicionaram o surgimento de dois fatores: a alta concentração fundiária e um imenso contingente de excluídos da terra: os sem-terra. Esses dois aspectos originaram diversos movimentos e conflitos desencadeados pelos pobres do campo no decorrer desses quinhentos anos<sup>3</sup>. Todos esses movimentos, porém, foram duramente reprimidos, e deste modo não desencadearam uma distribuição de terras que viesse a alterar a estrutura fundiária brasileira. Assim, um problema econômico e social que se delineava há mais de duas centenas de anos e se apresentou explicitamente há várias décadas em toda sua complexidade, não foi, em nenhum momento, encarado pelas elites governantes com o objetivo de solucioná-lo. Diz-se de um problema como esse, que “se empurra com a barriga” adiando sua solução, que ele fica “fermentando” e reaparece adiante com força ainda maior. É o que presenciamos na atualidade, sendo o MST consequência desse processo, fruto da política econômica e social para o meio rural. Isso ocorre de tal modo que para muitos seria inimaginável um movimento de camponeses assumir as proporções que tomou o MST, considerado por muitos estudiosos o maior movimento de enfrentamento ao capital do Brasil e mesmo da América Latina.

---

<sup>3</sup> Podemos citar os conflitos em terras indígenas, a organização dos negros nos quilombos, os movimentos de Canudos, Contestado, Cangaço, as Ligas Camponesas, dentre vários outros conflitos mais localizados e menos conhecidos.



As estimativas realizadas nas últimas décadas dão conta de que o Brasil possui mais de 4,5 milhões de famílias sem-terra<sup>4</sup>, número que não é maior em razão do êxodo rural que continua expulsando camponeses para as periferias urbanas (e que o censo não contabiliza como sem-terra). A concentração fundiária nacional atinge um dos primeiros lugares do mundo. O índice de Gine que mede a concentração da terra e que se mantém estável há vinte anos é de 0,856, considerado muito elevado (Dados: Agenda MST 2001, apud Censo Agropecuário, IBGE). Isso significa que a estrutura da propriedade da terra no Brasil não foi alterada em todo esse período. A análise de dados a partir do governo FHC (1994), demonstra a continuidade da concentração da terra<sup>5</sup>.

A situação de miséria de grandes contingentes populacionais, em especial no meio rural, levou centenas de excluídos e expropriados da terra no final da década de 70 e início dos anos 80, a realizarem ocupações de latifúndios, uma vez que muitos desses sem-terra nem sequer tinham para onde ir. Foram diversas ocupações realizadas de forma “espontânea” e isolada, nos estados do sul e centro-sul do país, tendo em comum o apoio da Comissão Pastoral da Terra - CPT.<sup>6</sup> A ocupação da terra tornou-se, para muitas famílias, a única maneira de poder sobreviver.

*Em seu desenvolvimento desigual, o modo capitalista de produção gera inevitavelmente a expropriação e a exploração. Os expropriados utilizam-se da ocupação da terra como forma de reproduzirem o trabalho familiar. Assim, na resistência contra o processo de exclusão, os trabalhadores criam uma forma política – para se ressocializarem, lutando pela terra e contra o assalariamento – que é a ocupação da terra. Portanto, a luta pela terra é uma luta constante contra o capital. É a luta contra a expropriação e contra a exploração. E a ocupação é uma ação que os trabalhadores sem-terra desenvolvem, lutando contra a exclusão causada pelos*

---

<sup>4</sup> Segundo o Censo Agropecuário / IBGE, 1995/96, apud Agenda MST 2002, o Brasil possui 4.515.810 famílias sem-terra. O censo contabiliza como sem-terra os arrendatários, parceiros, pequenos proprietários (até 5 ha) e assalariados rurais.

<sup>5</sup> Nos últimos dez anos, 21,2% das pequenas unidades produtivas (menores de 20 ha) deixaram de existir. Em números absolutos isso significa 705 mil pequenas propriedades agrícolas (Christoffoli, 2000). Em sua maioria essas terras vêm sendo adquiridas por médios ou grandes proprietários de terras.

<sup>6</sup> Para saber mais sobre a origem do MST ver: Fernandes, Bernardo Mançano. *A formação do MST no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. Esse livro recupera desde as iniciais ocupações de terra que motivaram o surgimento do MST até a organização desse Movimento na atualidade, passando pela história do MST em cada Estado do país.

*capitalistas e ou pelos proprietários de terra. A ocupação é, portanto, uma forma de materialização da luta de classes* (Fernandes, 2000 :280).

Após ocupações e lutas diversas que se desencadeavam de forma semelhante pelo país, porém sem estarem articuladas, a CPT passou a reunir lideranças desses focos de conflito e resistência, quando então os trabalhadores começam a trocar experiências e discutir uma “organização” de sem-terra que os aglutinassem. Amadureceu, nesse processo, a intenção de criar um movimento autônomo dos sem-terra em todo país.<sup>7</sup> Assim, em janeiro de 1984, na cidade de Cascavel/PR, é fundado o MST no primeiro Encontro Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Em janeiro de 1985, na cidade de Curitiba, realizou-se o primeiro Congresso Nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, abrangendo diversos estados, com 1500 participantes. Desse encontro, os sem-terra saem com a definição de expandir e massificar o Movimento em todo o país.

O MST, um movimento de camponeses, nasce com caráter de classe, de luta contra o capital buscando a construção da “nova sociedade”. Esse direcionamento dado à organização dos sem-terra se expressou nos princípios fundamentais do MST definidos no congresso acima referido: “que a terra só esteja nas mãos de quem nela trabalha; lutar por uma sociedade sem exploradores e explorados; ser um movimento de massas, autônomo, dentro do movimento sindical para construir a reforma agrária; organizar os trabalhadores rurais na base; estimular a participação dos trabalhadores rurais no sindicato e no partido político; dedicar-se à formação de lideranças e construir uma direção política dos trabalhadores; articular-se com os trabalhadores da cidade e com os camponeses da América Latina” (Normas Gerais do MST, 1989 :s/ pág.).

A luta pela transformação da sociedade e o caráter classista do Movimento não foram, de forma alguma, mera definição concebida pelo MST de maneira estanque, sem relação com a dinâmica do real. Tanto é que em 1995, dez anos após a primeira versão dos

---

<sup>7</sup> Detalhes do processo para a formação do MST podem ser encontrados em Fernandes, 2000. Além da CPT, diversos outros fatores contribuíram para a eclosão de um movimento de sem-terras, como o fim da ditadura militar, a mecanização da agricultura e o crescente desemprego agrícola. Um relatório sucinto desses fatores, do caráter do MST e das lutas camponesas que o MST herda e recupera pode ser encontrado em Görden, Sérgio A. e Stédile, João Pedro. *A luta pela terra no Brasil*. São Paulo, Scritta Editorial, 1993.

objetivos do MST, estes são reelaborados. Essa nova elaboração decorre da transformação/evolução do Movimento nesse período, bem como da atualização das formas de luta necessárias ao enfrentamento do modelo de desenvolvimento que o Brasil passou a adotar: o neoliberalismo e a submissão da economia nacional aos interesses do grande capital estrangeiro. Essa delimitação procura estar em consonância com a evolução da concepção do MST em torno de suas finalidades. Embora de conteúdo bastante semelhante, a evolução pode ser percebida na forma dada aos objetivos gerais, quando comparados aos de elaboração anterior:

*Construir uma sociedade sem explorados e onde o trabalho tem supremacia sobre o capital;*

*A terra é um bem de todos. E deve estar a serviço de toda sociedade;*

*Garantir trabalho a todos, com justa distribuição da terra, da renda e das riquezas;*

*Buscar permanentemente a justiça e igualdade social de direitos econômicos, políticos, sociais e culturais;*

*Difundir valores humanistas e socialistas nas relações sociais;*

*Combater todas as formas de discriminação social e buscar a participação igualitária da mulher (MST, Caderno de Formação n. 23, 1995).*

A evolução da forma de luta do MST e da leitura que este faz do desenvolvimento nacional, assim como outros elementos de sua história podem ser encontrados no estudo de Caldart (2000). Essa autora delimita e caracteriza três momentos na história do MST que permitem enxergar o avanço de suas lutas frente às alterações na política nacional. Nos deteremos um pouco mais na trajetória do MST para compreendermos o sentido em torno do qual o Movimento vem se construindo, para então delinear seu “sentido educativo”, que diretamente nos interessa.

### **Primeiro momento:** Articulação nacional de luta pela terra

Esse primeiro momento é o período de gestação do Movimento forjado nas lutas isoladas pela terra que ocorriam nos estados e que, a partir de 1982, passaram a articular-se e organizar-se, culminando com a fundação do MST em 1984. Esse momento se caracteriza

pela definição (opção + circunstância) da ocupação como forma fundamental de luta pela terra e, a partir dela, pelo acampamento de lona preta. Uma das palavras de ordem muito difundida e que expressa aquele momento foi “Ocupação é a única solução”. Os sem-terra, cansados das promessas políticas e de esperar passivamente por um pedaço de chão, decidem tomar a frente e entrar/ocupar os latifúndios, o que consistia numa ação de extrema ousadia. Nos últimos vinte anos a ocupação passou a ser a principal forma de acesso à terra que tiveram os pobres e os agricultores familiares (Fernandes, 2000)<sup>8</sup>. Todavia, não era apenas o acesso à terra (de forma imediata) que interessava. O Movimento tinha clareza da necessidade de uma ampla Reforma Agrária<sup>9</sup>. Como nessa década assistia-se ao fim da ditadura militar e propalava-se a instalação de um Estado democrático, o lema do primeiro Congresso do MST era “Sem Reforma Agrária não há democracia”, como forma de chamar a devida atenção do Estado para a questão fundiária nacional.

Esse primeiro período foi fundamental na formação do jeito de ser do MST, isto é, na postura de luta/enfrentamento/ação dos sujeitos sem-terra. Naquele momento havia dois caminhos/posturas que os sem-terra poderiam assumir frente às condições dadas: a de “coitadinhos”, frágeis (visão da igreja basicamente) e a de “lutadores” (Caldart, 2000). A postura de iniciativa, de ousadia, de chamar a si a responsabilidade acabou prevalecendo,

---

<sup>8</sup> “A ocupação da terra é uma forma de intervenção dos trabalhadores no processo político e econômico de expropriação. Nas últimas duas décadas, as ocupações tornaram-se, ainda mais, um processo importante de recriação do campesinato e não podem ser ignoradas. Criminalizar as ocupações é se esquivar do problema sociopolítico e econômico que elas representam. É condenar famílias sem-terra que lutam pela recriação de suas existências como trabalhadoras. É aceitar os interesses dos latifundiários e o processo de intensificação da concentração da terra” (Fernandes, 2000 :281).

<sup>9</sup> O programa de Reforma Agrária do MST possui oito eixos fundamentais: modificar a estrutura da propriedade da terra; subordinar a propriedade da terra às necessidades do povo; garantir a segurança alimentar e a eliminação da fome; desenvolver uma política justa de preços, crédito e seguro agrícola; industrializar o interior do país, gerando empregos e desenvolvendo as regiões; criar um programa especial para a região do semi-árido; desenvolver a agricultura de forma auto-sustentável; desenvolver o meio rural de forma a garantir vida digna, educação, cultura e lazer para todos (MST, Caderno de Formação n. 23: Programa de Reforma Agrária, 1995). Atualmente (2001/2002), esse programa vem sendo revisado e ampliado. Os eixos acima permanecem e, dentre os novos, citamos as linhas fundamentais: Desenvolver uma política pública de preservação e controle das águas; Produzir alimentos saudáveis; Lutar contra os transgênicos e o patenteamento das espécies vivas; delimitar o tamanho da propriedade agropecuária e desapropriar os latifúndios; legalizar e demarcar as terras indígenas, dos remanescentes dos quilombos e dos trabalhadores rurais; extinguir as políticas de colonização, expropriar as terras adquiridas ou utilizadas de forma ilícita; apurar os crimes cometidos contra os trabalhadores rurais em conflitos por terra, entre outros (MST, Normas gerais do MST, 2001- em elaboração).

tornando-se um aspecto muito presente em toda a trajetória do MST, nos seus objetivos e formas de luta e um forte elemento na educação/construção dos Sem Terra<sup>10</sup>.

Esse momento é também responsável pela nacionalização da luta do MST. Cabe ressaltar que, ao passar a abranger regiões distintas, conseguiu respeitar suas especificidades, sem perder a unidade. Por outro lado, o Movimento avança na direção de tornar-se autônomo em relação às diversas instituições de apoio que foram decisivas para sua criação.

**Segundo momento:** constituição do MST como uma organização social dentro de um movimento social de massas

Esse período, segundo Caldart, começa em 1986/7 e está inconcluso, uma vez que há desafios organizativos ainda não superados. As ocupações e acampamentos continuam ocorrendo, e esse momento caracteriza-se pela conquista de vários assentamentos, fruto das pressões e lutas. Um importante desafio que se colocava para o MST naquela conjuntura era dar continuidade à luta dos que já haviam conquistado a terra: a produção da vida nos assentamentos. O lema do segundo congresso expressa esse desafio: “Ocupar, Resistir e Produzir”. “Durante o governo Collor, [o MST] se obrigou a desenvolver uma tática defensiva, de proteger-se, daí o lema: ocupar (sim, era necessário continuar), mas resistir (sobretudo) e produzir (nos assentamentos) (MST, Construindo o Caminho, 20001 :59).

Com a forte repressão sofrida durante o governo acima referido, o MST passa a voltar-se para sua organização interna. À medida que os assentados permaneciam como parte do Movimento<sup>11</sup>, uma série de necessidades foram surgindo, o que deu origem a uma nova dimensão na luta do MST. É preciso então organizar a produção, a comercialização, a

---

<sup>10</sup> Sem Terra é uma identidade que, “enraizada nas suas próprias tradições culturais de trabalhador da terra, recriou sua identidade porque a vinculou com uma luta social, com uma classe, e com projeto de futuro” (Caldart, 2000 :25). Por isso, “*Sem Terra* no Brasil hoje, é mais do que uma condição social a ser superada (a de não ter a terra); é uma identidade construída como acúmulo histórico de muitas lutas sociais, é uma identidade a ser cultivada e deixada como herança” (idem :258).

<sup>11</sup> Para Fernandes (2000), a incorporação dos assentamentos na luta do MST decorre da própria lógica de desenvolvimento do Movimento. “A conquista da terra não é o fim da luta, é sempre um ponto de partida. Os sem-terra foram aprendendo na caminhada que quem só luta pela terra tem na terra o seu fim. Perder o vínculo com a organização dos trabalhadores é cair no isolamento. É justamente a organização que abre caminho para o avanço da luta. Somente por meio de um forte movimento, os sem-terra transformarão a luta pela terra em uma luta pela reforma agrária” (:85).

moradia, a estrada, a escola, a saúde... E isso tudo sob dois aspectos: o primeiro tinha relação com o fato segundo o qual diversas dessas condições não se encontravam disponibilizadas no meio rural de forma decente, principalmente para a população pobre. O segundo aspecto era o jeito de ser/natureza do MST que já se sobressaía/orientava os assentamentos, ou seja, não era qualquer organização que pretendiam ao chegarem na terra, mas uma forma que possibilitasse a consolidação de parâmetros ecológicos, com aproveitamento racional dos recursos naturais, privilegiando mercados populares, preservando a qualidade dos produtos, preocupando-se com a educação, saúde e cultura dos assentados. A vida nos assentamentos deveria ser organizada de forma sobretudo a potencializar as capacidades humanas e permitir a elevação do nível de consciência social / de classe dos assentados. “Os *assentamentos* não seriam simplesmente uma reprodução da lógica de organização da produção e da vida social própria das famílias rurais de onde se originaram os sem-terra, mas *que seriam lugar de relações alternativas*, apontando para a construção de novas formas de organização da produção e de desenvolvimento do campo como um todo” (Caldart, 2000 – Grifos da autora). Esta é uma questão central que se coloca nos assentamentos ainda hoje, como veremos adiante, inclusive no *Assentamento Conquista Fronteira*, objeto de estudo deste trabalho. Nesse período organizam-se os setores do MST: educação, saúde, gênero, formação, comunicação, etc.; cria-se o Sistema Cooperativista dos Assentados – SCA e, já no governo de Itamar Franco, consegue-se um programa de crédito especial para a Reforma Agrária – PROCERA, extinto no ano de 2000 sob o governo FHC.

Segundo Caldart, é nesse segundo momento que “emerge” a identidade Sem Terra, uma vez que, mesmo com a terra (ou também por causa dela), os assentados continuavam se identificando com o MST e permaneciam lutando por seus direitos e mudanças sociais, assumindo a postura de Sem Terra.

Outra análise sobre esse momento permite perceber a dimensão que atinge a luta do Movimento, exigindo que este se torne uma organização de massas (permanente) e não apenas um movimento de massas (temporário). Para dar conta das necessidades e das lutas empreendidas pelo MST fazia-se necessário organizar, desde a base, os sem-terra, já que estes seriam os sujeitos/comandantes das lutas, e não apenas um seleto grupo de dirigentes. Dessa

forma, como constantemente entram pessoas novas no MST e como há muitos desafios para superar nos assentamentos existentes, a organização desde a base do MST é um desafio presente e permanente, o que projeta à frente muitas questões desse momento histórico.

### **Terceiro momento:** Inserção do MST na luta por um projeto popular para o Brasil

Para Caldart, esse último momento se delineia a partir do terceiro Congresso Nacional, em 1995, quando o MST define como lema “Reforma Agrária uma luta de todos”, sugerindo que a luta dos trabalhadores/oprimidos é de toda sociedade vítima da exclusão e do sofrimento. Assim, o MST convoca o apoio de toda sociedade brasileira para a Reforma Agrária e, por outro lado, passa a encarar as batalhas dos demais trabalhadores como suas também. É o momento de abertura do Movimento para a sociedade, e esta recebe-o com grande admiração, esperança e até surpresa. Segundo indicam diversas pesquisas de opinião realizadas em 1998/9, mais de 80% da população brasileira apoiava o Movimento Sem Terra e via neste uma organização de grande confiança.

Analisando o trajeto do Movimento vê-se que a luta mais global, de classe e pela superação do capitalismo esteve presente desde a fundação do MST, entretanto, “nos últimos anos passa a ser um desafio concreto dadas as condições objetivas da luta pela Reforma Agrária em nosso país, e a situação em que se encontra o povo brasileiro” (Caldart, 2000 :93).

O que talvez tenha se modificado é o enfoque dado a essas lutas, ou o direcionamento que tomaram. É o que analisa Bogo (2001): “Enquanto a luta pela terra de anos anteriores era dirigida contra o latifúndio e em determinados momentos contra o governo, agora a luta pela reforma agrária obrigou-se a dirigir contra o modelo econômico e agrícola, implantado pela política neoliberal do Estado, orientado pelos Estados Unidos da América”. O MST percebe que a inoperância das elites na realização da Reforma Agrária, a negação dos direitos básicos dos sem-terra e da população brasileira, de modo geral, decorrem de um projeto que não é apenas das elites nacionais – estas ao mesmo tempo que o assumem a ele se submetem -, mas um projeto comandado pelos organismos internacionais a serviço do

grande capital internacional que leva à concentração das riquezas (de toda espécie) de forma jamais vista.<sup>12</sup>

Dessa conjuntura (estrutura), decorre a compreensão de que a Reforma Agrária somente poderá ser realizada em outro contexto/modelo político e econômico. Para esse modelo oficial, a Reforma Agrária não tem nada a acrescentar. O governo brasileiro tem dito em audiência com o MST que a Reforma Agrária não é necessária e que seu projeto é manter apenas 5% da população no meio rural brasileiro (Fonte: depoimentos de lideranças). Assim, a luta do MST, sem perder o caráter de luta pela terra e contra o latifúndio, dirige-se centralmente para a derrota do modelo neoliberal e para a construção de um “projeto popular para o Brasil”. O Movimento passa a se posicionar na política nacional em relação a aspectos não diretamente vinculados à agricultura. Toma partido contra as privatizações, solidariza-se de forma atuante com a luta de outras categorias de trabalhadores, assume candidaturas aproximadas com seu projeto, realiza ações em conjunto com outras entidades e juntamente com outras organizações desencadeia a discussão e formação de um novo modelo de desenvolvimento nacional. Este deve ter como base a distribuição da terra e da riqueza, a recuperação da soberania nacional, o controle sobre os bancos e o capital financeiro e a reorganização da produção industrial e agrícola. O Estado deve estar colocado a serviço da população, a efetivação da democracia popular uma realidade e a democratização da comunicação, educação, saúde, cultura, como direitos básicos do cidadão, uma necessidade premente. Estes seriam, dentre outros, os pilares necessários à construção de um modelo justo e sustentável (Consulta Popular, Cartilha n. 11, 2001).

O quarto Congresso do MST realizado em 2000 teve como lema “Reforma Agrária: por um Brasil sem latifúndio”, que se refere à construção de um projeto de desenvolvimento nacional, sugerindo ou mesmo reafirmando mais diretamente à sua luta, o Brasil que desejam:

---

<sup>12</sup> Para ter uma idéia da concentração de renda na atualidade, pode-se comparar a fortuna das 225 pessoas mais ricas do mundo (cerca de 1 trilhão de dólares), com a renda dos 47% mais pobres da população mundial (2,5 bilhões de pessoas) (Sader, 2000). Ainda segundo esse autor, *“para ter uma idéia desses recursos concentrados nas mãos de tão poucas pessoas é bom compará-los com as carências do mundo na virada do século. A estimativa necessária para garantir e manter o acesso universal ao ensino básico, a atenção básica de saúde para todos, a atenção de saúde reprodutiva de todas as mulheres, a alimentação suficiente para todos e água limpa e saneamento para todos é de cerca de 44 bilhões de dólares ao ano. Isto é, cerca de 4% da riqueza conjunta das 225 pessoas mais ricas do mundo”* (Sader, 2000 :82).



sem latifúndio. Reflete a junção da luta corporativa (a terra, a Reforma Agrária) e a luta contra o capital. Trazemos presente, de forma resumida, as “resoluções políticas” desse último congresso uma vez que elas dão pistas do “estágio” de desenvolvimento da luta pela Reforma Agrária, da leitura que o MST faz da realidade nacional e as projeções de sua ação rumo aos grandes objetivos expostos anteriormente:

- Massificar as ocupações dos latifúndios;
- Fortalecer a unidade com os demais movimentos e organizações de trabalhadores do meio rural e urbano;
- Realizar ações em defesa da Reforma Agrária proposta pelo MST mantendo-a em pauta;
- Realizar ações de solidariedade, difundindo novos valores;
- Lutar contra o imperialismo (não-pagamento da dívida externa, não-implantação da ALCA e demais políticas do FMI, OMC, Banco Mundial);
- Somar-se na construção de um projeto popular para o Brasil;
- Lutar em defesa do meio ambiente e da biodiversidade, entre outros aspectos (MST, Construindo o Caminho, 2001).

O quarto Congresso do MST reforça a luta pela terra, buscando desencadear um amplo processo de Reforma Agrária no país. Todavia, para que esta se realize, são necessárias amplas e profundas mudanças na estrutura da sociedade brasileira, especialmente a opção por desenvolvimento soberano, livre da tutela do grande capital estrangeiro. Portanto, o MST inclui em sua luta a construção de um projeto popular para o país, aliando-se aos movimentos e entidades com objetivos semelhantes. Cada vez mais o MST deve então abrir-se às lutas dos trabalhadores, formando/integrando uma ampla frente de combate ao neoliberalismo e a toda forma de exploração, ao mesmo tempo em que engendra a construção/fortalecimento do poder popular, rumo à sociedade socialista.

Uma vez exposto o sentido da formação e da luta do MST, passemos a compreender o “sentido educativo” desse Movimento.

## **2) O sentido educativo do MST**

Compreendemos por educação, de uma maneira geral e ampla, o processo de formação dos seres humanos, por intermédio do qual as pessoas aprendem a conviver (inserir-se) numa determinada sociedade, incorporando e modificando suas regras, ao mesmo tempo em que conformam e transformam a si mesmas. “O supremo ideal do processo educativo como um todo é fazer do indivíduo um membro da sociedade” (Figueira, 1985 :15). Há para cada época histórica, portanto, “aquilo que é mais apropriado para se aprender e para se ensinar. Uma época determinada não ensina uma qualquer coisa, um corpo qualquer de saber. Ensina aquilo que pode e deve ensinar” (Figueira, 1985 :13). O ensinar nasce, portanto, “com as relações reais dos indivíduos”. Cada período histórico precisa formar o homem necessário para sua época. Ao capitalismo interessa que os homens aprendam a viver sob condições determinadas: as relações sociais burguesas.

Todavia, as relações humanas, e a educação como parte destas, não são um campo imóvel ou homogêneo. Compreendida no seio das relações sociais, a educação é espaço de disputa política entre as distintas classes que compõem determinada sociedade. É espaço de conflito de interesses diversos e antagônicos: a manutenção e o aprendizado da ordem ou a transformação / superação da sociedade vigente e a consolidação e aprendizado de novas relações sociais. A formação humana ocorre nesse embate entre forças distintas. A luta de classes, os interesses diversos, os conflitos, alteram a sociedade, modificam as formas de viver. O ser humano precisa adaptar-se às formas que vão surgindo (mesmo porque ele é o agente dessas transformações), precisa aprender a viver de “novo” jeito. Deste modo, a educação se processa fundamentalmente na mudança, nas contradições, nos embates e não no estável, seguro ou no “correto” e perfeito. O próprio ato de educar-se pressupõe mudança, alteração, incorporação de elementos e ações novos.

O Movimento Sem Terra é um importante movimento, na atualidade, de enfrentamento ao capitalismo e de construção de novas formas de organização e convívio social, como indicamos anteriormente e retomaremos adiante. É o cenário onde novas relações entre as pessoas vêm sendo construídas e exercitadas e, portanto, onde um processo de educação / formação humana vem se desenvolvendo na contramão do capital, decorrente do embate com este.

O MST volta sua ação para a transformação social: a superação da sociedade burguesa e a construção do socialismo. É do caráter do MST a luta pela terra, pela Reforma Agrária e contra o capital. Por isso, “ser Sem Terra é não aceitar ser esmagado”,<sup>13</sup> é estar alerta e permanentemente em luta. A ação e a educação decorrentes da participação no MST dirigem-se para a transformação social. “Eu acredito, e acho que fora isso seria em vão nosso trabalho, mas educamos o povo e nos educamos junto pra mudança de sociedade, o objetivo é a mudança de sociedade” (Chico<sup>14</sup> – Direção do MST/SC).

Nos princípios da educação no MST, que se referem mais diretamente às escolas, aos cursos de formação e encontros, é explícito o direcionamento da “educação para a transformação social”. A educação no MST é “um processo pedagógico que se assume como político, ou seja, que se vincula organicamente com os processos sociais que visam à transformação da sociedade atual, e à construção, desde já, de uma nova ordem social, cujos pilares principais sejam a justiça social, a radicalidade democrática e os valores humanistas e socialistas” (MST, Caderno de Educação n. 8, 1997 :6).

É uma proposta educacional com clara postura “de classe”, visando à formação crítica dos trabalhadores em relação à sociedade vigente. Uma formação voltada à capacidade de organização dos assentados e à construção do projeto nacional popular. Propondo-se fortalecer a consciência de classe, o projeto educacional prevê que todos devem ter acesso à educação e escolarização nos diversos níveis, capacitando-se técnica e politicamente.

---

<sup>13</sup> Fala de uma Sem Terra em reunião do coletivo de educação, novembro de 2001.

<sup>14</sup> Esclarecemos que todos os nomes aqui apresentados são fictícios a fim de preservar a identidade dos entrevistados. As verdadeiras identidades constam no diário de campo e nas fitas onde as entrevistas estão gravadas.

A educação “formal” no MST (escolas, cursos, encontros...) deve ser “organicamente vinculada” ao movimento social, colada a seus princípios, lutas, trajetória. Deve ser parte e instrumento do movimento a que se vincula, refletindo sua dinâmica no processo pedagógico. Deve partir de problemas concretos, buscar soluções para problemas concretos, mas ao mesmo tempo estar “aberta para o mundo”, atualizada com seu tempo histórico, contemplando os diversos saberes e culturas produzidos pela humanidade. É uma educação que deve estar aberta para mudanças (e provocá-las), ou “aberta para o novo”, como diz o MST. O objetivo é construir “valores humanistas e socialistas” e formar o ser humano integral, contrapondo-se à mutilação que o capital opera nas pessoas. Contrariamente à lógica burguesa, objetiva potencializar e desenvolver outras dimensões humanas além da capacidade de trabalho, mas fundamentalmente a capacidade de pensar e agir do sujeito como protagonistas de sua história (MST, Caderno de Educação n. 8, 1997). Estes são alguns indicativos do papel da educação na efetivação da sociedade almejada pelo MST.

Porém, além dessa dimensão da educação formal, sistematizada no Movimento, compreendemos que o próprio MST é educador dos sem-terra, que aprendem estando presentes e participando de sua história. Essa educação se dá essencialmente objetivando a transformação social. Esse sentido não é algo que se dirige apenas para o futuro, como se não pudesse ser exercitado no presente, ou ainda como se fosse possível um futuro cujos fundamentos não fossem construídos desde o agora. A vivência de novos valores, de novas bases nas relações humanas é algo que já vem sendo experimentado e construído. A *coletividade Sem Terra* vive (ainda que na forma de ensaio, turbulento, conflituoso) novas relações. O MST não apenas projeta relações humanas diferentes das burguesas, forja-as. Não apenas quer construir novas mulheres e homens, mas os forma com valores humanistas e socialistas no dia a dia, em sua dinâmica. Para o MST, a sociedade do futuro deve ser construída desde já.

Apoiados em Caldart, entendemos que o MST se constitui *sujeito pedagógico* ou agente educador dos sem-terra, uma vez que “atua intencionalmente no processo de formação das pessoas que o constituem” (2000 :199). Essa intencionalidade pedagógica está no “caráter do MST” e se expressa em seus “objetivos, princípios, valores e jeito de ser”.

*Não me parece difícil identificar nessa trajetória e em cada uma das vivências que constituem a identidade Sem Terra, a presença pedagógica constante do próprio Movimento. É ele o sujeito educativo principal do processo de formação dos sem-terra, no sentido de que por ele passam as diferentes vivências educativas de cada pessoa que o integra, seja em uma ocupação, um acampamento, um assentamento, uma marcha, uma escola. Os sem-terra se educam como Sem Terra (sujeito social, pessoa humana, nome próprio) sendo do MST, o que quer dizer construindo o Movimento que produz e reproduz sua própria identidade ou conformação humana e histórica (Caldart, 2000 :205).*

Na reflexão dessa autora, os Sem Terra se educam enquanto tal *sendo do MST*, ou seja, fazendo parte de uma coletividade, da qual, ao mesmo tempo em que são por ela formados, dela também são construtores. O MST se constitui em sujeito educador uma vez que possui uma dinâmica em seu interior, um *movimento* dentro do Movimento que é construtor da identidade e da *coletividade Sem Terra*. Caldart delinea cinco “matrizes educativas” que o MST aciona para a formação do sem-terra: a Pedagogia da Luta Social, a Pedagogia da Organização Coletiva, a Pedagogia da Terra, do Trabalho e da Produção, a Pedagogia da Cultura e a Pedagogia da História. Trataremos brevemente da Pedagogia da Terra, do Trabalho e da Produção, cujo tema relaciona-se diretamente com este estudo. De qualquer modo, na Parte II observaremos como essas matrizes delineadas por Caldart se fazem presentes no assentamento *Conquista na Fronteira*.

A matriz da Pedagogia da Terra do Trabalho e da Produção parte do princípio segundo o qual a produção das condições materiais da existência humana, o trabalho e a “terra de cultivo” são educativas. Desta forma, os sem-terra se educam em sua relação com a terra, o trabalho e a produção. A reflexão de Caldart em relação à Pedagogia da Terra baseia-se no entendimento de que primeiro o MST a “repõe em movimento”, uma vez que promove um “reencontro” dos sem-terra com a terra, restabelecendo uma relação que foi interrompida pela sua expulsão da terra de trabalho. Neste sentido, a luta do MST não é apenas pela socialização dos meios de produção (terra), mas também uma luta pelo trabalho. A terra, o trabalho e a produção adquirem para o sem-terra uma dimensão mística, não só porque foram desses meios de subsistência excluídos, mas também porque o retorno a esses meios ocorre em

conseqüência de muita luta e organização. Na sequência, o MST não apenas faz o reencontro do sem-terra com a terra, mas recria a relação estabelecida entre ambos, buscando criar um “novo modelo camponês de produção”.

*Os sem-terra se educam no processo, de modo geral tenso e conflituoso, de transformar-se como camponês sem deixar de sê-lo, o que quer dizer, buscando construir relações de produção (e de vida social) que já não são próprias do campesinato tradicional, de onde muitos sem-terra tem origem, mas que continuam vinculadas (econômica, política e culturalmente) à sua identidade (de raiz) camponesa (Caldart, 2000 :224).*

Compreendemos que o acento educativo não está no “novo” modelo de produção camponês, mas no movimento da passagem do “velho” para o “novo”, isto porque este “novo” ainda não está consolidado; está em gestação. Então o educativo está exatamente no *movimento* da transformação de um momento para outro, no processo de *construção* de uma forma de produzir a vida que rompa com as barreiras degenerativas do capitalismo. Isto quer dizer que a construção/consolidação de um modelo de produção que não seja dependente do capitalismo se constitui como um grande desafio do MST. O movimento criado para superá-lo, sem dúvida, provoca muitos aprendizados nos sujeitos que se propõem a construí-lo.

Esse desafio observamos na árdua luta das pessoas no assentamento *Conquista na Fronteira* para manterem-se economicamente, ao mesmo tempo em que buscam efetivar esse modelo de produção superior ao capitalismo. Se as relações de produção lá existentes são educativas no sentido da transformação social é uma questão polêmica<sup>15</sup>, porém, o contexto em que se inserem e a luta para a construção do “novo”, fortemente presente no assentamento, indiscutivelmente o são.

A educação no MST se dá de forma participativa, atuante e não passiva do sujeito sem-terra. Isso significa dizer que este se educa (no MST) através de sua própria ação, lutando, convivendo, estudando, produzindo, se organizando. O MST só pode se realizar como educador se o sem-terra participar, agir, se puser em movimento. É um aprendizado que pressupõe a ação do aprendiz. De outro lado, essa ação também forma seu próprio educador, o

MST. Por isso esse Movimento tem em Paulo Freire uma referência pedagógica fundamental. As reflexões pedagógicas desse autor traduzem o modo de pensar do Movimento<sup>16</sup>.

Refletindo acerca de seus próprios desafios como sujeito educador, o Movimento chama a si a tarefa de “ajudar as famílias sem-terra a romper com o processo de desumanização ou de degradação humana a que foram submetidos em sua história de vida”, “assumindo a identidade Sem Terra” e os “valores e jeito de ser dos *lutadores do povo*<sup>17</sup>” (MST, Boletim de Educação n. 8, 2001 :21). Romper com a degradação humana decorrente do capitalismo é criar uma dinâmica social nova, ou socialista, como pretendente o MST. Os “novos” valores e o jeito de ser devem ser coerentes com essa forma social que buscam construir. O pano de fundo do processo educativo do MST, que podemos considerar como sua grande obra/herança<sup>18</sup> para a humanidade, é o resgate da dignidade humana, da auto-estima e da recuperação daquilo que a caracteriza como espécie: a capacidade de pensar, de emocionar-se, de agir conscientemente e assim fazer a história. A ordem do capital, para se perpetuar, nega/impede que as características fundamentais da humanidade se desenvolvam. Para o MST é fundamental recuperarmos o humanismo e seu contínuo e amplo desenvolvimento. Por isso, é imprescindível a transformação das estruturas sociais.

*O MST educa para a vida, educa no sentido da liberdade, no sentido do exercício da cidadania, das pessoas serem sujeitos da história e não objetos, educa no sentido da cooperação, da solidariedade, do senso de justiça, pra esses valores que apontam para um novo tipo de sociedade, novas formas de convivência social. Educa pra que a gente assuma o comando um dia nesse país, educa pra isso também. A maioria tem que assumir, algum dia nesse país... a maioria que é o povo, trabalhadores, explorados sejam o comando do país (Luis – Direção Nacional).*

---

<sup>15</sup> Esse tema é tratado no próximo ponto e no decorrer do segundo capítulo.

<sup>16</sup> Sobre este assunto ver, dentre outras obras de Paulo Freire: *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974 e *Professora Sim tia não. Cartas a quem ousa ensinar*. 10ª ed.. São Paulo :Olho D’Água, 2000.

<sup>17</sup> Lutadores do povo é o nome dado às pessoas que lutam por um projeto nacional-popular para o Brasil.

<sup>18</sup> “*O MST completou 15 anos em 1999, descobrindo que tem, afinal, duas grandes tarefas na história: ajudar a acabar com o ‘pecado mortal’ do latifúndio, desconcentrando e tornando socialmente justas as terras deste país imenso; ajudar a humanizar as pessoas, formando seres humanos com dignidade, identidade e projeto de futuro. E talvez esta segundo seja a tarefa que melhor vem cumprindo desde que começou a ser gestado*” (MST, Boletim de Educação n. 8, 2001 :27).

Só haverá esse futuro desejado se as pessoas desde já começarem a construí-lo. O mundo se faz como nós o fazemos. A história humana não está pré-determinada, agir conscientemente é imprescindível. Reconstruir o ser humano como sujeito é uma tarefa histórica que os lutadores por uma sociedade justa assumiram. Os sem-terra se educam para o que desejam ser e, portanto, começam a sê-lo desde já. Compreendem, assim, que mudar o mundo é possível. Isso está na base de cada ação do MST. É o sentido das ações do Movimento.



## CAPÍTULO II

### O TRABALHO NA PEDAGOGIA DO MST

“O trabalho deve ser uma necessidade moral nossa,  
o trabalho deve ser algo para o qual vamos a cada manhã, a cada tarde, a cada noite  
com entusiasmo renovado”

(Anton Makarenko)

“Um povo instruído ama o trabalho e sabe tirar proveito dele”

(José Martí)

Ocupar a terra decorre da necessidade de sobrevivência. Vítimas da expropriação social, os sem-terra foram expulsos da terra, das condições de trabalho, da escola, enfim, das condições que lhes pudessem garantir sua inserção social, suprimindo as necessidades de subsistência. A constituição do MST efetiva-se como necessidade de os milhões de sem-terra conquistarem um pedaço de chão onde pudessem trabalhar e produzir. Não é por acaso, portanto, que os sem-terra formam o MST. Este surge como a última (e por isso radical) tentativa de produzir a vida. A terra e o trabalho estão, dessa maneira, na raiz da formação do MST, uma das condições fundamentais para sua existência. “A motivação primeira do movimento é conseguir resolver o problema econômico, o problema de sobrevivência de milhares de famílias de agricultores, que se encontram sem perspectivas de trabalho e que desejam continuar trabalhando na terra” (Görgen e Stédile, 1993 :36).

Podemos dizer, então, que a terra e o trabalho são elementos fundamentais que aglutinam os sem-terra em torno do MST. Em outras palavras, não é possível conceber a existência deste movimento sem a luta pela terra e por conseqüência, pelo trabalho. “O sem terra aspira à terra como uma oportunidade de trabalho. Como uma garantia de sobrevivência para ele e para seus filhos” (Görgen e Stédile, 1993 :35).

Do ponto de vista imediato, o que se coloca no horizonte do sem-terra ao lutar por terra e por trabalho é a produção de sua existência “O trabalho significa para nós do MST a vida... a nossa vida. É com trabalho que buscamos a sustentação nossa, de nossos filhos” (Tonho – Direção da CONCRAB). Porém, não é apenas a sobrevivência familiar que o acesso ao trabalho possibilita:

*O sentido do trabalho para o MST é o de recuperar a própria dignidade do ser humano, porque na medida em que as pessoas são jogadas de lado na sociedade, passando a simplesmente vegetar, o Movimento busca recuperar estas pessoas, reincorporá-las no processo produtivo (Juarez – Direção Estadual).*

Através da integração das pessoas ao processo produtivo o que fundamentalmente se faz presente para o MST é a recuperação da dignidade humana, negada pela sociedade burguesa ao excluir multidões das condições que permitem a reprodução da vida. Esta é negada também no próprio processo de trabalho que reproduz a vida de forma estreita, indigna e em condições sub-humanas. Nesse sentido, a terra e o trabalho e sua re-significação (ou novo sentido que assumem no MST) simbolizam dignidade, vida e liberdade para o sem-terra.

Porém, reintegrar-se a essa sociedade não pressupõe garantias de manter-se, de viver dignamente. A lógica do capital é concentradora e excludente. O capitalismo, ao colocar centralmente a produção e o acúmulo da riqueza, expõe as pessoas às piores condições de miséria. Já para o MST, as preocupações com o ser humano devem ser fundamentais. Compreendendo os mecanismos de reprodução da sociedade burguesa, o Movimento não luta, portanto, apenas para “devolver” as pessoas à sociedade, aquela mesma que as excluiu. É necessário também construir parâmetros sociais que pressuponham a efetiva participação, a igualdade de direitos e deveres, a justiça e os valores de cultivo da vida humana. Esta é uma dimensão fundamental da luta do MST, para além da terra e do trabalho: a transformação social.

Assim, o Movimento busca desde as bases, ou seja, os acampamentos e assentamentos, construir relações não pautadas pelas estreitas margens do capitalismo. Para tanto, vem buscando construir formas alternativas de produção agrícola que possibilitem o

desenvolvimento de um modo de produção camponês, indicador da sociedade que almejam. Enfim, os Sem Terra do MST não querem apenas reintegrar-se à sociedade que os excluiu e que em breve poderá excluí-los novamente, querem uma sociedade em que não existam excluídos, explorados, exploradores, fome, injustiça. Querem, além de terra e trabalho, vida digna, sociedade justa, pessoas livres. Organizam-se de forma a cultivar novos parâmetros/valores nas relações humanas. Ousam, mesmo inseridos na sociedade burguesa, viver sob moldes diferentes desta, buscando alternativas que até permitam superá-la.

O trabalho na sociedade burguesa faz-se exploração do trabalhador e riqueza do capitalista. Os Sem Terra percebem essa relação e buscam, ao mesmo tempo em que lutam pelo trabalho, desenvolver formas de organização da produção que possibilitem a efetivação de novas relações. Para o MST, essa forma é a cooperação. Assim, quando o Movimento se refere ao trabalho “mais plenamente educativo”, diz respeito ao trabalho cooperado, ou ao trabalho “que mistura cooperação com democracia” (MST, Boletim de Educação n. 4, 1995).

À medida que o trabalho, assim como a terra, são fundamentais para os sem-terra, ambos adquirem uma dimensão de certa forma mística. A terra é tida como um símbolo da organização, representando a vida, o sonho realizado ou por realizar. O trabalho aparece como elemento educador e formador do Movimento. É considerado um valor moral, no sentido de que o trabalho educa o ser humano, e todo Sem Terra deve por ele primar, compreendendo-o como dignificante, educativo, enobrecedor. “O trabalho é princípio educativo fundamental, nada educa mais as pessoas do que o trabalho. E isto vale para qualquer idade, qualquer sociedade” (Boletim da Educação n. 4, 1995).

O MST, remontando às origens da formação da humanidade, entende o trabalho como inerente ao ser humano, isto é, inseparável desse processo de formação. Neste sentido, todo homem deve trabalhar. O trabalho dignifica. Quem não trabalha perde sua dignidade e degrada-se por meio da inutilidade. Daí também deriva o combate à “preguiça” e aos “vícios”. Existe uma Pedagogia do Trabalho no MST, pela qual este aparece como um importante educador do ser humano e mesmo possuindo um valor moral em si. “A pessoa que não trabalha não é nada. Ela se torna uma pessoa infeliz, é uma pessoa morta. Ela não produz idéias, não produz mercadorias. Então, acho que o trabalho é uma atividade importantíssima

para a pessoa humana. O dia que não tiver mais trabalho o ser humano deixa de existir” (Tonho – Direção da CONCRAB).

O trabalho como valor e princípio educativo transparece em diversos momentos e espaços no MST, como por exemplo nas místicas e músicas do Movimento. Inicialmente nos deteremos em descrever como o trabalho aparece nos documentos do MST e seu significado, especialmente o caráter educativo a ele atribuído, para num segundo momento realizarmos um esboço de análise crítica. O trecho a seguir afirma a dignidade pelo trabalho, bem como a condição de liberdade:

*Guarde bem essa verdade  
Trabalho é dignidade  
Senão, há escravidão<sup>19</sup>*

A música “O trabalho gera vida” de Zé Pinto, além de engrandecer o trabalho, também é um culto à disposição para a ação, iniciativa, boa vontade e um “chega prá lá” na preguiça.<sup>20</sup>

*Cinco horas da manhã  
Canta o galo “garnizé”  
O meu pai levanta cedo  
Minha mãe já está de pé.  
E a patinha no terreiro  
Faz quá, quá, quá, quá, quá, quá,...  
E a galinha cacareja  
Pra dizer que vai botar.*

*E eu também vou levantar  
Escovar os dentes, o rosto lavar  
Pegar a sacola, eu vou estudar*

---

<sup>19</sup> Música “Soletando Liberdade” de Zé Pinto – compositor e cantor popular do MST. Gravada no Disco Compacto Infantil do MST “Plantando Cirandas”.

<sup>20</sup> “Xô Preguiça / xô preguiça / pois nós somos Sem Terrinha e tu não tá na nossa lista” é outra música do mesmo CD do MST. Do mesmo autor.

*Pra depois os outros poder ensinar.*

*No caminho da escola*

*Aprendi admirar*

*O cantar do passarinho*

*Majestoso sabiá.*

*Minha escola construída*

*Com a força do mutirão*

*O trabalho gera vida*

*No valor da união.*

Outro aspecto que as músicas revelam é a concepção de que o trabalho é algo prazeroso, gratificante, enobrecedor “Terra de educar / Portal do amanhã / Quem chega pra ser / Trabalha cantando / Descobre sorrindo / Que o dia é mais lindo / Quando existe manhã”<sup>21</sup>. O exercício de “trabalhar cantando” se dá em um espaço cujas relações não se resumem à forma capitalista: trata-se de uma escola do Movimento, e esta música é o seu hino. Essa escola tem o trabalho como parte do cotidiano pedagógico e princípio educativo. Logo adiante, na mesma música, o reconhecimento de que o trabalho na sociedade burguesa é exploração e sofrimento: “Eu venho de gente / Que luta e sofre / Trabalha, se mata / Pra encher outros cofres...” Assim, o MST entende o trabalho como educativo, como valor moral, dignificante e enobrecedor, quando submetido a outras relações sociais que não as burguesas. É por isso que busca construir, nos assentamentos e escolas, práticas de trabalho coletivo, de gestão democrática e participativa. Esse aspecto revela-se contraditório se considerada a afirmação utilizada pelo próprio Movimento, segundo a qual todo trabalho educa, em qualquer sociedade. Por outro lado, o MST aponta as relações de trabalho cooperado e cogestionado como ideais no processo na organização dos assentamentos e como o trabalho “mais plenamente educativo”.

Os documentos do Movimento podem auxiliar no esclarecimento de sua elaboração/concepção em torno do trabalho como princípio educativo. Existem várias referências e indícios desse tema nos cadernos de formação, cooperação, cultura, mas é fundamentalmente nos documentos do setor de educação que este tema se encontra melhor

formulado. Delimitaremos nossa análise em torno de alguns documentos nos quais se concentram as análises do MST sobre o trabalho e sua dimensão pedagógica.

O Boletim de Educação n. 4, de 1995, traz formulações que tratam especificamente das relações entre escola, trabalho e cooperação<sup>22</sup>. Neste, encontra-se de forma mais elaborada a compreensão do MST em relação ao trabalho como processo educativo. Entre outras reflexões encontra-se: “o trabalho educa porque mexe com várias dimensões importantes da formação humana” (MST, 1995 :5). Vejamos algumas, para posteriormente analisá-las:

1)“O trabalho educa formando a consciência das pessoas”. A forma de ver o mundo (consciência) depende da realidade em que as pessoas estão inseridas (condições objetivas). O trabalho (forma de produzir a existência) é fundamental na determinação da consciência. As diferentes ocupações criam experiências e visões de mundo diferenciadas, desta forma, a consciência de um agricultor será distinta da de um operário, e essas duas, diferentes das de um dono de banco.

2)“O trabalho educa produzindo conhecimentos e criando habilidades”. Diversos conhecimentos produzidos pela espécie humana decorrem de necessidades criadas pelo trabalho, na busca de tornar mais fácil a exploração da natureza. Pelo trabalho, conhecimentos e ações são incorporados, produzidos e reelaborados.

3)“O trabalho educa provocando necessidades humanas superiores”. É através do trabalho e do que é por ele criado que a forma de viver se torna mais complexa, ampliando as relações estabelecidas com o mundo e, dessa forma, ampliando as necessidades humanas. Este movimento incessante de busca torna as pessoas mais humanas.

Explicitadas essas posições, cabe questionar: todo trabalho educa? Qual trabalho é educativo? Para o MST “todo o trabalho educa o sujeito, pelo menos em alguma dimensão. O que acontece é que muitas vezes o trabalho é ao mesmo tempo educativo e deseducativo, quer dizer, educa num lado e deseduca no outro” (Boletim de Educação n. 4, 1995 :6). Por

---

<sup>21</sup> Música: Terra de Educar. Autor: Protásio Prates.

<sup>22</sup> Existem outros escritos do Setor de Educação que abordam de forma central a questão do trabalho, porém não são exatamente produzidos pelo MST, são textos extraídos das obras de Anton Makarenko e Pistrak, autores que fundamentam a elaboração do MST nessa área.

exemplo, o trabalho desenvolvido por um operário em uma indústria capitalista por um lado é deseducativo, uma vez que o trabalhador é explorado e alienado; mas, ao mesmo tempo esse trabalhador se educa para o trabalho coletivo socialmente dividido. Em algumas atividades “os elementos desumanizadores são muito mais fortes” (Clarice – Setor de Educação). Nesse caso, trata-se de neutralizar os aspectos deseducativos e potencializar os educativos. O trabalho “mais plenamente educativo é aquele que contempla: a apropriação dos resultados do trabalho pelo trabalhador; a gestão democrática dos processos de trabalho; a clareza do trabalhador sobre o que está fazendo, para quê e para quem” (Boletim de Educação n. 4, 1995).

O Caderno de Educação n. 8 que discute os princípios filosóficos e pedagógicos da educação no MST, sendo um deles o trabalho, traz presente a preparação para o trabalho. Nesse caderno argumenta-se a necessidade de a educação e de a escola serem comprometidas com o tempo e com espaço em que vivem, ou seja, “no caso das práticas educacionais que acontecem no meio rural, esta relação não pode, hoje, desconsiderar a questão da luta pela Reforma Agrária e os desafios que coloca para a implementação de novas relações de produção no campo e na cidade” (MST, 1995 :7).

Essa afirmação indica a importância de a escola vincular-se à realidade e às necessidades do campo, mais especificamente à realidade dos sem-terra. Para o MST, a escola deve envolver-se com os desafios originados nas relações produtivas dos assentamentos, contribuindo com o desenvolvimento local. Esse desenvolvimento deve ocorrer no campo econômico, político, cultural... Por isso, o princípio da educação para o trabalho dá ênfase à educação para a cooperação, ou ao trabalho cooperado, uma vez que se faz necessário construir novas relações de trabalho no campo, não mais pautadas pelo individualismo, mas no trabalho coletivo e na união dos trabalhadores do campo para a conquista de melhores condições de vida no meio rural. Novamente destaca-se a importância da cooperação. Não são as formas de produção e de trabalho pautadas pela exploração que devem ser cultivadas, mas as formas que auxiliem na consolidação de um “novo modelo de desenvolvimento para o meio rural”.

O trabalho também figura dentre outros princípios pedagógicos: “Educação para o trabalho e pelo trabalho”, ou seja, este é tomado como um dos fins e meios do processo educativo.

Educar para o trabalho, segundo o Caderno dos Princípios da Educação no MST, pressupõe a consecução dos seguintes objetivos:

- desenvolver o amor pelo trabalho, em especial ao trabalho no meio rural;
- compreender o trabalho como produtor de riquezas e as diferenças entre as relações de trabalho explorado e as relações mais justas;
- superar a discriminação entre trabalho manual e intelectual, preparando para ambos;
- qualificar as relações de trabalho vivenciadas nos diversos espaços dentro do MST, tanto do ponto de vista técnico como político-social;
- realizar reflexão - ação na escola sobre os problemas acerca do trabalho surgidos nos assentamentos e acampamentos;
- preparação técnica e política para os diferentes trabalhos/tarefas que se fazem necessários na luta pela Reforma Agrária.

O trabalho tomado como método educativo é ancorado nas seguintes justificativas:

- o trabalho provoca necessidades de aprendizagem, possibilitando a construção de novos conhecimentos;
- as experiências de trabalho e as relações sociais que ele gera podem tornar-se espaços oportunos para exercitar a cooperação e a democracia;
- o trabalho e as demais relações sociais são espaços para cultivar valores, novas relações humanas e para dar continuidade à luta dos trabalhadores.



### **Alguns elementos para reflexão**

Inicialmente, passemos a delimitar a concepção de trabalho expressa neste texto.

No marxismo, o trabalho é compreendido como a relação que o ser humano estabelece com a natureza, relação através da qual a espécie humana busca apropriar-se da matéria natural de forma a torná-la útil à vida, satisfazendo necessidades. Dessa forma, a natureza é transformada ao mesmo tempo em que o homem transforma a si próprio (Marx, 1999). O ser humano se distingue dos outros animais pelo trabalho (ação consciente, racional), tendo a própria humanidade se constituído como tal pelo trabalho.

Se formos buscar as origens do trabalho veremos que, “em geral, (...) como fato e como noção é tão antigo como o homem, a família, a sociedade e a História da humanidade” (Castro, 1988 :2). Entretanto, além dessa dimensão geral, que remonta à existência da espécie humana enquanto tal, o trabalho se apresenta em uma “dimensão sócio – histórica”.

No capitalismo, o trabalho não se volta ao atendimento das necessidades humanas, mas aos interesses do capital. É gasto de energia para produção de artigos que não são consumidos por seu produtor. Via de regra, nesse modo de produção, o trabalho não desperta interesse e criatividade, é repetitivo e mecânico, fonte de acumulação capitalista. Além do mais se faz alienação do trabalhador e mecanismo de exploração. Assim, o trabalho no capitalismo revela sua “natureza contraditória”.

*O trabalho em si (isto é, como relação utilitária homem/natureza e como auto-transformação do homem) é manifestação da vida, de criatividade humana (manifestação da essência humana). No entanto, na sua forma capitalista, como trabalho assalariado, (separado de seu executor, pela dominação do capital sobre os meios de produção e sobre o trabalho comprado ou capital “variável”), é negação da “essência humana”, da criatividade (Castro, 1988 :3).*

Feitas essas considerações iniciais, lancemos um olhar para o estágio em que se encontra hoje a humanidade. Constataremos então que as forças produtivas atingiram uma potencialidade jamais vista. Produzem-se os mais variados produtos em quantidade ilimitada. Diminui-se contínua e aceleradamente o trabalho necessário para a produção da riqueza,

configurando um avanço do homem sobre a natureza. Isto é positivo à medida que abre a possibilidade de a humanidade, ao libertar-se da condição natural em que se encontrava no estágio inicial de sua evolução, produzir conscientemente sua existência. Entretanto, uma vez que as forças produtivas se põem, na sociedade burguesa, a serviço da acumulação do capital, as necessidades humanas deixam de ser sanadas.

Decorre daí uma de suas contradições: ao mesmo tempo em que o capitalismo cria uma potencialidade produtiva jamais vista, essa produção torna-se inacessível aos milhares de famintos, miseráveis e excluídos do trabalho, os quais não só estão impossibilitados de ter acesso à riqueza, mas também impedidos, por essa mesma estrutura, de produzir sua vida de outra maneira.

*O homem burguês produz sua existência tendo por base os meios criados pelo próprio homem. E, ao assim proceder, desata o homem dos meios naturais para prendê-lo às relações sociais burguesas: o capital. Atar o homem ao capital significa dizer que sua existência é determinada pelas formas sociais nas quais a produção se transforma. O homem, na sociedade capitalista, é dominado pelos meios de produção (Aued, 1999 :121).*

Ao libertar a produção das condições naturais (relativamente, mas cada vez mais), as forças produtivas podem se desenvolver de forma fantástica, sendo sua medida a força produtiva social (Aued, 1999). Entretanto, ao prender o homem às relações burguesas, essa produção abundante não se destina ao próprio homem. O capital universaliza a produção da riqueza e “engendra a possibilidade de ela (universalização) também se processar na apropriação da riqueza. Mas, pela natureza de sua relação social, impede que essa condição se concretize” (Aued, 1999 :127).

Entendemos, dessa maneira, que enquanto vivermos sob a égide do modo de produção capitalista, o trabalho será fonte de expropriação dos trabalhadores e de acumulação dos capitalistas (trabalho pago – salário, e trabalho não pago – mais valia). Daí advém a riqueza de poucos, que se contrapõe à miséria de muitos. E assim, o trabalho historicamente pensado significa puro gasto de energia humana, alienação e exploração.

Reforça-se assim a contradição acima posta: ao mesmo tempo em que as forças produtivas indicam a possibilidade de a humanidade reduzir e mesmo eliminar o trabalho, este se faz condição fundamental de sobrevivência para os trabalhadores. A angústia, o desespero, a miséria e a degradação a que estão expostos milhares de desempregados revela o quanto o trabalho significa a vida (e morte) dos trabalhadores (e dos que pretendem sê-lo) no capitalismo.

*Ao ver como se pegam e se jogam homens e mulheres em virtude de um mercado de trabalho errático, cada vez mais imaginário, comparável àquela “pele de onagro” que se encolhe, um mercado do qual eles dependem, do qual suas vidas dependem, mas que não depende deles; ao ver como já não são contratados com tanta frequência, e como vegetam, em particular os jovens, numa vacuidade sem limites, considerada degradante, e como são detestados por isso; ao ver como, a partir daí, a vida os maltrata e como ajudamos a maltratá-los; ao ver que, para além da exploração dos homens, havia algo ainda pior: a ausência de qualquer exploração (...), não sendo sequer exploráveis, nem sequer necessárias à exploração (Forrester, 1997 :16).*

Transportando essas discussões para o contexto dos sem-terra, cabe-nos reafirmar que o trabalho é para eles uma necessidade. Como necessidade, não é bom ou ruim, educativo ou deseducativo, é simplesmente uma imposição histórica da natureza à humanidade.

Todavia, o trabalho não é algo acima das relações humanas. É inserido nessas relações, é parte destas e, como tal, condicionado à forma que uma determinada sociedade assume. E é esta a definidora das relações de trabalho: se justas ou injustas, convenientes a quem, formativas para quê. O que necessita ser discutido, portanto, são as relações de uma determinada sociedade como positivas ou negativas. E cabe aqui indagar: essas relações apontam para a construção de que homem? Qual futuro indicam? São relações conscientes ou inconscientes, democráticas ou impostas? Esse é o aspecto que nos cabe discutir e transformar. Que nos cabe julgar e nele intervir.

Na parte anterior deste texto que discute o sentido educativo do MST, acreditamos ter deixado claro que esse sentido se dirige à transformação social. A mudança radical nas

estruturas sociais interessa ao MST e é para tanto (entre diversos outros elementos que se sintonizam e se somam a este) que o Movimento educa os sem-terra. Essa referência nos interessa manter ao analisar o trabalho como princípio educativo neste Movimento. Interessamos, portanto, questionar se o trabalho educa para a construção de outra sociedade. Se a resposta for positiva, perguntamos ainda: quais formas de trabalho são condizentes com a perspectiva maior do MST?

Se o trabalho sob os moldes do capital, como expusemos acima, leva à degradação e à miséria humana e através dele ocorre a exploração de um homem sobre o outro, definitivamente esse trabalho não pode ser princípio de uma educação que pretende contribuir com a mudança social. Não pode ser parâmetro educativo para o MST. Neste ponto da discussão o Movimento afirma: “não é qualquer trabalho” que deve servir como referência para a proposta educacional. Segundo seus documentos, há trabalhos mais educativos ou menos educativos<sup>23</sup>. Aponta então o trabalho cooperado, de gestão democrática e livre da exploração como parâmetro.

Em torno desse aspecto interessa-nos argumentar. Marx (1999), ao estudar as relações produtivas burguesas, desvenda o caráter abstrato do trabalho como forma determinante das relações de produção nessa sociedade. Em outros termos, para Marx, o trabalho concreto, produtor de coisas úteis, voltado à satisfação das necessidades humanas não interessa ao capitalismo uma vez que nessa forma social, o trabalho se destina ao acúmulo de riquezas, voltado, portanto, às necessidades do capital. Esse mecanismo leva à miséria e à degradação dos trabalhadores. O trabalho livre da exploração e alienação humana, que leva ao enobrecimento e à dignidade é irrealizável sob a lógica do capital.

O MST se refere ao trabalho concreto, como se esta forma fosse determinante das relações estabelecidas, colocando em posição secundária a dimensão abstrata do trabalho. Por exemplo, quando trata das diferentes profissões / ocupações, considera-as geradoras de

---

<sup>23</sup> Quando dizemos educação ou educativo, nos referimos à educação que interessa ao MST. Deseducativos são os aspectos contrários a essa perspectiva, levando à sua desconstrução, numa perspectiva oposta. Nesse sentido, desconstrói/deseduca para o objetivo a que se propõe o MST. O “deseducativo”, por outro lado, é educativo para outros objetivos. Leva a outros saberes e necessidades, que, porém, não convêm à discussão que estamos realizando: a formação/educação para a transformação social.

consciências distintas, de acordo com as diferentes experiências. É claro que as diferentes experiências geram modos de pensar e de viver diversos, mas isto não ocorre apenas no tempo - espaço de trabalho, qualquer experiência nos forma em algum sentido. Mais do que diferentes ocupações e experiências, o que todos os trabalhadores têm em comum é o fato de serem expropriados pelo capital. Todos realizam trabalho simples, igual e social. Todos possuem em comum a venda da força de trabalho a outrem, que a emprega para reprodução do processo de acumulação de capital. Esta é a dimensão abstrata que iguala todos os trabalhadores, independente da ocupação e que predomina no mundo capitalista. Esta é a condição maior para a qual se volta a formação do trabalhador.

Consideramos, porém, - como os documentos do MST indicam e as experiências coletivas confirmam - a possibilidade de atenuar os “elementos deseducativos” do trabalho e potencializar os aspectos positivos que interessa ao Movimento. Aqui, sem dúvida, ressalta-se a cooperação no trabalho, a distribuição igualitária da produção, a participação, o planejamento, decisão e avaliação pelos trabalhadores do processo produtivo, saber o quê se faz e para quê se faz determinada tarefa. Esses elementos contribuem para que a realização e as relações de trabalho formem pessoas ativas, sujeitos da história e, portanto, capazes de transformá-la.

Entretanto, consideramos ainda que os elementos deseducativos (ou que para o MST não convêm) não são de todo eliminados. Afinal, ainda vivemos sob o capitalismo e esta forma é determinante das relações de trabalho. O estudo que realizamos no Assentamento *Conquista na Fronteira*, cujas relações produtivas são totalmente coletivas, buscando viver de uma forma mais humana, justa, democrática, revela as dificuldades de eliminar o caráter de exploração do trabalho. Observamos também que os elementos deseducativos do trabalho nesse assentamento são amenizados à medida que aquelas pessoas são trabalhadores e os próprios coordenadores, capazes de decidirem sobre o que realizam (ainda que parcialmente). Todavia, ao inserirem-se (de diversas formas) na lógica capitalista, passam a assimilar – mesmo inconsciente ou inevitavelmente - diversos de seus elementos. Nessa relação, seu trabalho é desvalorizado, explorado, contrário a suas necessidades. Impõe-se que trabalhem demasiadamente e cada vez mais (mesmo quando as forças produtivas aumentam

consideravelmente), usufruam pouco do que produzem, enfim, exigências que os distanciam das pessoas que desejam ser e das relações que almejam consolidar.

Um segundo aspecto diz respeito à idéia segundo a qual a reflexão acerca do trabalho pode torná-lo mais educativo. Concordamos que refletir sobre as ações e problematizá-las no intuito de melhorá-las, aperfeiçoá-las é um exercício que leva ao crescimento das pessoas e de suas ações. A mera realização do trabalho, o ato em si, como afirmamos anteriormente, é apenas necessário. As relações em que se situa e as reflexões sobre ele provocadas é que podem se tornar interessantes e valiosas ao projeto educativo do MST. Pistrak, em sua obra “Fundamentos da Escola do Trabalho” em que idealiza a educação para uma sociedade socialista diz:

*Não é o trabalho em si mesmo, o trabalho abstrato, como se fosse dotado de uma virtude educativa natural e independente de seu valor social, que deve servir de base para o ensino do trabalho manual. O trabalho enquanto puro gasto de energia cerebral ou muscular – um gasto que até pode ser inútil – tem uma importância mínima em relação aos **nostros objetivos na educação** (Pistrak, 2000 :105. Grifos do autor).*

E referindo-se à relação que deve existir entre educação e trabalho, no caso entre escola e fábrica, complementa: “a escola não estudará apenas a fábrica; consideramos que o trabalho principal da escola é *tornar compreensíveis ao aluno todos os nós e todos os fios que se ligam à fábrica* (Pistrak, 2000 :79). Na escola sugerida por Pistrak, há mediação entre ação e reflexão, entre estudo e trabalho, buscando compreender “todos os fios” que compõem a fábrica e o trabalho lá executado. Essa é uma condição fundamental para tornar o trabalho “da fábrica” menos deseducativo (falando dos países capitalistas, já que esse autor se referia à nascente sociedade socialista, portanto em processo de eliminação da exploração através do trabalho). Por outro lado, refletir sobre o trabalho não lhe extingue o caráter explorador e alienador, nem diminui a brutalidade, a intensidade e a repetição mecânica das ações a que os trabalhadores estão sujeitos. A reflexão crítica contribui para a superação do trabalho alienado à medida que possibilita desencadear ações que busquem novas relações de produção. De

maneira geral, o trabalho somente poderá ser educativo quando inserido em uma sociedade justa, democrática e na qual o ser humano conscientemente faz a história.

Em relação à concepção de que o trabalho educa por um lado e deseduca no outro, algumas reflexões consideramos importantes. Que o trabalho provoca aprendizagens, exige elaboração e construção de novos conhecimentos, provoca necessidades, e, nesse sentido se faz educativo, é parte da realidade. Esse aspecto revela a positividade do trabalho, mas não é exclusividade sua. Diversas são as atividades que demandam aprendizagens, conhecimentos, etc., como viajar, cantar, cozinhar, plantar, participar de uma ocupação, de um acampamento ou de mobilizações do MST. Isto porque se compreende que as relações sociais são formativas, inclusive o trabalho<sup>24</sup>. Cabe observar, é claro, para qual sentido formativo se dirigem. Isso fica evidente se observarmos como se formaram as lideranças do MST. Nenhuma delas afirmou adquirir consciência de classe, capacidade de organização e direção por meio do trabalho. Esses aprendizados são atribuídos à participação nas lutas e ações do MST ou de outras instituições de onde tiveram origem.

Entretanto, nem todo trabalho provoca aprendizagens, conhecimentos e necessidades, ou ainda o tipo de aprendizagens que se fazem necessárias para o trabalho. Isto em especial quando nos referimos ao trabalho pesado, repetitivo, desvalorizado, que a maioria dos trabalhadores realiza, inclusive no meio rural. Existem diversos trabalhos que, para serem executados, não demandam maiores qualificações, que nada exigem do trabalhador além de energia humana suficiente para poder repetir infinitamente o mesmo movimento. Que aprendizagens esse trabalho provoca? Que necessidades coloca além de (sobre)viver para no outro dia o trabalhador voltar ao seu posto? A pesquisa que realizamos no assentamento *Conquista na Fronteira* acerca dos aprendizados proporcionados pelo trabalho são reveladoras do quanto algumas atividades são repetitivas, maçantes, embrutecedoras e, em diversos casos, desprovidas de qualificações ou de algo que torna seu executor mais humano ou digno.<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> Em entrevista para esta pesquisa, ao ser questionada sobre onde aprende mais, no trabalho ou nas lutas do MST, uma assentada responde com muita clareza: no MST

<sup>25</sup> Ver o item “para que o trabalho educa” no segundo capítulo deste estudo.

Há uma grande falácia segundo a qual o trabalho está se tornando mais qualificado, exigindo uma diversidade de conhecimentos, etc.. Antunes (1999), dentre outros autores, revela que para a maioria dos trabalhadores o trabalho continua mecânico, desqualificado e estressante. O trabalho está se tornando mais qualificado para uma minoria que tende a diminuir. Afirmar, portanto, que o trabalho exige habilidades, conhecimentos, na direção de nos tornarmos mais humanos, pode não ser verdade para grande parcela da população que cada vez se vê mais degradada pelo trabalho.

Além dos elementos acima analisados, o trabalho, na Pedagogia do MST, aponta para duas dimensões: 1) a preparação para o trabalho (fim educativo), e 2) a preparação para a cooperação. Gostaríamos, sobre elas, de fazer alguns comentários.

Preparar para o trabalho é necessidade de diversas sociedades que, de diferentes maneiras, qualificam as pessoas para as formas produtivas existentes nos diferentes momentos históricos. As forças produtivas de cada época exigem a formação do homem adaptado ao seu grau de desenvolvimento.

O capitalismo, ao universalizar a produção, universaliza a educação. A escola pública, única, laica, voltada ao ensino de alguns elementos das ciências, corresponde à necessidade da forma burguesa de produção que cada vez mais tem no conhecimento científico um regulador. Educar para o trabalho é necessidade do capital. Mas é também necessidade dos que almejam a construção de novas relações produtivas, educando e preparando para o trabalho sob essa perspectiva. Compreendemos que este seja um sentido que o MST dá à preparação para o trabalho, ou seja, a educação no Movimento precisa voltar-se às necessidades do trabalho agrícola, camponês, especialmente quando inserido em uma estrutura que permita a elevação da consciência política, no caso, a cooperação. Esse aspecto da proposta educacional do Movimento é interessante à medida que vincula a escola à comunidade e aos desafios da realidade em que esta se insere. Mesmo com inúmeras dificuldades e limitações para modificar o espaço escolar, o MST tem diversas experiências que demonstram a possibilidade de a escolar vincular-se ao desenvolvimento local e com ele efetivamente contribuir.



Entretanto, no aparente preparo para o trabalho, são as relações sociais que são ensinadas e apreendidas. É viver da forma burguesa que interessa ao capital e por isso precisa ser difundida. Aprender a trabalhar pode significar aprender a aceitar a submissão, a exploração. Pode significar o aprendizado da resignação e da falsa idéia da inevitabilidade da sociedade posta. Preparar para o trabalho dentro de um processo educacional que pretende contribuir com a transformação social, pressupõe “a crítica radical das relações de trabalho” e portanto “a crítica radical do capital e do capitalismo” (Tumolo, 2001 :18), bem como a busca de novas relações de trabalho que pressupõem a construção da emancipação humana.

Na busca de construir essas novas relações de trabalho e uma nova sociedade, o MST aposta na preparação para a cooperação ou para o trabalho cooperado. A cooperação agrícola, segundo o Movimento, permite elevar o nível de consciência social do camponês e pode proporcionar uma vivência social mais humana. Nesse sentido, a cooperação é tida como forma de avançar da agricultura tradicional (pautada pela propriedade privada, pelo individualismo e pela dependência ao mercado, etc.), possibilitando o surgimento de um camponês capaz de se organizar combativamente para fazer frente ao capitalismo. Educar para a cooperação se traduz, nessa perspectiva, como necessidade do MST.

Com base na pesquisa realizada no Assentamento *Conquista na Fronteira*, podemos afirmar que essa perspectiva de cooperação indicada pelo MST - permitir uma reestruturação no trabalho, o que asseguraria a este o “status” de princípio educativo coerente com a educação transformadora -, não se realiza de forma plena. É inegável que as formas cooperativas de organização do trabalho e da produção no MST (cooperativas, grupos coletivos, associações) alcançaram avanços incomparáveis em relação à forma individual (familiar) de produção. Isso nos aspectos econômicos, políticos, culturais e em específico da consciência de classe, como revelou Vendramini (2000). Nesse sentido, o trabalho coletivo é tido como superior à forma individual, mas possui limites para superar a sociedade burguesa, haja vista a submissão imposta pelo capital à sua lógica. Nesse sentido, as formas cooperativas indicam mas não consolidaram relações de trabalho superiores às capitalistas. Estudos como os de Grade (1999) e Christoffoli (2000) se aproximam dessa análise e revelam

as dificuldades de as formas cooperativas superarem ou mesmo sobreviverem frente ao capital.<sup>26</sup>

Reflexões nesta direção também estão surgindo dentro do próprio MST, uma vez que as forma cooperadas vêm revelando-se insuficientes no enfrentamento ao capital ou mesmo a alguns dos objetivos do Movimento (o que não significa dizer que sejam alternativas menos importantes). Entretanto, esta discussão é inicial e não há respostas claras dentro do MST ou mesmo para os estudiosos da questão frente ao impasse colocado. Defrontamo-nos assim, com “antigas” questões - ainda bastante atuais - que indicam o desafio do MST na organização do trabalho e da produção nos assentamentos:

*Quais as formas de trabalho que devem ocupar as diferentes gerações que convivem em um assentamento? Qual o projeto de desenvolvimento dos assentados que combine viabilidade econômica com os traços da identidade política e cultural construída historicamente pelos sem-terra em seu movimento, e continue o processo de educação das novas gerações nesta mesma perspectiva? Como potencializar as propostas de cooperação agrícola, ao mesmo tempo como estratégia econômica e pedagógica? (Caldart, 2000 :224-5).*

---

<sup>26</sup> “Existe espaço para o desenvolvimento de iniciativas de produção coletiva de inspiração socialista e autogestionárias, desde que se consiga equacionar e superar as contradições que se colocam. O fato de nem todas as cooperativas de produção coletiva estudadas terem chegado próximo a um ponto de equilíbrio alerta, no entanto, para os limites de se ver nessa organização uma panacéia ou uma solução para o desenvolvimento econômico e social dentro do capitalismo. O mais provável é que grande parte – possivelmente a maioria – dessas organizações pereça devido à dinâmica própria do capitalismo” (Christoffoli, 2000 :292/3).

## **PARTE II**

**As “matrizes educativas”<sup>27</sup> no assentamento**

**Conquista na Fronteira**

---

<sup>27</sup> Essa expressão é extraída de Caldart (2000), ao tratar das fontes fundamentais de formação/educação dos Sem Terra. Utilizamos-la aqui por adequar-se à forma que conduziremos as discussões nesta segunda parte do trabalho.

## Introdução

Situado no município de Dionísio Cerqueira, na tríplice fronteira entre Paraná, Santa Catarina e a Argentina, o assentamento *Conquista na Fronteira* distancia-se 30 km da cidade-sede. Dionísio Cerqueira é um pequeno município cuja economia é baseada fundamentalmente na agricultura e no comércio com o país vizinho. O meio rural é composto de grande número de pequenas propriedades e algumas fazendas de médio porte. Nesse município localizam-se dois assentamentos, o *Conquista na Fronteira* onde desenvolvemos esta pesquisa e outro, conhecido como *Gleba União*, cuja origem data de 1983, onde residem aproximadamente 50 famílias. A desapropriação da área do Gleba União ocorreu anteriormente à fundação do MST, mas é fruto das iniciais mobilizações e ocupações que prenunciavam o surgimento do Movimento Sem Terra. Todavia, é com o assentamento *Conquista na Fronteira* que o MST e temas como Reforma Agrária, cooperação, produção agroecológica, entre outros, começam a ser questões presentes no cotidiano do município. A desapropriação da área onde atualmente se localiza o assentamento em questão ocorreu em 1988, quando foram liberados 1198 hectares, comportando 60 famílias. O assentamento é originário da primeira grande ocupação de terras do MST em Santa Catarina no ano de 1985, ocorrida nos municípios de São Miguel do Oeste e Abelardo Luz, de onde posteriormente as famílias são deslocadas e dispersadas até o assentamento definitivo. Esta trajetória será recuperada mais detalhadamente nas próximas páginas.

A escolha do nome “*Conquista na Fronteira*” tem sua origem na luta dos sem-terra acampados que, por meio da organização e resistência, *conquistaram* a terra, e também pelo fato de o assentamento ocorrer na região da fronteira (oeste). Cabe assinalar que as famílias, agora assentadas, haviam sido transferidas para Itaiópolis, norte do Estado, mas em sua maioria eram originárias da região oeste. Como os acampamentos eram constantemente transferidos de um local para outro, as pessoas contam que ficavam projetando hipóteses sobre qual região seriam assentadas. E foi na região da fronteira do Estado que os acampados conquistaram a terra.

O assentamento *Conquista na Fronteira* está organizado de forma totalmente coletiva. Os assentados socializam o trabalho, a moradia, a convivência, o lazer, a economia, a história, os projetos e sonhos. Lá se localiza a Cooperunião – Cooperativa de Produção Agropecuária União do Oeste, fundada pelos assentados e que congrega todas as famílias.

Estivemos por dois momentos no assentamento para fins desta pesquisa, quando então nos interessava observar as relações existentes, buscando compreender as “matrizes educativas” fundamentais que lá se colocavam e especialmente a do trabalho. Com base na vivência em campo, distinguimos quatro aspectos que compreendemos como centrais na formação dos assentados: o coletivo, a cooperativa, o trabalho e o MST. Coletivamente é a forma como os assentados produzem suas vidas, se relacionam, trabalham, planejam, avaliam, decidem. É marca fundamental do modo como vivem e, sem dúvida, é um forte mecanismo de formação das pessoas naquele local.

A cooperativa é o elo entre o coletivo e a sociedade. Esta oferece ao coletivo estatuto jurídico, possibilitando aos assentados se relacionarem com a sociedade burguesa de forma legal. Por meio da cooperativa se estabelece um importante “canal” de comunicação entre os assentados e a sociedade. Mesmo não sendo a única forma de o assentamento se apresentar e se relacionar com o meio exterior, a cooperativa abarca grande parte da relação estabelecida externamente e lhe dá um estilo próprio (econômico, mercantil). Ao estabelecer essa relação, muitos elementos do assentamento são externalizados, porém muitos elementos também são assimilados internamente e assim influem na formação das pessoas.

O trabalho, por sua vez, toma grande parte do tempo (da vida) dos assentados, é o meio pelo qual suas energias são sugadas. Pelo trabalho garantem a sobrevivência e inserem-se na sociedade. Para o trabalho são dirigidas muitas de suas preocupações, projetos, energia. Na maioria dos casos o trabalho exige pouca qualificação que, com o passar do tempo, torna-se repetitivo e cansativo. Ele é um forte elemento na formação dos assentados, porém, sob alguns aspectos não se coaduna com a perspectiva maior do MST. Interessa-nos analisar, portanto, para que se dirige a “formação” decorrente do trabalho.

O MST é presente de forma marcante no assentamento, não apenas porque através dele aquelas pessoas conquistaram a terra, mas pelo fato de elas próprias serem Sem Terra. O MST se faz presente no assentamento de diversas maneiras, mas fundamentalmente na organização coletiva, sendo esta sua mais forte expressão. O Movimento é possivelmente a maior referência dos assentados e, portanto, grande educador destes.

Cabe-nos ainda esclarecer que as quatro matrizes a que acima nos referimos são aqui apresentadas separadamente para melhor analisá-las e compreendê-las, todavia, na realidade e no cotidiano do assentamento confundem-se, contrapõem-se e embatem-se. De fato, essas matrizes estão inter-relacionadas, as forças de uma fazem-se referência para as demais. É possível dizer que há um grande “agito” dentro do assentamento, um movimento/dinâmica pelo qual educam-se os assentados. Esse movimento possui uma direção, meta, coesão, que é a construção de uma coletividade cujas bases se assentam na cooperação, justiça, democracia e solidariedade. Porém, essa dinâmica gesta internamente elementos que se contrapõem às intenções/objetivos dos assentados, fruto da história daquelas pessoas, mas basicamente pela forma como se inserem na sociedade burguesa. É sobre as matrizes de formação humana e o movimento/dinâmica presentes no assentamento *Conquista na Fronteira*, portanto da formação/educação dos assentados, que trata esta parte do trabalho.

## CAPÍTULO I

### O COLETIVO

#### 1.1) História da construção do coletivo

Em 1985, ano que tem início o MST em Santa Catarina, ocorrem duas grandes ocupações de terras no Estado: em São Miguel do Oeste e Abelardo Luz. Entretanto, até serem assentadas, as famílias passaram por um longo período de acampamento, sendo transferidas de uma fazenda à outra, de um município para outro. “Foram várias mudanças de acampamento para acampamento. Foram longos três anos e três meses de luta, espera e sofrimento. Porém, foi um período que possibilitou um acúmulo de discussão, formação e aprofundamento da proposta de trabalho coletivo” (MST, 2000, Coleção Fazendo Escola n. 3 :7).

É no período de acampamento que se formam os grupos coletivos posteriormente assentados em Dionísio Cerqueira. Esse momento foi fundamental no delineamento do que essas famílias queriam ao serem assentadas. O acampamento foi um processo rico em formação política das famílias, possibilitando-lhes discutir o futuro na terra<sup>28</sup>. É nesse período que surge o sonho de trabalhar e viver em coletivo, projetada a forma de trabalhar a terra, o que e como produzir... os sonhos se alargavam com a possibilidade de serem assentadas.

---

<sup>28</sup> Os acampamentos, apesar das imensas dificuldades econômicas, são espaços onde ocorrem importantes aprendizados para os sem-terra. O convívio intenso, o conflito iminente com o latifúndio, a organicidade interna e a presença constante do Movimento, permitem avanços na consciência política dos acampados, o que pode culminar com avanços nas formas organizativas. Este é, especialmente, um dos grandes objetivos do período de acampamento: discutir (e experimentar) a organização do assentamento em seus diversos aspectos: a divisão (ou não) da terra, a educação, a moradia, a produção, etc. Assim como este coletivo que estamos estudando, outros grupos e experiências tiveram origem no período de acampamento. Poucos são os estudos que discutem a experiência dos acampamentos, dentre eles citamos ALVES, Suzy, *As experiências educativas das crianças do acampamento Índio Galdino do MST*, Florianópolis: UFSC, 2001, Dissertação (Educação). Este trabalho discute especificamente as experiências educativas de crianças e adolescentes acampados. Acerca dos documentos do MST, ver: *O que levar em conta para a organização do assentamento – a discussão no acampamento*, Caderno de Cooperação Agrícola n. 10, São Paulo, 2001.

*Demoramos um tempo até pra entender o que era o coletivo, e passamos a entender mesmo o coletivo quando a gente se dedicou a estudar. Fizemos muito estudo, formação interna, formamos um grupo de estudo e depois a gente acabou se consolidando a partir da discussão de que na terra a gente fosse trabalhar coletivo. Praticamente ficamos dois anos fazendo estudo, teve um período que era semanal, sobre a questão do coletivo (Júlio - assentado).*

A fazenda desapropriada que deu origem ao assentamento era uma área hipotecada no banco e o MST, “descobrimo” tal informação, logo inicia as negociações para o assentamento das famílias. Em razão da existência de coletivos já nos acampamentos do Movimento, e como o INCRA se dispôs, na época, a assentar com prioridade grupos coletivos, define-se que a área em Dionísio Cerqueira não seria destinada para divisão em lotes individuais. Naquele momento, o município solicita que parte da área seja disponibilizada aos sem-terra locais. Após discussões e acordos, em junho de 1988 chegam na área para serem assentadas 35 famílias vindas de acampamentos do MST e 25 famílias do município de Dionísio Cerqueira.

As famílias originárias dos acampamentos do Movimento possuíam experiências de cooperação e de discussão e traziam consigo certa bagagem de conhecimentos oriundos de discussões anteriormente realizadas. Chegaram na área organizadas em três grupos. Cada grupo possuía cerca de doze famílias.

*Quando a gente chegou aqui, o Movimento já estava bem avançado nessa proposta de trabalho coletivo, e como no acampamento a nossa discussão já estava bastante avançada, então o Movimento desafiou a colocar em prática. Com a definição dessa área, pela realidade dela, o Movimento entendeu que aqui poderia viabilizar um coletivo. Como algumas famílias vieram na frente pra garantir a área, vendo essa realidade, para dividir em lotes ou em grupos... alguns grupos iam sair prejudicados em relação à erva-mate, água, terreno, enfim... aí que se discutia a possibilidade de formar um único grupo. Chegando aqui a gente sentou, discutiu, avaliou, e chegou à conclusão de que o ideal era se formar um grande coletivo (Júlio - assentado).*



Forma-se assim o Grupo I, também conhecido como Grupo do Movimento, em virtude da origem dos acampamentos do MST, os quais passam a desenvolver um processo de cooperação e coletivização de toda a vida no assentamento, que em 1990 culmina com a fundação da Cooperunião.

Entretanto, para o grupo de famílias que posteriormente compuseram o Grupo II, advindas do município Dionísio Cerqueira, o processo foi um pouco mais complexo uma vez que essas famílias nem sequer se conheciam entre si. Ocorre que, uma vez acordado o assentamento dos sem-terra do município, como eram então chamados, foi encaminhado um processo de escolha de uma família por cada comunidade desse município para serem assentadas, e uma família como substituta, caso a primeira não se adaptasse. Contam os assentados que algumas comunidades escolheram as famílias mais pobres, com muitos filhos, em situação de degradação humana, as que “perturbavam” as comunidades. Estas encaravam o assentamento como uma forma de tirar as famílias dos arredores, “livrando-se” delas. Esses fatores levaram à desistência de muitas dessas famílias, que eram substituídas por outras das comunidades e, reicindindo a desistência, substituídas por famílias de acampamentos do MST. Aos poucos e com dificuldades foi sendo formado um segundo grupo coletivo no assentamento.

*Desde o primeiro dia nós pensava que ia unificar os grupos, só que na época não tinha como, porque a história e a caminhada eram totalmente diferentes. Porque não tinha sentido nós ter dois grupos com os mesmos objetivos, com as mesmas finalidades num assentamento. Pra que dois grupos? E chega-se a conclusão de ter uma cooperativa, um grupo só, uma organização só. Mas daí como também as histórias eram diferentes, os entendimentos eram diferentes, então pra nós não dar o passo mais comprido do que as pernas, a gente pensou em ir unificando aos poucos (Carlos - assentado).*

Com este objetivo, inicia-se um processo longo de unificação dos grupos tendo em vista a coletivização total. A escola e a reza tinham aspectos comuns entre os grupos, e os assentados dizem que este foi um importante aspecto que aproximou ambos. Em relação à produção, a apicultura foi a primeira a ter o processo de trabalho unificado, posteriormente, as

máquinas, a produção de grãos, o gado de corte e, finalmente, em 1995 operou-se a unificação total do trabalho, da terra e dos bens (MST, Coleção Fazendo Escola n. 3, 2000 :9), constituindo um único coletivo no assentamento, os membros da Cooperunião.

*Nós chegamos num momento, isso depois de dois anos da existência dos dois grupos, que ou nós unificava o processo ou retrocedia, com a perspectiva de ter muitos problemas. Então o que nós fizemos... vamos fazer um processo gradativo, vamos unificando. Mas não unificamos primeiro o setor produtivo, unificamos o setor social. Unificamos o esporte... tinha dois times de futebol, inclusive nós fazíamos os clássicos lá, o nosso grupo com o grupo deles, e aí fechava o pau no jogo de bola... Aí isso tá dando problema... então tá, unificamos o esporte. Daí nós não tínhamos dois times do assentamento, fizemos um time único, que daí tinha três times até porque tinha bastante jogador... Daí outra coisa que nós unificamos foi a educação, fomos unificando por parte. Pra nós chegar à unificação plena foram dois anos, entre o primeiro que foi o esporte e nós chegar a unificação da produção. Daí num momento nós unificamos as máquinas, a colhedeira, o trator e a produção. A roça era dos grupos... Isso na verdade... uma coisa ia impulsionando a outra, porque pelo fato do trator e a ceifa ser coletivo, criava uma necessidade de avançar... então foi todo um processo. Se disser que foi fácil, eu diria que não... foi difícil. (Chico - assentado).*

*Cada grupo tinha a coordenação que discutia a questão política. O Grupo II tinha a diretoria da cooperativa e o Grupo I tinha a comissão do planejamento que discutia o econômico. Então dessas quatro instâncias, das duas coordenações, da comissão, do planejamento e da diretoria da cooperativa, nós criamos mais uma instância que discutia a questão política e econômica da unificação. E a unificação aconteceu em junho de 94. Quando a gente juntou o setor da lavoura, daí por diante a própria conjuntura foi forçando a unificação. Por exemplo, se as abelhas são junto, o gado junto, se a lavoura é junto, porque que o resto não é junto? Cada grupo tinha um trator e aí tinha que fazer o controle das horas trabalhadas, tinha que fazer o controle do gasto do óleo... Aí essas coisas ia forçando pra fazer a unificação. Quando nós tínhamos todos os dados em mãos do patrimônio de cada grupo, eu lembro que o Pedro Miotto falou: 'vamos esquecer toda essa papelama aqui, vamos trabalhar'. Por que não tinha... se fosse ver os cálculos, bem calculado, de repente um grupo tinha mais patrimônio do que o outro, mas o que o outro grupo ia poder vender pra pagar*

*essa diferença? Não tinha jeito. Então isso foi interessante. E hoje a gente nunca viu alguém reclamar, dizer que não foi feito essas contas certas, 'nós tivemos percas, vocês tiveram lucro...' (Carlos - assentado).*

Que fatores podem levar pessoas distintas, de origens diversas, com diferentes experiências e anseios, que não se conheciam, a viver coletivamente, a dividir a convivência, o trabalho, a produção, os sonhos....? Que fatores foram decisivos para que esse coletivo tivesse êxito frente a tantas adversidades? Os depoimentos acima são indicativos de alguns aspectos fundamentais para a construção de um coletivo sólido no assentamento. Dentre outros, destacamos dois: o primeiro aspecto diz respeito à experiência coletiva desde o período de acampamento, a qual possibilitou a formação de uma identidade comum entre aquelas pessoas: Sem Terra. Os objetivos, história e anseios também passaram a ser coletivamente construídos. Sabemos pela história dos sem-terra que o coletivo em questão *foi sendo formado* desde o acampamento e ao chegarem no assentamento já traziam uma bagagem, já sabiam o que queriam, se conheciam, já haviam dividido a convivência em condições mais adversas. É como se fosse um estágio para o assentamento, quando então teriam que trabalhar, comercializar, investir, educar os filhos, enfim, viver juntos não mais em uma condição provisória, mas em uma situação que buscariam construir de forma definitiva. Os sem-terra foram avançando nos estágios de cooperação: de uma forma mais simples para formas mais complexas, com mais famílias, em situações diferentes. Um assentado nos conta do coletivo durante o período de acampamento:

*Teoricamente a gente conseguia dominar a proposta do coletivo, mas em termos de prática a gente não tinha, porque no acampamento você não tem... a não ser aquelas ações em conjunto que iam dando um pouco a visão do que era as coisas coletivas. Compra às vezes fazia junto, pequenas lavouras, que eram em mutirão, e tal. Era um início, em função daquilo que a gente está vivendo hoje era quase insignificante, porque a gente socializava pouca coisa. Mesmo no acampamento a gente discutia muito o coletivo em função de uma necessidade econômica, mas não se discutia que era mecanismo pra contribuir pra mudança de sociedade, mudar o jeito de pensar, de agir, o coletivo deveria contribuir para superar os vícios. Depois o Movimento foi*

*aprofundando e descobrindo que também tinha esse aspecto, o mais importante hoje pra nós, esse é o mais importante... (Júlio – assentado).*

Isso revela um processo que podemos chamar de *construção do coletivo*, ou *como o coletivo foi se construindo*<sup>29</sup>, isto é, não apenas nas condições determinadas, mas com desejos, angústias e experiências humanas. Esse processo acreditamos ter sido fundamental para a formação e sustentação do grupo no período de assentamento.

O segundo aspecto que compreendemos como determinante na consolidação de um único coletivo refere-se à relação que já no assentamento os dois grupos mantiveram entre si: uma relação de diálogo e de respeito às diferenças. O primeiro grupo auxiliou a construção do segundo, respeitando sua realidade e especificidade, num processo lento mas permanente.

*Nós fazíamos rodízio de acompanhamento ao outro grupo, que eram grupos separados, então essa semana vai o Kide lá, participa da vida do grupo, vai pro trabalho, participa das reuniões..., na outra semana vai o Danilo, na outra semana... Então durante um período grande houve essa contribuição direto lá, no sentido não da intervenção, mas de ajudar a resolver os problemas (Chico – assentado, Direção do MST/SC).*

Dessa forma, foi se construindo um *processo de coletivização*, pelo qual os grupos *foram se unificando*. Fundamental nesse processo foi o respeito às diferenças e, somente quando estavam em condições semelhantes e mais preparados para tal experiência, partiram para o processo de unificação total. A coletivização também partiu das necessidades dos grupos. Ao contrário de diversos outros coletivos que se formaram nos assentamentos, os quais iniciaram de forma totalmente coletiva e como se todos estivessem em condições iguais, os assentados do *Conquista na Fronteira* foram sábios em saber esperar, saber conduzir e saber a hora de ousar.

---

<sup>29</sup> Thompson (1987), ao analisar a formação da classe operária na Inglaterra, defende a tese do “auto fazer-se” das classes. “Thompson considera a classe como um ‘fenômeno histórico’, como ‘algo que ocorre efetivamente nas relações humanas’, não de uma forma determinada, mas como uma capacidade de percepção e articulação de interesses de alguns indivíduos contra outros, cujos interesses diferem dos seus. (...) A classe é uma formação tanto cultural como econômica, que se manifesta historicamente nas relações humanas, como resultado de experiências comuns, determinadas, a grande medida, pelas relações de produção” (Vendramini, 2000 :31 - 33).

*Veja, o processo é evolutivo, tu não pode queimar as etapas, as etapas são importantes, no começo quando nós... que no começo quem construiu a cooperativa foi o nosso grupo, que fundou a Cooperunião. Quando eles vieram para o nosso grupo, a Cooperunião já existia, porque daí... por isso que eu falei antes que ou nós unificava ou retrocedia, porque eles tinham necessidade de ter uma instituição jurídica, aí ou eles formavam uma cooperativa, inclusive eles tinham número de pessoas suficientes para isso, aí nós teríamos duas cooperativas no assentamento, conseqüentemente haveria uma competição, ou eles entravam na Cooperunião. Quando nós formamos a primeira direção da Cooperunião, tinha esse negócio do grupo de Itaiópolis e do grupo do município, tanto é que o número de integrantes da direção era proporcional. Só que isso, com o passar do tempo... Inclusive quando nós fazíamos eleição, eles escolhiam o deles, nós escolhíamos o nosso... Mas sem problema, naturalmente. Se hoje disser que foi certo ou foi errado, eu acho que foi certo...(Chico – assentado, Direção do MST/SC).*

A coesão em torno de um único coletivo se mantém e todas as famílias são associadas à Cooperunião. Os assentados falam - e no período em que lá estivemos também pudemos observar - que dos antigos dois grupos restam apenas memórias. “As pessoas às vezes nem lembram que aqui já existiram dois grupos”, dizem.

## 1.2) O Coletivo e a Cooperativa

Situar e delimitar o coletivo e a cooperativa no assentamento *Conquista na Fronteira* é tarefa difícil uma vez que a estrutura e especialmente a dinâmica que ambos apresentam são complexas, ora similares e complementares, ora diferentes e mesmo opostas. Iniciemos distinguindo o coletivo da cooperativa para posteriormente observarmos os aspectos similares.

O coletivo do assentamento é anterior à cooperativa, existe desde o período de acampamento, conforme descrevemos acima. Estende-se ao assentamento, dá origem à cooperativa e ainda é presente e determinante. Sua forma é a forma das relações humanas lá estabelecidas. O coletivo se expressa na convivência comum das 60 famílias assentadas, as quais possuem regras, objetivos, sonhos e raízes em comum. Surge em razão da necessidade

das famílias de produzirem a vida, coisa que de forma individual se tornava mais difícil. Juntam-se a partir dessa necessidade, quando a produção da vida, a renda, os anseios, as dificuldades e o convívio passam a ser comuns. É pela necessidade, pela convivência e pelos sonhos que o coletivo se sustenta.

Os assentados relacionam o coletivo à união, ao companheirismo, à convivência, ao MST, às pessoas, à família e à comunidade. A formação do coletivo também está ligada à solidariedade, às lutas, às mobilizações, à força, à coragem, à formação política e aos núcleos. A coordenação, os liberados, a construção da nova sociedade, o trabalho e a cooperativa também compõem a noção do coletivo em questão. Suas marcas e características fundamentais são a convivência/cotidiano comuns das pessoas; a produção coletiva da vida em seus diversos aspectos; os valores construídos; os sonhos de mudar o mundo e a pertença ao MST. Por sua vez, a cooperativa é relacionada ao trabalho, mão-de-obra, formação técnica, setores, regimento interno, disciplina, horários, infra-estrutura, escritório, direção, núcleos, coletivo, MST, liberados. Também ao capital, dinheiro, investimentos, dívidas, renda, recursos, comércio (mercado), controles. Em síntese, a cooperativa trata das questões econômicas (produção, investimento, mercado, trabalho) e das questões legais; por sua vez o coletivo refere-se à vida em comunidade, à luta, aos valores e sonhos.

Num determinado momento da organização coletiva<sup>30</sup>, tornou-se necessária a constituição de uma entidade jurídica que atendesse às necessidades legais do grupo, uma vez que, não apresentando legalidade formal, não poderiam comercializar certos produtos, ter acesso a créditos, etc.. Foi então fundada a cooperativa.

*Em 89, 90, nós discutia uma forma legal de negociar, como é que nós ia comprar, nossa produção como é que nós ia vender. Nós discutia associações, não sei o que... E se chegou à conclusão que nós fundaria uma cooperativa. Então essa cooperativa foi fundada em outubro de 90, mas só pelas famílias que eram do Movimento Sem Terra na época. Se entendia que pra começar se começava por aí (Carlos - assentado).*

---

<sup>30</sup> A Cooperativa é fundada em um dos grupos (Grupo do Movimento ou Grupo I), porém, a constituição de uma identidade jurídica também era necessidade do outro grupo, conforme indicaram os assentados. A Cooperunião, a partir da unificação dos grupos é incorporada por todos os assentados.

A cooperativa é, portanto, um desdobramento da organização coletiva, é necessidade desta. Todavia, a cooperativa tem na cooperação seu objeto e, ao ser constituída, passa a abarcar de forma praticamente total a então estrutura do coletivo. Este assume a face de cooperativa, mas não por isso se reduz a ela. A Cooperunião se apropria da organização coletiva existente, assumindo alguns dos princípios e objetivos do coletivo. Ao fazer isso, cria uma estrutura cooperativista única e ampla. “A cooperativa se adapta àquilo que a gente criou enquanto coletivo” (Júlio – assentado).

Essa abrangência da Cooperunião deve-se à sua natureza, isto é, à forma de cooperação (cooperativa) organizada pelo MST: as CPA’s – Cooperativas de Produção Agropecuária. “Uma CPA é complexa porque se constitui como empresa de produção coletiva, gestão coletiva e de trabalhos coletivos. Há também complicações burocráticas como a legislação trabalhista, fiscal e previdenciária” (MST, Caderno de Cooperação Agrícola n. 5, 1998). Ao ter como objeto a cooperação total, já que pressupõe a coletivização da terra, do trabalho e dos bens, a CPA passa a regular as relações existentes de modo geral.

Aparentemente o coletivo se dissipa na organização cooperativista, reduzindo-se à condição necessária para que ela se concretize. Isso apenas em parte é verdadeiro. De fato, a cooperativa necessita da cooperação para poder existir, porém o coletivo também se serve da estrutura cooperativista, à medida que a cria e a mantém em virtude de suas necessidades jurídicas e legais, como buscamos demonstrar. O coletivo não somente é anterior à cooperativa, é mais amplo e base de sustentação desta. O coletivo são as relações humanas, todas elas, se as pessoas se querem bem e convivem de forma harmônica, as visitas, as fofocas, as intrigas, os namoros. Isso tudo influi no jeito do coletivo e pode ser determinante em alguns casos. Já para a cooperativa esses condicionantes pesam de forma indireta, à medida que podem modificar mais profundamente o coletivo e conseqüentemente afetá-la. Ao incluir os não-associados da cooperativa, muitos dos quais contribuem no processo produtivo e fazem parte das discussões e decisões, ao organizar a escolarização das crianças e adolescentes, mesmo fora do assentamento, entre outros aspectos, o coletivo reúne todas as pessoas e relações estabelecidas.

É em razão da existência de um coletivo bem organizado e articulado, com objetivos e regras claras que se torna possível a existência e a sobrevivência da cooperativa. “A cooperativa não vive sem o coletivo porque a cooperativa foi um instrumento que o coletivo criou para possibilitar alguns avanços do ponto de vista econômico, do ponto de vista social, legal, então o que é maior? É o coletivo” (Chico – assentado, Direção do MST/SC). A distinção entre coletivo e cooperativa, entretanto, não é assim tão clara para todos os assentados. Para muitos deles é difícil perceber os limites de um e outro, mesmo porque há um “meio de campo” onde coletivo e cooperativa se fundem. Porém, para as lideranças do assentamento e possivelmente para a maioria dos assentados, essa questão está resolvida.

*Pra mim Cooperunião é uma fachada, o legal, mas o forte, o que pesa, o que sustenta é o coletivo. Tanto é que a Cooperativa são só os de 18 anos acima, os que são associados, mas o coletivo são todas as pessoas, desde o pré, aquela vivência deles lá no pré, todos se gostam... Então isso pra mim é o coletivo e o que dá sustentação (Carlos - assentado).*

*A cooperativa está dentro do coletivo e não o coletivo dentro da cooperativa. O coletivo é muito mais amplo do que a cooperativa. Ela representa uma parte do coletivo, que é a parte jurídica. E a parte jurídica abrange a questão da produção, da mão de obra, a questão da economia, e alguns detalhes sociais, agora a questão cultural, por exemplo, não (Júlio - assentado).*

A cooperativa possui suas funções legais definidas no Estatuto, o qual prevê a complementação de suas normas no Regimento Interno do Assentamento. Este organiza a complexidade da vida coletiva e possui legalidade formal ao estar previsto no Estatuto, mas sua estrutura extrapola a cooperativista, buscando contemplar todas as relações existentes e que não se enquadram à cooperativa. O coletivo possuía normas internas anteriormente à criação da Cooperunião, as quais, após algum tempo, deram origem ao Regimento Interno, como explica um assentado:

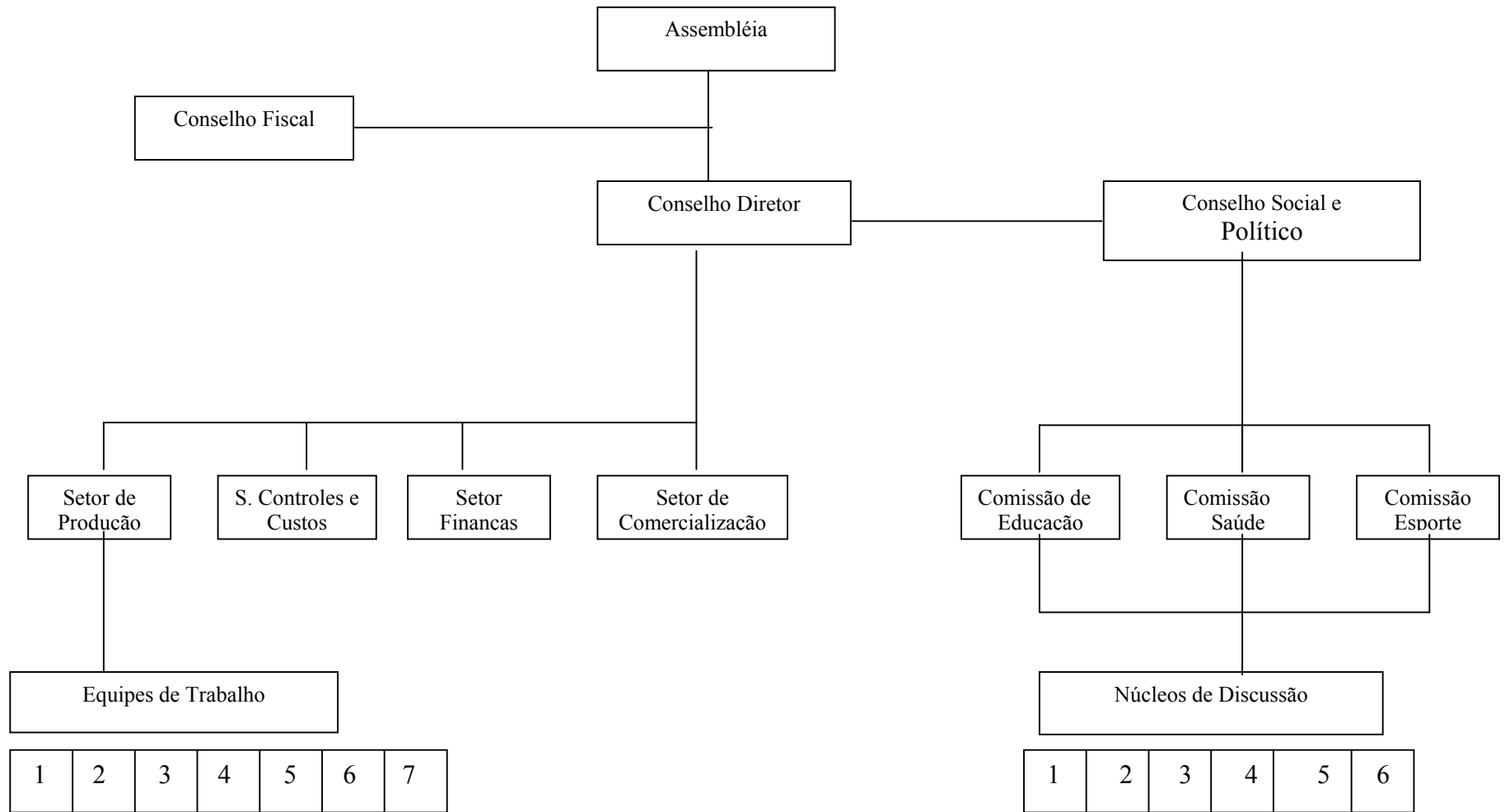
*Para montar o regimento foram três anos até que a gente escreveu ele. Nós tinha um caderno, dava um problema nós discutia e criava uma norma, e algumas coisas que nós previa que poderia acontecer, então criava uma norma. Mas foi tudo a partir de*



*problema. Depois de três, quatro anos, nós escrevemos tudo num lugar só, mas antes era mil e uma atas. Por exemplo, a primeira norma que nós criamos aqui foi na segunda semana de assentamento, debaixo de uma árvore que a gente se reunia pra fazer assembleia, nós criamos uma norma que era proibido caçar, pescar e cortar árvores verdes. Acho que a gente nunca vai esquecer dessa primeira norma. E até hoje a gente defende isso (Carlos - assentado).*

As instâncias ou a estrutura orgânica foram em grande medida consolidadas pelo coletivo em consequência de sua dinâmica de funcionamento. Posteriormente, com a criação da cooperativa, novas estruturas foram necessárias. A atual estrutura orgânica do assentamento é única e serve ao coletivo e à cooperativa, todavia, através dela também é possível observar um “setor social e político”, de domínio do coletivo, e um “setor econômico e mercantil”, relacionado à cooperativa, conforme organograma abaixo, formulado / organizado pelos assentados.

O assentamento (coletivo e cooperativa) está assim organizado:



Para compreendermos como essa estrutura funciona, observemos os papéis reservados às diferentes instâncias e sua inter-relação.

### **Núcleos de Base**

No assentamento<sup>31</sup> existem seis núcleos de base que se organizaram originalmente pela proximidade das casas e agrupam em média dez famílias cada. Alguns núcleos reúnem os mesmos membros desde o período de acampamento e praticamente mantêm sua formação inicial. Entretanto, nem todos se formaram no período de acampamento, até porque algumas das famílias não foram acampadas. Alguns núcleos foram então sendo organizados à medida que as famílias iam chegando no assentamento e construindo suas casas. Essa forma de organização de base se mantém central na estrutura do coletivo e da cooperativa. Todas as famílias fazem parte de algum núcleo, não é concebida a não-participação das famílias / pessoas nessa instância.

*Na estrutura orgânica que nós temos, nós passamos por várias formas de organização, a cada pouco tempo a gente dava uma analisada, o que deu certo fica, o que deu errado muda. O que nunca mudou ainda foram os núcleos, os núcleos sempre existiram, desde o acampamento até hoje. O pessoal que veio do Movimento já veio de lá organizado, então tem um núcleo, o Paulo Freire<sup>32</sup>, que praticamente são os mesmos, tem algumas famílias a mais, que não eram, mas a grande maioria são as mesmas. Os outros dois já trocou bastante. Foi feito por proximidade de casa, então conforme as famílias mudaram e foram trocando de casa então os núcleos também mudaram. Os núcleos que eram do pessoal do município a gente tentou também fazer por proximidade de casa... (Carlos - assentado).*

Os núcleos têm o papel de discutir toda política do assentamento/cooperativa, desde investimento, trabalho, planejamento, até os liberados, as saídas para mobilização, etc. Qualquer discussão que o Conselho Social e Político ou o Conselho Diretor entenderem como mais complexa ou de definição mais importante, é remetida para discussão nos núcleos. Para

---

<sup>31</sup> Quando nos referimos ao assentamento, coletivo e cooperativa estão subentendidos.

<sup>32</sup> Além de Paulo Freire, os núcleos também homenageiam Padre Josimo, Olívio Albani, Justino Drajewski, Roseli Nunes e Sepé Tiarajú, todos mártires da luta pela terra e justiça social. Isso reflete a presença da luta e do MST no assentamento, assunto que trataremos adiante.

termos uma idéia do papel dessa instância, o tema gerador da escola do assentamento é estudado nos núcleos, quando estes levantam propostas, analisam as sugestões para posterior definição em assembléia.

De participação massiva, os núcleos são as células de funcionamento do assentamento/cooperativa, de onde partem e chegam todas as discussões. Dessa forma, eles são espaço de discussão, mas não de definição. Estas são tomadas sempre em assembléia geral. O papel dos núcleos no processo democrático é fundamental uma vez que as propostas apresentadas na assembléia originam-se nas discussões dessa instância de base, atingindo todas as famílias, isto é, estas tomam contato com o tema não apenas no momento da decisão.

*É função dos núcleos de base discutir e sugerir propostas; desenvolver estudos de formação política como: planos do MST, sindicalismo, partidos políticos, análise de conjuntura proporcionando maior entendimento e crescimento político dos associados, buscando implantar novas alternativas de produção ou novas formas organizativas; exercitar debates e leituras de jornais do MST e outros, para manter-se informados da conjuntura e de todas as lutas dos trabalhadores pela conquista da terra (Regimento Interno, 1997 :7).*

Entretanto, o papel dessa instância de base apresenta deficiências em seu funcionamento, ou mesmo redução de seu papel, como aponta uma assentada: “A cada quinze dias a gente faz reunião pra discutir os problemas que dá, os projetos..., mas aí é tudo corrido. O núcleo se reunir a cada 15 dias é pouco, fica muita coisa pra discutir e aí não sobra tempo pra fazer estudo. E a nossa proposta é ler os materiais que vêm do Movimento, tanta coisa boa pra gente ler...” (Bruna - assentada).

Essa fala explicita as dificuldades de os núcleos garantirem em seu espaço o aprofundamento de alguns temas que são centrais para a educação/formação de novos valores e construção de relações mais humanas. Isso decorre de temas/questões imediatos que precisam ser discutidos. Ainda segundo essa assentada, os núcleos por vezes priorizam as questões do trabalho e investimentos. Esse é um exemplo de como a cooperativa impõe-se sobre o coletivo. Essas limitações reduzem/diminuem a participação, o aprendizado, a integração, o jeito de ser daquele coletivo e do MST, mesmo assim ainda são espaços fundamentais de organização e participação coletiva e democrática. Como exemplo dessa

organização podemos citar: definições complexas e de longo prazo passam por estudo nos núcleos, sendo definidas em assembléia; a elaboração do planejamento e da avaliação anual; os estudos para investimento e setores produtivos da cooperativa; a escolha do tema gerador da escola; a liberação de pessoas para a militância; a participação nas lutas e atividades do MST, bem como alguns estudos, etc.

### **Comissões**

No assentamento existem as comissões de educação, saúde e esporte/lazer, cada uma com sete membros. Existe ainda a comissão de liturgia que é mais recente e que não está contemplada na estrutura orgânica. Poderão ser constituídas novas comissões “quando forem implantadas novas alternativas de produção ou novas formas organizativas” (Regimento Interno, 1997 :7). São funções das comissões discutir e encaminhar políticas internas e externas referentes à educação, saúde, esporte/lazer e religiosidade. Cabe a essas comissões enviar propostas para os núcleos, bem como organizar atividades que lhes digam respeito. O assentamento busca formas alternativas/populares nessas áreas, vinculando-as às orientações do MST e a seus respectivos setores.

As comissões são compostas de membros eleitos os quais se reúnem quinzenalmente ou quando necessário. As atividades das comissões assim como das demais instâncias não são computadas como horas de trabalho para seus membros.

### **Conselho Social e Político**

Também chamado de coordenação do assentamento, o Conselho Social e Político tem a função de coordenar os aspectos sociais e juntamente com o Conselho Diretor dar direção política ao assentamento. Segundo o Regimento Interno, é função desse conselho:

*Encaminhar estudos e discussões políticas; contribuir nas discussões das equipes de trabalho, comissões e núcleos; definir vagas para cursos de formação política e encaminhar associados para encontros e manifestações; manter a organização interna cumprindo e fazendo cumprir o estatuto, regimento interno e demais decisões estabelecidas da cooperativa; coordenar reuniões de encaminhamentos (Regimento Interno, 1997 :5).*

O Conselho Social e Político é composto de nove membros representando as três comissões e os seis núcleos existentes. O assentado, para fazer parte da coordenação, “deverá demonstrar na prática mais entendimento e consciência política” (Regimento Interno, 1997 :5).

Cabe à coordenação discutir o assentamento como um todo, as instâncias, os problemas fundamentais, dando-lhes encaminhamento. A coordenação encarrega-se das questões sociais e políticas, já o Conselho Diretor, da parte administrativa/ legal da cooperativa, como veremos abaixo:

### **Conselho Diretor**

Composto por cinco membros, o Conselho Diretor, também chamado de diretoria, é a instância máxima de administração da cooperativa, estando abaixo apenas da Assembléia Geral e submetido à análise pelo Conselho Fiscal. Ao Conselho Diretor compete: administrar coletivamente a cooperativa; elaborar o planejamento e dar acompanhamento; planejar e pensar o estratégico do assentamento; discutir e encaminhar a formação técnica das pessoas, dos setores e equipes; e, juntamente com a coordenação, dar direção política ao assentamento, cumprir e fazer cumprir o regimento (Regimento Interno, 1997). A cooperativa possui os cargos de presidente, vice, tesoureiro, entre outros, todavia, isso se coloca no assentamento apenas como cumprimento da lei. De fato, a direção da cooperativa é coletiva, parte desse conselho, cabendo a todos o mesmo poder de voz e voto.

Mesmo não aparecendo no organograma formulado pelos assentados, existe a chamada **Coordenação Ampliada do Assentamento**, a qual agrega o Conselho Social e Político e o Conselho Diretor. Segundo os assentados, esse espaço existe com o intuito de reunir ambas as instâncias, discutindo os assuntos/temas gerais do assentamento. Conforme indicamos, o Conselho Diretor assume as questões econômicas e administrativas, relacionadas à cooperativa, enquanto o Conselho Social e Político, as políticas e sociais (coletivo). A coordenação ampliada coloca-se como espaço de junção das questões pertinentes ao coletivo e à cooperativa, possibilitando pensar o assentamento de modo geral.

### **Conselho Fiscal**

Composto por seis membros eleitos, três deles suplentes, o Conselho Fiscal tem por tarefa fiscalizar as finanças da cooperativa, fazer cumprir as deliberações tomadas em assembléia e pelo conselho diretor.

### **Assembléia**

A assembléia é a instância máxima do assentamento e contempla a participação de todos. Ocorre quinzenal ou extraordinariamente. Esse espaço tem o objetivo de socializar as discussões ocorridas nas demais instâncias, tomando definições. É espaço privilegiado para fornecer informações, as quais facilitam a tomada de decisão. Todos têm direito a voto desde que inseridos no trabalho, ou seja, a partir dos doze anos.<sup>33</sup>

Alguns outros aspectos podem contribuir na percepção do que vem a ser a coletivo:

#### **a) O coletivo é a expressão do MST**

O coletivo se forma e se organiza em função do MST (acampamento e assentamento) e com base em suas orientações. Essa forma de organização coletiva e de vida conjunta é aprendida a partir da inserção no MST, e com auxílio das lideranças do Movimento: “Quem segurava a barra nos momentos difíceis foi o Movimento, a organização, a diretoria estadual. Quando a água batia no pescoço nós se socorria com eles. Por exemplo, quando a coisa estava querendo estourar que nós não conseguia mais segurar as pontas, nós recorria a eles. E acho que é uma coisa que existe em função que existia já o Movimento organizado” (Carlos - assentado). A organização coletiva também é vista como expressão do Movimento no assentamento: “O modo que nós trabalhamos, o coletivo, isso eu acho que é o Movimento” (Claudete – filha de assentado).

Os assentados percebem que a peculiaridade desse assentamento deve-se à organização coletiva, nela reside sua força, sua capacidade de conquistas e a ferramenta

---

<sup>33</sup> As equipes de trabalho e os setores administrativos serão desenvolvidos no item referente ao Trabalho.

fundamental para a formação dos próprios assentados com objetivo de construir algo para além das relações burguesas.

*O coletivo ensina a buscar solucionar os problemas juntos. Uma coisa que conseguimos trabalhar é que se a gente não se une, a gente não é ninguém. O coletivo ensina, o nosso inclusive, que se consegue superar as dificuldades com muito mais facilidade, seja ela qual for, se a gente agir em conjunto. Internamente já conseguimos provar que através do coletivo tem mais facilidade de superar os limites. Por mais que muitas vezes tenha problemas internos, que se discorde, mas em termos de proposta, eu não tenho dúvida de que as pessoas estão convencidas de que o coletivo é a saída (Júlio - assentado).*

Essa compreensão e a dimensão dada ao coletivo são inegavelmente ensinamentos do MST, mas também a forma que o Movimento possui de continuar se fazendo presente junto àqueles que já conquistaram a terra e que poderiam deixar de estar organizados em vista de terem alcançado seu objetivo imediato.

*Em nosso tempo há diversas tentativas de matar a idéia da utopia, como se ela fosse o símbolo de um projeto ultrapassado de sociedade, e de olhar para a história. É próprio do ser humano projetar o futuro, mas o formato da sociedade atual tem tirado esta possibilidade de muitas pessoas, ao mesmo tempo em que, para o seu conjunto, propõem que esta projeção aconteça dentro dos limites estreitos do presente que sua lógica condiciona e cristaliza, o que é exatamente o contrário de produzir utopias. A experiência do MST tenta recuperar a potencialidade transformadora da produção coletiva de utopias, não como construção de modelos sociais ou humanos a serem perseguidos, mas muito mais como **um exercício permanente de construir parâmetros sociais e humanos que orientem cada ação na direção do futuro**. Sem isso, a luta correria o risco de ficar imobilizada e os sem-terra talvez não permanecessem em movimento (Caldart, 2000 :212).*

A organização coletiva é uma forma de manter os sem-terra em movimento, movimento esse que possibilita novos aprendizados, a continuidade do cultivo dos sonhos, dos valores novos e da presença do MST. Uma das grandes dificuldades do Movimento se encontra nos assentamentos individuais. Nesse tipo de organização, mais do que o isolamento geográfico do “lote”, há o isolamento humano. Esse fato impede o contato com outras pessoas



e idéias, ficando mais difícil formar sujeitos que se preocupem com a produção ecológica, que busquem novas relações de mercado, pessoas empenhadas com o desenvolvimento do assentamento e que almejem novas relações humanas. “A consciência social como produto do convívio e participação social, desenvolve-se naturalmente, na medida em que se estimule os aspectos do convívio e da participação” (MST, Caderno de Cooperação Agrícola n. 10, 2001 :7). Os coletivos ou agrovilas onde as moradias são próximas, mesmo que o lote seja individual, possibilitam maior consciência social nos assentados, facilitando a discussão dos mais diversos temas, como vem atestando o Movimento.

Uma das fortes marcas do coletivo do assentamento é querer mudar o mundo, é o reconhecimento das insatisfatórias condições permitidas pela sociedade burguesa, o que se traduz na necessidade de construir novas relações. Essa característica que é fundamental, é marca do MST, é herança do MST. “Ser Sem Terra quer dizer *estar permanentemente em luta para transformar o ‘atual estado de coisas’*” (Caldart, 2000 :209). Esse coletivo pela forma como está organizado traz as marcas dessa luta e é fruto dela. “Tudo que somos e temos devemos ao MST” (Raul - assentado). Por isso o coletivo significa luta, coragem, conquistas, rebeldia, organização e a dimensão da possível realização dos sonhos. Por isso os assentados continuam sendo Sem Terra.

#### **b) O coletivo é a construção de uma nova sociedade**

O coletivo centra-se nas pessoas, estas fazem o coletivo ao mesmo tempo em que se educam/constroem nele. O coletivo tem a capacidade de reeducar as pessoas, recuperando-as da exclusão e da degradação em que alguns se encontram. Pressupõe o humanismo, a valorização das pessoas, o cuidado no relacionamento, a participação, o aprendizado permanente. O coletivo já é a construção de uma nova forma de sociedade que se contrapõe à capitalista. O MST compartilha da concepção segundo a qual o ser humano deve ter prioridade sobre as coisas. Assim, o Movimento tem sua ação voltada, em última instância, para a valorização do ser humano, criando condições de vida livres da exclusão, exploração, degradação, sofrimento, buscando construir relações saudáveis, dignas, solidárias. Nesse sentido, a organização cooperativa, a produção coletiva, o trabalho e as lutas são mecanismos de e para algo ainda maior: a formação humana. Esses espaços têm sua função cumprida se se

voltarem para esse objetivo-fim, não interessam em si mesmos. O coletivo, portanto, só tem sentido à medida que direciona sua ação educadora para uma sociedade pautada em novas relações. O coletivo é o instrumento e a matriz de formação do MST no assentamento.

A capacidade de educar/formar pessoas em rumos que se opõem ao capital se expressa nas pessoas que foram assentadas sem terem passado por um período de acampamento, como o caso das famílias “do município”. Essas pessoas identificam-se com o Movimento, assumem a identidade Sem Terra, o que revela a presença do MST no assentamento, indicando o potencial educativo do Movimento e do coletivo que o representa.

A realização e o bem-estar pessoal complementam-se nas relações coletivas. A comunidade e o assentamento, as lutas e conquistas do Movimento e da cooperativa aparecem como momentos/espacos de realização e alegrias. Assim, o coletivo em que se inserem faz-se pressuposto para o bem-estar individual.

As pessoas apontam que a vivência no assentamento é bem mais do que uma relação econômica ou de trabalho conjunto. É uma coletividade em várias dimensões: vivência, valores, projetos, história, trabalho, costumes... “O que representa o coletivo, não é simplesmente em aglomerar pessoas, mas sim pensar no coletivo como uma maneira diferente de sociedade, como uma forma diferente de organização, como você ter um modelo de sociedade que venha a conquistar novos valores” (Júlio – assentado). Porém, o coletivo não é algo acabado, estável ou imutável. Faz-se dia a dia pelas pessoas e pelas relações entre elas. Apresenta, portanto, limites, entraves e desafios que precisam ser superados. Revela a dificuldade e a complexidade de construir outras bases para as relações interpessoais, bem como o enraizamento das velhas formas em nosso comportamento.

Os assentados lembram que em tempos atrás havia mais festas, surpresas de aniversário, serenatas, reuniões de núcleo para estudo, discussões, avaliações. Hoje isso vem sendo deixado um pouco de lado por diversos motivos, como excesso de trabalho, cansaço, desânimo, rotina, entre outros. “As vezes a gente se apega muito no serviço e deixa de conviver, visitar as pessoas aqui dentro” (Eli - assentada). No início do assentamento a união entre as pessoas era maior, segundo diversos assentados. Quando as necessidades eram mais

prementes estavam mais unidos, agora que já possuem bens materiais e a condição econômica é mais estável, “parece que a unidade não é tão necessária”, indicam as lideranças.

As questões econômicas, da renda, do trabalho, dos investimentos, do capital de giro, etc., vão se impondo ao cotidiano do assentamento e desfocando o projeto de vida, o convívio e a produção que indicam para uma nova forma de vida. São essas questões que abalam a unidade interna, que originam o sentimento de ausência do MST e que afastam muitas pessoas. Nessa correlação de forças, por vezes, o coletivo fica subsumido no trabalho, as relações mercantis impõem-se às relações humanas.

A forma de organização interna (coletiva) que o assentamento vem construindo e a relação que estabelece externamente (através da cooperativa), abrem no assentamento duas perspectivas opostas que se embatem entre si. De um lado, a possibilidade de viver de forma mais tranqüila, em condições melhores, de outro, a necessidade de conter os gastos internamente para poder investir e ter capital de giro, permitindo à cooperativa manter-se no mercado. “Ao invés de nós estarmos distribuindo, estamos investindo, mas ou você faz isso, ou pára no tempo” (Raul - assentado). Ao entrar na lógica de mercado, essa ordem sobrepõem-se às demais.

É a partir desses entraves, dessa luta para se manter e viver com dignidade que se formam as pessoas assentadas. Como dissemos, o coletivo não está acabado, as pessoas, como não poderia ser diferente, continuam a se formar. Ocorre que no assentamento as “matrizes” de formação estão em disputa, e é nessa luta, nesse processo contraditório que as pessoas se constroem. No decorrer deste texto buscaremos demonstrar que a perspectiva de superação da ordem burguesa é forte, possui uma potencialidade educativa que sobressai frente aos elementos da ordem vigente, caracteriza novas relações dentro do coletivo. Todavia, isso não permite garantias maiores. A assimilação de elementos da perspectiva oposta se concretiza e às vezes é determinante. O enfrentamento é constante, os ganhos e perdas ocorrem de ambos os lados, a velha ordem está viva e disputa seu espaço.<sup>34</sup>

---

<sup>34</sup> Vendramini, em seu estudo acerca das experiências educativas e da consciência de classe dos Sem Terra, evidencia dois campos em luta: de um lado os diversos espaços de manifestação da ordem e da ideologia burguesa e a degeneração que provocam nos seres humanos e, de outro, as forças progressistas, dentre elas o MST, com enorme potencial educativo no sentido da mudança social. Sobre esse embate de campos opostos na construção da consciência escreve: “a consciência manifestada não é infalível. Podemos considerá-la como

Esse embate para a construção de uma organização coletiva de bases novas é reconhecido e expressado por um assentado, ao mesmo tempo que indica a necessidade de avançar nas relações internas:

*A gente precisa mudar, porque eu acho que a gente precisa avançar. Uma das coisas que eu mudaria no assentamento seria a relação entre as pessoas. Como nós vivemos de uma forma coletiva, essa relação entre as pessoas deve ser mais humana, mais calorosa, mais afetiva, mais simples, mais humilde, e não procurar ser uma relação assim simplesmente de coletivo, simplesmente de trabalhar juntos, ela tem que ser uma relação muito mais familiar dentro do coletivo. Porque a gente não vive só de trabalhar coletivo, a gente vive a vida de uma forma mais humana (Júlio - assentado).*

Essa questão se configura como um desafio central no assentamento. Viver em coletivo exige educar-se para tal. É um processo longo, permanente e até doloroso. Exige renúncia de alguns costumes e tradições, desapegar-se do “meu” e do “eu”. A vida em coletividade é complexa, exige esforço para compreendê-la e vivenciá-la. “Depois que eu vim pra cá, tudo aquilo que eu participei junto, pra mim foi educativo. Tu não se preocupar só contigo, mas também com os outros, a superar os problemas que se tem, as dificuldades. Educa pro companheirismo, pro coletivo. Acho que o coletivo é uma coisa que educa muito” (Eli - assentada).

O coletivo do assentamento busca vivenciar uma nova forma de sociedade por eleger critérios, normas e valores de convivência diferenciados da ordem burguesa. Aponta para uma nova forma de organização social, apesar de todas as influências e mesmo relações estabelecidas com a sociedade burguesa, para enfatizar que esse coletivo não é apenas a aglomeração de pessoas ou a produção da vida de forma coletiva dentro dos moldes do capital, mas os sonhos e valores vivenciados no cotidiano. Sonhos e valores que movem aquelas pessoas e sua organização, as quais, ao se distanciarem do capitalismo, encaminham-se para uma nova sociedade.

---

inacabada, pois o fazer-se e o formar-se dos homens é um processo dinâmico e os pensamentos e ações dos indivíduos não são uma garantia a perpetuar-se” (Vendramini, 2000 :202).

### c) O coletivo surge e se mantém pela necessidade

É para viabilizar a produção de suas vidas que essas pessoas se juntaram. Individualmente não foi possível dar conta de sobreviver ou viver dignamente nessa sociedade competitiva e excludente. Não só estavam às margens dessa sociedade como a própria continuidade de vida se encontrava ameaçada. “Nós nos unimos por uma necessidade que era de superar dentro daquelas condições que a gente vivia, de pobreza, de falta de condições” (Júlio – assentado). Ao integrarem uma organização formada por uma multidão de pessoas em condições semelhantes é que se coloca a possibilidade de melhorar de vida. Ao se juntarem, os fracos somam suas forças e ficam mais fortes. Ainda são fracos, é verdade, mas já bem mais fortes do que quando isolados. Sua simples concentração já caracteriza um problema que não é individual, é social. A organicidade, a seriedade e a persistência que os caracterizam potencializam suas forças. Organizaram-se por suas necessidades, os sonhos vieram depois, decorrentes do aprendizado nas lutas. “Isso aqui não foi feito para ficar bom, foi uma questão de necessidade”, dizem.

É pela organização coletiva que se originam as conquistas, o trabalho, a terra, a alimentação... O coletivo possibilita férias, rodízio no trabalho, saída para as lutas, afastamento por doenças, estudos. “Sozinhos não vamos a lugar algum” (Claudete – filha de assentado), a força e o poder estão na união, no companheirismo, no coletivo. São mais pessoas pensando, as chances de errar são menores, indicam. A discussão e a decisão são democráticas, faz-se necessário respeitar os outros, suas idéias. Isso exige aprendizados de perseverança, companheirismo, coletividade...

O Movimento os uniu por uma necessidade (a terra, o trabalho), porém, uma vez que isso se consolida, o que mantém a coesão no assentamento? Conquistado o sonho da terra, resta apenas lutar por melhores condições de vida? Este, sem dúvida, é um forte elemento para a manutenção da unidade interna, porém não é o único. Os assentados, na sua maioria, têm clareza da condição em que se encontram os agricultores familiares. Se a condição assegurada pela organização cooperativa não é tudo o que gostariam, individualmente a luta diária para permanecer no campo se faz ainda mais difícil. Além do mais, eles também percebem as vantagens de viver no coletivo, do trabalho menos intenso, das férias e

descansos, do acesso à educação, saúde, informação, etc. Um dirigente da Concrab, refletindo acerca das condições de vida dos cooperativados, indica as vantagens de estar organizado:

*A gente não pode analisar nossa vida pelo bem econômico que nós acumulamos, nós temos que nos nortear pela condição de vida que nós temos, e não pelo automóvel, não pelo televisor, pelos bens materiais que acumulamos, então eu acredito, por exemplo, lá na Cooperunião, não tem ninguém que tem automóvel, nenhuma família, mas eu tenho certeza que não tem lugar nenhum 60 famílias que vivam tão bem sem automóvel. Então precisamos entender qual é o conceito de uma vida boa. Se é acumular capital nós não temos nada, mas se é por uma boa alimentação, um bom trabalho, viver dignamente, ter escola para nossos filhos, e assim por diante, nós temos uma condição boa (Tonho – Direção da Concrab).*

Considerando as dificuldades financeiras em que se encontram muitas das cooperativas dos assentamentos, esse mesmo dirigente indica: “podemos, do ponto de vista econômico, estar falidos, mas podemos estar bem alimentados, os filhos na escola, ter uma casa, então é essa condição que nos garantem as cooperativas. Mas em outras situações, se você vai à falência, você perde o trabalho, perde a condição de vida, perde tudo”.

Se a necessidade é o primeiro fator de coesão no assentamento, o segundo aspecto é a consciência. Consciência da realidade do povo brasileiro, clareza da inviabilidade do capitalismo, a necessidade de construir outra sociedade, a identidade Sem Terra e mesmo a consciência do que juntos conseguiram e que poderão manter-se em condições que não atingiriam individualmente<sup>35</sup>. Na sua grande maioria, as 60 famílias do assentamento vivem muito bem, tanto em relação à alimentação, como ao trabalho, à educação, à moradia, à saúde e ao lazer. Essas famílias têm acesso a informações e buscam intensificar sua participação social. Relacionam-se bem e têm clareza do contexto que as cerca. Em decorrência disso, sua auto-estima é fortalecida. Enfim, possuem em comum projetos, sonhos, identidade e uma história. Tudo isso, sem dúvida, não elimina divergências e dificuldades, mas as mantém unidas há mais de treze anos.

---

<sup>35</sup> Segundo dados do assentamento, desde sua origem em 1988, 21 das 60 famílias desistiram/saíram do assentamento. É um número elevado e revela em grande medida a dificuldade de adaptar-se à organização coletiva, porém, dessas 21 famílias, 19 solicitaram ao assentamento seu retorno, ou seja, perceberam as vantagens de estar organizado coletivamente.

### 1.3) O coletivo educa para quê

Se tomarmos como exemplo os assentados em Dionísio Cerqueira que não participaram da ocupação e do acampamento e que vieram a ter contato com o MST e a cooperação já no assentamento, teremos uma idéia do potencial educativo do coletivo lá existente e dos aprendizados proporcionados por ele. O coletivo, expressão do MST no assentamento, constrói nos assentados a identidade Sem Terra, as marcas de luta, ousadia, capacidade de organização, disciplina. A vivência coletiva exige valores de solidariedade, comunhão, respeito pelos outros, capacidade de ouvir os demais, inconformismo frente às injustiças e prontidão para lutar... Mas esses valores e aprendizados não se fazem presentes apenas na vivência interna: os assentados sonham e lutam por uma nova sociedade, no seio da qual todos tenham vida decente. Nesse sentido, também a solidariedade que exercitam estende-se a todos os explorados; a luta que travam não se dirige apenas a seus interesses. Esse aprendizado de que outra sociedade é possível se reflete basicamente em seus sonhos e esperanças e pela forma como convivem no assentamento.

O coletivo os faz mais humanos, mais capazes, menos medrosos e inseguros. No coletivo suas capacidades pessoais antes adormecidas, negadas, reprimidas, são necessárias e devem ser potencializadas. “Às vezes a gente não valoriza, não pára pra pensar, mas se fosse nós comparar quem nós éramos há 13 anos atrás..., por exemplo a Maria, os irmãos dela não acreditavam que ela coordenava uma assembléia... (Carlos - assentado). Ou ainda: “A gente aprendeu muito a se expressar, falar. Uma vez nós era grosso, era radical, não sabia falar sem ofender a pessoa, não conseguia fazer uma crítica construtiva. Então isso a gente aprendeu, aprendeu a ouvir os outros” (Carlos - assentado). A degradação humana decorrente da forma burguesa de sociedade atinge as pessoas retirando até sua capacidade de falar, elaborar idéias, expressar-se. É a vivência no coletivo, no MST, que possibilita esses aprendizados.

*No Movimento as pessoas já falam mais, se posicionam, brigam por seus direitos. Acho que o MST quebra um tabu muito grande que é o recalque que a gente teve a vida inteira... Se tu analisa o processo de um acampamento, é um negócio muito bonito, tu já sente... aqueles “coitadinhos” dos primeiros dias, aí eles já estão falando, já estão coordenando reunião, saindo. Acho que o Movimento educa para a vida, faz criar uma necessidade... A gente tem um monte de necessidade e o*

*Movimento cria mais, tu tem que se desafiar, tem que aprender.* (Inês – assentada, Direção Nacional).

Essa fala ratifica o que falamos acima: através da cooperação os assentados sentem-se mais valorizados, sua auto-estima é elevada, já não estão à margem da sociedade, sem dignidade, respeito. O que estão construindo é reconhecido e admirado, desenvolvendo-lhes auto-confiança e orgulho de sua trajetória e conquistas.

*Tu vai na cidade as pessoas vêm, te reconhecem, te abraçam, te vêem como uma pessoa decente, te dão valor. Eu não tenho medo de chegar em lugar nenhum hoje em Dionísio, aonde eu entrar que alguém me conhece, vem e cumprimenta. Eu chego aonde for, por mais que o pessoal acha “ah, o pessoal do assentamento”, mas eles vêem o assentamento como uma coisa diferente, uma coisa que eles valorizam* (Júlio - assentado).

#### 1.4) Desafios do coletivo no assentamento

Não são poucos e nem pequenos os desafios que o coletivo enfrenta constantemente. Em linhas gerais, podemos assim alinhá-los: continuar existindo como comunidade que socializa a produção, os conhecimentos, as decisões, a vivência; continuar agregando os excluídos dessa sociedade, possibilitando a produção de uma nova forma de vida; não se resumir a apenas trabalhar juntos, a apenas sobreviver economicamente, mas continuar sendo coletivo no sentido amplo que tem sido, não se reduzindo a um grupo de associados, cujas relações sejam apenas econômicas. Observa-se ainda como desafio ao coletivo fortalecer a identidade Sem Terra, identidade de luta, de ousadia, de sujeitos, de comunidade, de trabalhadores, educando as pessoas construtoras de uma sociedade solidária, sustentável, justa, alegre...



## **CAPÍTULO II**

### **A COOPERATIVA**

Além dos aspectos anteriormente indicados, outros podem auxiliar no entendimento e delimitação da cooperativa. Procuraremos aqui descrevê-los, buscando delinear o quadro das relações desta com os assentados, o MST e com o mundo exterior.

#### **2.1) A cooperativa e o trabalho**

Interessa-nos aqui explicitar como o trabalho se apresenta dentro da estrutura cooperativista, como se relaciona e determina a vida da cooperativa e principalmente a vida dos trabalhadores. O que é o trabalho e como está organizado serão temas aprofundados adiante.

Para a Cooperunião todos os trabalhos desenvolvidos internamente são iguais, isto é, não há distinção entre as diferentes atividades da cooperativa, pelo menos do ponto de vista formal. A igualdade entre os trabalhos se dá pela não-diferenciação na remuneração. Essa não-diferenciação é respeitada até mesmo para as atividades externas, como liberações para o Movimento, partido ou atividades de comercialização que ocorrem fora do assentamento. Todas as atividades são computadas como horas de trabalho e entram na divisão da renda e subsistência.

Os acertos financeiros com os associados funcionam da seguinte forma: todas as horas de trabalho empregadas na cooperativa no período de um ano são computadas e divididas pela arrecadação total desse mesmo ano, isto dá o valor da hora/trabalho. Somam-se as horas trabalhadas de cada pessoa, multiplicadas pelo valor da hora. Isto resultará no valor a que cada trabalhador tem direito. Portanto, o valor da hora/trabalho pode variar a cada ano, em conformidade com a renda adquirida pela cooperativa. “Conforme a gente tiver disponível

pra distribuir. Tem anos que a gente tem um valor, vamos jogar aí... 35 mil para dividir, então tinha 100 mil horas por exemplo no total, então pego esse valor e divido pela quantia de horas. Depende do valor distribuído e da quantia de horas no total de todo mundo” (Raul - assentado). Do valor que cabe à cada associado são diminuídos os produtos da subsistência que cada família adquiriu e eventuais adiantamentos financeiros.

A distribuição dos produtos para subsistência vem sofrendo alterações: antigamente era realizada uma distribuição proporcional ao trabalho para cada família, independente da necessidade. Atualmente, distribuem-se os produtos de acordo com as necessidades de cada família, isto é, estas retiram o que consomem e no acerto semestral é descontado. “Nós ficamos anos na divisão proporcional, e o cara vai ficando [com os produtos] e não vai ocupando, mas no final tinha que pagar, então a gente está buscando hoje uma forma que você pega o que você precisa, por outro lado, você paga conforme pega” (Raul - assentado).

Cada produto possui um valor estipulado pelo assentamento (custo de produção), que, somado à quantidade de produtos adquiridos pela família, é reduzido do valor final a que cada família/pessoa tem direito. No caso, o valor total das horas trabalhadas. “Hoje a maioria dos produtos é por necessidade, pega aquilo que você precisa durante o mês: farinha, erva, carne... Tudo que é distribuído tem valor, algumas coisas nem se considera, mandioca por exemplo<sup>36</sup>. Se na casa tem seis pessoas vai ganhar por seis, se tem dois vai ganhar por dois, no final entra no acerto que a gente faz” (Raul - assentado).

Dessa forma, o critério utilizado na divisão da renda e da subsistência são as horas de trabalho aplicadas na cooperativa. “Será considerado na divisão da renda o trabalho aplicado na produção a partir do ano agrícola, de julho a junho; a subsistência será dividida conforme a mão-de-obra aplicada na produção, sendo que será feita uma média de alguns produtos de consumo, e quem consumir mais ou menos da média será controlado pelos dias trabalhados” (Regimento Interno, 1997 :11). Essa forma de distribuição acarreta algumas divergências no assentamento<sup>37</sup>. É uma forma que se assemelha à lógica do capital ao distribuir a renda de

---

<sup>36</sup> Alguns produtos em abundância ou que não necessitam de investimentos maiores não são computados/diminuídos das horas trabalhadas. Nesses casos estão a mandioca, verduras, dentre outros. A batata-doce, por exemplo, exige maior investimento para produzir e, nesse caso, é computada no acerto final.

<sup>37</sup> Grade (1999), também observou a existência de descontentamento em relação à forma de distribuição dos recursos, isto é, o critério “horas trabalhadas”.

acordo com o trabalho empregado e não com as necessidades humanas. São as necessidades da cooperativa (aumentar o capital) impondo-se às pessoas.

A cooperativa concentra todos os recursos oriundos da produção e depois os distribui de acordo com o tempo de trabalho e a disponibilidade de recursos. Isso adquire uma forma de trabalho assalariado. "Quem trabalha ganha", dizem os assentados. Recebe-se por horas trabalhadas. Algumas expressões verbais e escritas<sup>38</sup> reforçam a idéia de que se trabalha para a cooperativa e esta "paga" pelas horas trabalhadas. Por isso, algumas pessoas não se sentem trabalhando para si próprias, mas para a cooperativa. Consideram a cooperativa como patrão, notadamente porque trabalham muito e pouco sobra. É o grande capital se apropriando da produção e dos lucros dos trabalhadores, mas quando alguns não conseguem fazer essa leitura, responsabilizam a cooperativa pelas dificuldades financeiras e pelo pequeno retorno econômico.

Uma liderança relata que muitas pessoas até hoje não entenderam como é realizada a distribuição das sobras, qual a dinâmica e a complexidade da cooperativa. Isso é revelador das deficiências no funcionamento do coletivo, uma vez que aquele espaço se pretende democrático e participativo, porém, isso fica limitado ao haver pessoas que não dominam algumas regras de funcionamento interno.

O trabalho organiza a vida da cooperativa. Toma conta do cotidiano, das preocupações e da energia das pessoas. É também o critério de inserção destas na cooperativa em razão do qual a riqueza produzida é dividida. "Eu mudaria a forma de distribuir. Porque eu vou lá na roça, trabalho quatro horas, mas o meu companheiro do lado trabalha três horas<sup>39</sup>. Então eu mudaria, faria assim: você hoje mereceu tantas horas. Porque eu trabalho mais e no final vou receber a mesma coisa daquele que não fez a mesma coisa do que eu" (Claudete – filha de assentado).

O controle das horas de trabalho exige grande burocracia, por vezes desnecessária, caracterizando-se como uma espécie de cerceamento das pessoas, retirando seu

---

<sup>38</sup> No Regimento Interno encontramos algumas expressões: "trabalhar para a cooperativa"; "evitando a cooperativa de perder dias de trabalho"; "caso alguém tirar [folga em dias de trabalho prioritário] será a pagar" .

<sup>39</sup> Claudete quer dizer que seu "companheiro do lado" também trabalha quatro horas, mas seu rendimento é como se trabalhasse três.

autogoverno<sup>40</sup>. Isso às vezes se traduz em atitudes deseducativas. Por exemplo, ao concluírem uma atividade antes do término do horário de trabalho, alguns assentados dizem que não podem retornar para casa pois terão descontadas as horas. Então as pessoas ficam literalmente “matando o tempo” até cumprir o horário determinado. “Tem que cumprir horário, não pode sair antes. A gente tem que arrumar algum servicinho pra fazer” (trabalhadores do estábulo). Essa política da cooperativa reforça a idéia de que as pessoas trabalham para outros e não para si mesmas. Dessa forma, caracterizam-se como funcionários que objetivam cumprir seu turno de trabalho e que, independente da produção, ao final do mês receberão o salário. Compreendemos que ações como estas levam as pessoas ao distanciamento da cooperativa, que enxergam nela o patrão, e assim aumentam ainda mais a relação de desgosto para com o trabalho. Este passa a ser, então, forma de receber recursos, somar horas, independente do que esse tempo venha a produzir, ignorando até mesmo que o valor da hora depende da produtividade do trabalho.

Muitas pessoas não vêm essas normas com bons olhos: “Individual tu chegava na roça três, quatro horas. Aqui tem que ter horário pra tudo, horário pra ir na horta, pra buscar um frango, sabão. Tu se perdeu no horário... A gente foi criado assim, ia na roça a hora que dava pra ir...” (Maria - assentada).

Outro aspecto que se sobressai em relação ao trabalho é a necessidade permanente da Cooperunião aumentar a produtividade da força de trabalho. Na avaliação dos assentados, existe muita “mão-de-obra” ociosa. “Quando nós fomos fazer o levantamento de quanta gente podia ocupar pra fazer um hectare de feijão é que nós nos demos conta que nossa mão-de-obra sobra aqui, e no geral sobra não sei quantas mil horas por ano. E essas tantas mil horas por ano vão ficar no planejamento igual porque nós não achamos novas alternativas” (Paulo - assentado). Essas horas que estão “sobrando”, isto é, que apresentam baixa produtividade mas são computadas no acerto geral, acabam reduzindo o valor da hora trabalhada. Na análise dos dirigentes da cooperativa, não apenas há força de trabalho ociosa, como também esta é bem remunerada pelo que produz. “A nossa mão-de-obra pelo que ela trabalha é muito bem paga” (Paulo - assentado). Christoffoli (2000) constatou que há na Cooperunião um desequilíbrio

---

<sup>40</sup> O camponês possui um estilo de vida que não está muito preso a horários e normas, assim, o estranhamento e dificuldade de adaptar-se as normas da cooperativa estão ligados ao jeito de ser camponês.

entre geração e consumo de riqueza, ou seja, há consumo superior à produção. Essa situação se agrava frente à concorrência capitalista, segundo esse mesmo autor.

Para superar tal problema, o assentamento busca desenvolver formas de produção (industrialização), por meio das quais exige-se maior emprego de trabalho, ao mesmo tempo em que lhe impõem um ritmo externo. Nesse sentido, o frigorífico se apresenta para o assentamento como grande alternativa.

*A partir que nós começamos a trabalhar no frigorífico, a nossa mão-de-obra começou a aparecer onde é que está sendo aplicada, e antes de nós trabalhar lá sobrava muito mais, e hoje ainda sobra um pouco. Com o frigorífico é nosso pessoal que está trabalhando lá, a nossa mão-de-obra vai ser aplicada ali. Uma boa parte vai pra produzir o frango e uma outra parte vai para abater. (Paulo - assentado).*

“O frigorífico é uma coisa que pra mim nos primeiros tempos foi difícil de se acostumar com aquele trabalho, mas que tu hoje vai analisar, é uma necessidade que tem para aumentar a renda da cooperativa” (Eli - assentada). Com o frigorífico trabalham mais, realizam investimentos maiores, adquiriram dívidas maiores e, todavia, a renda não aumentou. “Quando nós abatia (o frango) a mão, nós tinha essa sobra, hoje com o frigorífico é essa sobra, daqui uns anos nem mais essa sobra nós vamos ter...” (Rosa - assentada). A necessidade de aumentar a produtividade do trabalho tem como razão fundamental reproduzir o patrimônio da cooperativa, isto é, pagar os investimentos realizados<sup>41</sup>.

Há ainda a analisar, em relação à Cooperativa, o baixo rendimento do trabalho. A essa realidade os assentados atribuem diversas causas: falta de criatividade, de disposição, de não se sentir dono da Cooperativa, falta de organização e planejamento, de maquinário... Além desses elementos, esse problema revela o desinteresse para com o trabalho<sup>42</sup>; as pessoas em geral não gostam de trabalhar contrariando o que é comumente anunciado, ou seja, o

---

<sup>41</sup> Sobre a situação econômica das Cooperativas dos assentamentos, inclusive a Cooperunião ver: Dal Chiavon, Francisco, *Os problemas econômicos das Cooperativas de Produção Agropecuárias (CPA's) nos assentamentos de Reforma Agrária*. Monografia do Curso de Especialização e Extensão em Administração de Cooperativas, numa parceria do ITERRA, UnB e UNISINUS, 1999.

<sup>42</sup> Christoffoli (2000) também observou a baixa produtividade no trabalho em algumas Cooperativas de Produção Agropecuárias – CPA's onde desenvolveu seu estudo, incluindo a Cooperunião. Além desse elemento, constatou a existência de “corpo mole” no desenvolvimento do trabalho, o que reforça a idéia de que o trabalho na maioria das vezes é cansativo, repetitivo e desagradável.

prazer de trabalhar. Muitas tarefas são repetitivas, cansativas e às vezes infrutíferas, além de pouco rentáveis. Mesmo que a Cooperativa seja dos assentados, o trabalho é fonte de exploração na relação que estabelecem com o mercado capitalista.

A necessidade de empregar a força de trabalho ociosa revela a lógica capitalista presente no interior do assentamento, à medida que esse tempo disponível não pode ser empregado em lazer, cultura, descanso, etc., mas precisa produzir riquezas como forma de a cooperativa continuar sobrevivendo no mercado. Não basta ao assentamento produzir a existência de forma digna, trabalhando o necessário para viver bem: exige-se produzir cada vez mais, trabalhar cada vez mais. Não basta se utilizar de máquinas poderosas que praticamente dispensam a força de trabalho humana, o que possibilitaria a liberação de tempo para desenvolver outras potencialidades humanas até então sufocadas. Pelo contrário, mesmo com máquinas tão eficazes, o trabalho precisa ainda mais ser intensificado. Revela-se, assim, a forma burguesa de produção buscando se impor dentro do assentamento, tomando a vida das pessoas e corroendo as relações socialistas que estão a construir.

Apesar das forças burguesas pressionarem o assentamento, importantes avanços se apresentam no trabalho em relação à produção individual/familiar. Mensalmente, cada assentado tem direito de não trabalhar por quatro dias, o que não é descontado, mas também não conta como horas trabalhadas. Computando mais de quatro dias ausentes do trabalho sem justificativa, a pessoa deverá pagar à cooperativa o equivalente a cinco litros de gasolina. Os dias “particulares” não poderão coincidir com excesso de trabalho ou atividades prioritárias. A Cooperativa também garante a liberação do trabalho nos finais de semana, nos feriados e férias<sup>43</sup>. Sobre as vantagens do trabalho coletivo trataremos adiante.

## 2.2) A Cooperativa e o MST

Mesmo que a Cooperunião se insira no mercado capitalista - e para tanto precisa desenvolver uma política interna que dê condições de se manter no mercado, o que leva à dificuldade/instabilidade/disputa na construção de novas relações no assentamento - diversos

---

<sup>43</sup> No assentamento as férias são chamadas de folga, já que para eles as férias dizem respeito a vínculo empregatício (patrão e empregado) e a relação que buscam estabelecer é de cooperação, ou seja, todos são donos da cooperativa.

aspectos indicam a relação/identidade da cooperativa com o MST. Podemos destacar a liberação de pessoas para atuarem junto ao Movimento, a participação dos assentados nas lutas e na dinâmica do Movimento e a alocação de recursos financeiros para o MST.

A Cooperunião é filiada à Cooperativa Central de Reforma Agrária -CCA, parte do Sistema Cooperativista dos Assentados -SCA. Segue as orientações políticas do Movimento para a produção nos assentamentos e para a organização cooperativista. Podemos citar como exemplo a organização e a direção coletivas, a democracia participativa, a industrialização dos produtos, a produção para subsistência, a diversificação da produção, a redução do uso de químicos e a busca da agricultura ecológica, entre outros.

A identidade da Cooperunião com a luta do MST também aparece em seus documentos. No Regimento Interno encontramos alguns “objetivos políticos e sociais” que afirmam a intenção da cooperativa/coletivo de contribuir com a luta dos trabalhadores:

- Unir-se para enfrentar juntos as dificuldades econômicas em relação à política agrícola vigente e ao capitalismo;
- Ter mais facilidade na reivindicação de nossos direitos;
- Poder se ajudar nas dificuldades que as famílias encontrariam individualmente;
- Manter o espírito de entreajuda e companheirismo para superar o individualismo e a falta de solidariedade;
- Manter a motivação da cooperativa para contribuir na luta pela transformação da sociedade;
- Garantir a permanência na terra, avançando econômica e politicamente, possibilitando a liberação de companheiros para contribuir na luta pela Reforma Agrária e na luta geral dos trabalhadores. (Regimento Interno, 1997 :3 - 4).

Os objetivos econômicos definidos pela Cooperunião/coletivo também revelam heranças e aprendizados adquiridos no MST: trabalhar toda a terra pertencente à cooperativa de forma coletiva; explorar racionalmente as riquezas naturais existentes de forma coletiva,

fazer todo investimento em conjunto; produzir com menos custos, dentre outros. (Regimento Interno, 1997 :3).

A Cooperunião também se identifica e contribui com o MST de diversas outras formas, como utilização do espaço do assentamento para realização das atividades do Movimento, para as quais toda sua estrutura é colocada à disposição. Em especial, é possível destacar o reconhecimento em todo o país e até mesmo internacionalmente de que goza essa cooperativa. Visitantes de diversos estados brasileiros e de vários países do mundo estiveram no assentamento<sup>44</sup> para conhecer sua experiência, sempre apontada como alternativa de organização camponesa, de produção, etc. Obviamente, além da Cooperativa, o que se apresenta é o próprio Movimento Sem Terra, não só na forma histórica da luta pela terra, mas o Movimento após a conquista da terra, na forma de produção e organização. Assim, o assentamento é não somente espaço de divulgação do Movimento, da visita de amigos solidários ao MST provindos de todas as partes do mundo, mas experiência concreta do MST, de produção da vida de forma coletiva e solidária. Para o Movimento é uma “prova” da viabilidade da Reforma Agrária e de um modelo de agricultura alternativa.

A experiência do MST na organização cooperativista é relativamente nova, até porque o MST também é bastante jovem e, nesse sentido, ainda vem construindo sua forma de ser nos assentamentos. Não possui uma receita de como as cooperativas devem se organizar, isso vem sendo gestado e muitos acertos ou erros são observados nesse mesmo processo. Assim, não é possível esperar uma organização coletiva nos assentamentos que não encontre dificuldades, pelo contrário, muitos problemas vêm se apresentando. O MST começou a perceber, de forma mais clara, a problemática decorrente da inserção das cooperativas no mercado capitalista há poucos anos. Possivelmente ainda não encontrou resposta para diversas questões que lhe são colocadas. Mesmo as respostas que formula vão sendo testadas, comprovadas ou não. A organização da produção nos assentamentos ainda se constitui como um grande desafio para o MST. Junto com essas dificuldades, porém, os Sem Terra, e os Sem Terra da Cooperunião vêm adquirindo muita experiência e aprendizado.

---

<sup>44</sup>. Nos treze anos de existência, o assentamento recebeu representações de 24 países do mundo. Só no ano de 2000 foram cerca de 3000 visitantes. O número de pesquisadores, estagiários, caravanas era tão grande que o assentamento precisou organizar um calendário de visitas, e até mesmo sugerir a realização de estágios em assentamentos similares.



*Nós experimentamos várias formas de produção, e a rigor não se pode dizer que nenhuma delas é a solução. Não é solução o lote individual, cooperativas de produção, CPA's... Não fomos sectários em criar modelos, nós aprendemos rápido, nós somos plurais na forma de organizar a produção, só que todas as formas de produção em que se valoriza a autogestão, que o cara seja dono do seu trabalho, o sistema capitalista bota elas no chão. Então esse é o drama. (Antonio – Direção Nacional).*

Nesse mesmo sentido, um dirigente da CONCRAB indica:

*Na medida do possível nós buscamos ter uma independência do mercado, obviamente que isso não é uma tarefa fácil dentro do modelo em que nós estamos vivendo, mas sempre existem alternativas, e acho que nós estamos num caminho que estamos buscando alternativas. Se essas vão viabilizar os assentamentos ou não vão viabilizar, a história nos dirá, mas não podemos chegar num determinado ponto da história e nos arrependermos de não ter provado certas formas que poderiam ser possíveis, que nós pudéssemos sobreviver sem recorrer diretamente ao mercado. (Tonho – Direção da Concrab).*

### 2.3) A cooperativa e o mercado

“A relação interna é socialista, mas a relação externa é capitalista”

(Júlio - assentado).

O mercado é forte determinante da vida da cooperativa. O que produzir, como produzir, onde investir, são decisões tomadas com base em análises de mercado. Muitas coisas que os assentados gostariam de fazer, ou fazer de modo diferente não se tornam possíveis em razão das condições de mercado. A vida no assentamento tem, na relação com o capital, um de seus fortes reguladores e moldes. Grade (1999) desenvolveu um estudo sobre as cooperativas de Reforma Agrária e revela como estas, ao inserirem-se no mercado capitalista, passam a impor essa mesma lógica no interior dos assentamentos, os quais, em sentido inverso, buscam exatamente a superação da ordem burguesa.

*A CONCRAB, ao expandir-se, e nos assentamentos produzir mercadorias para o capital, deverá fazê-lo cada vez, de forma mais eficiente, com menor custo, de modo a competir com todos os outros capitalistas. À medida que se desenvolve sua racionalidade econômica vira uma necessidade e busca por maior eficiência. Mais cursos para aprimoramento dos seus integrantes tais como: aprendizados de modernas técnicas de gerenciamento, pesquisas de mercado, controles e custos, etc. Para a sobrevivência do sistema (SCA) se faz necessário a montagem de grandes empresas nos moldes das capitalistas. O MST delega às cooperativas a cooperação e a organização dos assentados. Entretanto as Cooperativas refletem a dinâmica do capital porque são moldadas através das variáveis dinheiro e mercadoria que no interior dos assentamentos impõem-se sob a forma burguesa (Grade, 1999 :272).*

Os condicionantes da forma de ser do capital estendem-se às mais diversas áreas. No assentamento, a decisão de construir o frigorífico decorre da disponibilidade de recursos (crédito) para esse tipo de investimento e não para outras áreas de interesse maior da cooperativa (estábulo). O investimento em frango (frigorífico) e não em gado de leite vem mudando diversos outros aspectos na cooperativa, como a produção da lavoura (milho e soja para ração do frango); construção de aviários que vão exigir muita mão-de-obra e área de terra; a integração que pretendem fazer com os agricultores vizinhos e de todas as atividades que giram em torno do frigorífico, como o trabalho, a comercialização, a pesquisa...

*Mesmo em relação à produção, se fosse a gente começar de novo, porque a gente também errou muito nos investimentos, eu não optaria pelo frango hoje. Ele é um desafio muito grande e um risco muito grande de você se manter no mercado, se olhar assim, quando nós tivermos 30 aviários, veja a dependência que nós temos do mercado, por exemplo o pintainho, se eles cortar o pintainho, o que nós vamos fazer? Se as firmas maiores boicotassem? Então o gado de leite seria hoje uma alternativa que nós teríamos, nós não dependeríamos tanto dos outros. A forma de trabalhar com ele é bem mais prática, com pastagens, e que por outro lado haveria a vantagem de não precisar usar veneno. E aí diminuir a área de lavoura pela pastagem do gado, que aí seria outra forma de nós sobrevivermos. Mas na verdade, por outro lado, aquela vez que nós construímos o frigorífico, pra construir frigorífico tinha recurso, mas para vaca de leite não tinha. Então não tinha opção, e no setor de frango, ou se*

*organizava de acordo com a inspeção, regularizando conforme o mercado exige, ou parava. (Raul - assentado).*

Dessa forma, o mercado tem sido um fator decisivo para a vida da cooperativa e de todas as pessoas lá dentro, definindo as áreas em que vão produzir e investir. Ao inserirem-se no mercado, competindo com grandes empresas e tendo que se adequar às normas de padronização, mudam as atividades que desenvolvem, os horários e os próprios costumes... A dependência do crédito e a freqüente incerteza de sua liberação constantemente trazem dificuldades para a cooperativa. Isso acarreta dificuldade em fazer a nova safra e até mesmo o atraso no plantio.<sup>45</sup>

O reconhecimento do trabalho algumas vezes é determinado pelo valor mercantil de seu produto final. Se a atividade é desenvolvida em setor de comércio é mais valorizada do que as atividades voltadas para subsistência (consumo interno). “Quando eu estava lá na horta, trabalhando com as hortaliças, o produto tem preço, mas para o nosso consumo lá dentro... todo mundo levava e ninguém sabia a noção do valor da verdura, já no leite, ele tem valor e todos sabem o valor do leite, por isso eu me sinto mais valorizada no setor de gado de leite do que na hortaliça” (Rita - assentada).

Essa discriminação decorre pelo fato de os produtos destinados ao mercado externo resultarem em dinheiro que entra na cooperativa. Já os produtos de subsistência são consumidos e não correspondem a um aumento das receitas. Pelo contrário, estes geram gastos para produzi-los e ao serem consumidos não acumulam valor para a cooperativa. Nesse

---

<sup>45</sup> O MST estabelece uma relação de oposição e enfrentamento para com os sucessivos governos, os quais, subordinados ao grande capital tem historicamente servido aos interesses destes últimos, enquanto grande parcela da população vive em condições de miséria (vide dados do IBGE divulgados ao final de 2001 acerca da pobreza no país). Ao mesmo tempo, existem no país milhares de hectares de terras inutilizadas e milhares de agricultores Sem Terra. Nesse sentido, a posição do Movimento é de enfrentamento não apenas aos governos, mas aos padrões de “desenvolvimento” adotados. Todavia, existe uma relação de dependência dos assentamentos com os recursos advindos do Estado. A compreensão do Movimento é de que recursos públicos devem subsidiar a agricultura e a Reforma Agrária, como ocorre em vários países do mundo, porém, em decorrência de diversos fatores, gerou-se dependência dos assentamentos a esses recursos, e o governo, ao perceber isso, retirou/cancelou ou esvaziou as verbas disponíveis para os assentamentos (PROCERA, PRONERA e outros), com o objetivo de inviabilizar a Reforma Agrária. Isso tem gerado dificuldades financeiras ainda maiores. Em função disto, o Movimento sinaliza para a construção de economias alternativas como a intercooperação, a produção para subsistência, entre outras, objetivando adquirir independência financeira dos assentamentos em relação ao Estado. Ao mesmo tempo o Movimento reafirma a luta por políticas públicas de subsídio à agricultura e Reforma Agrária, sem que, todavia, esta seja uma alternativa exclusiva e dependente.

caso, desconsidera-se que a produção de alimentos garante a qualidade de vida (pela diversidade e produção orgânica), além de dispensar maior emprego de recursos para comprar artigos de subsistência.

Esses aspectos revelam mais uma vez a lógica do capital impondo-se à cooperativa. No processo de reprodução do capital, o consumo só interessa à medida que é condição para um novo ciclo de acumulação, isto é, o consumo possibilita a realização da mais valia, reempregando-a no sistema produtivo novamente. Dessa forma, o consumo na sociedade burguesa não se destina à satisfação das necessidades humanas, mas à reprodução do capital.

Os assentados dizem que a subsistência é prioritária, todavia, diversos aspectos revelam que as atividades direcionadas ao mercado são prioritárias. A estas é destinado maior emprego de trabalho, investimento, pesquisas, planejamento, etc.

As atividades de subsistência desempenham historicamente papel fundamental para a manutenção familiar, sendo o alicerce de segurança alimentar. Com o desenvolvimento do modo de produção burguês, a agricultura destina-se a produzir aquilo que a indústria (agroindústria) necessita. Dessa forma, uma legião de agricultores teve como parâmetro de desenvolvimento uma produção não mais baseada no autoconsumo (modo camponês de produção)<sup>46</sup>, mas no atendimento às necessidades do padrão de desenvolvimento capitalista no campo, principalmente, e de forma mais agressiva, com o sistema de “integração”<sup>47</sup>. Com a adoção deste, o agricultor produz em sua propriedade, porém, de acordo com o ritmo e o direcionamento da produção determinados pela indústria.

Com o desenvolvimento dessa dinâmica de produção, a subsistência foi relegada à condição de atividade “marginal”, tornando-se prioridade o incremento dos setores produtivos voltados ao mercado. Isso se forma em virtude dos fatos mencionados acima, mas também em razão de a maioria das unidades de produção familiares não “monetizarem” a renda advinda

---

<sup>46</sup> Numa conceituação clássica, camponês é compreendido como aquele que produz para o autoconsumo, ao mesmo tempo em que busca produzir o máximo de que necessita. A comercialização está em segundo plano, relegada a eventuais sobras e para aquisição de produtos que ele não consegue realizar na unidade de produção. Com o advento do capitalismo, o camponês cede espaço para o agricultor. Este tem suas atividades voltadas ao mercado e atreladas à agroindústria.

<sup>47</sup> Sobre a integração dos agricultores à indústria ver: PAULILO, Maria Ignês. *Produtor e Agroindústria: Consensos e Dissensos*, Florianópolis: Editora da UFSC, 1990.

deste setor. Na lógica do mercado, a atividade que não gera renda não recebe maiores investimentos, tanto financeiros como de pessoal e técnico. Essa lógica apresenta-se explicitamente na produção do assentamento, quando a subsistência permanece “à mercê” dos setores que representam a entrada de recursos na cooperativa.

A intenção de priorizar a subsistência está presente entre os assentados de modo a não dependerem do mercado para aquisição de uma infinidade de produtos de que necessitam. Isso implicará a não-saída de dinheiro da cooperativa, o que é igualmente importante. Por outro lado, no Movimento Sem Terra existe uma consciência de que os agricultores não ficarão ricos trabalhando no campo, ainda mais em face das condições dadas. Então, não basta apenas produzir para vender, para ter recursos financeiros, é necessário produzir para viver bem. No Movimento, essa tentativa de direcionar a produção para o consumo aparece colada à idéia segundo a qual “o mercado não é nossa salvação, pelo contrário, é o nosso enterro” (Tonho – Direção da Concrab). Na Cooperunião, a equipe de subsistência produz uma grande diversidade de produtos e recorre ao mercado para aquisição de poucos artigos, todavia esse setor ainda é “marginalizado” uma vez que dispõe de menor organização e investimento.

Esse mesmo dirigente da Concrab indica a discussão do MST acerca da subsistência e da relação com o mercado:

*A agricultura foi sendo desenvolvida com total dependência do mercado, nas máquinas, equipamentos, fertilizantes, inseticidas, fungicidas, sementes... É o mercado da produção em si. Nós estamos buscando alternativas dessa natureza, buscando os fertilizantes não químicos, que nós podemos produzir; buscando eliminar os herbicidas com outras técnicas de produção; a nossa produção para fortalecer pequenos mercados e não grandes mercados; inclusive algumas coisas já estamos desenvolvendo da intercooperação, porque as coisas já começam a circular dentro dos próprios assentamentos, produtos que sejam industrializados ou processados em algum lugar que possam servir para um outro... (Tonho).*

Paralelo às orientações de produzir para a subsistência, o Movimento também indica a industrialização da produção como alternativa de agregar valor aos produtos,

potencializando a força de trabalho familiar/comunitária. Muitos assentamentos contam atualmente com grandes estruturas como armazéns, microusinas de leite, entre outras que estão subutilizadas e algumas até mesmo inviabilizadas economicamente. Atualmente o Movimento vem refletindo sobre esse padrão que outrora era julgado adequado, mas que vem se mostrando inviável<sup>48</sup>.

*O principal problema nosso é o modelo, a forma de produção adotada, que é o modelo convencional de produção, com tecnologia convencional, quando se fala das cooperativas, na grande maioria. Isso exige um grande capital investido, que, se nós fizermos um apanhado da história de nossos país, e de alguns de nós hoje que estamos assentados e que ficamos sem-terra, ficaram sem-terra justamente por isso, então a gente está repetindo o mesmo erro que já foi feito no passado, e se não tomarmos algumas providências e fizermos algumas mudanças meio radicais, conseqüentemente, provavelmente, vamos ser novamente sem-terra, porque tem que levar em consideração a política vigente que é de exclusão, de explorar, que é de ficar o máximo de 5% da população no campo, então nós não estamos fora desse processo. (Chico – assentado, Direção do MST/SC).*

A concepção de construir nos assentamentos grandes estruturas, cuja produção se direciona ao mercado, ainda norteia a forma de desenvolver os assentamentos. Referindo-se à decisão de construir o frigorífico no assentamento, um assentado observa: “Qual era a discussão do Movimento, era partir pra agroindústria, e isso é uma agroindústria. É capitalista, não é capitalista..., mas quanto nós já temos no Movimento uma diferente da outra? Nós começamos com o frango à mão e olha só onde nós fomos parar... já com o frigorífico” (Paulo - assentado).

O Movimento desenvolve a idéia de cooperação nos assentamentos como alternativa para poder resistir no meio rural, dentre outros fatores, conforme buscamos demonstrar

---

<sup>48</sup> “O MST reconhece que adotou uma lógica de construção das Cooperativas que se tem revelado incompleta e com diversos equívocos. Para o Movimento, foi reproduzida a lógica da Cooperativa Tradicional. Passou-se, assim, a construir grandes estruturas de silos e armazéns, postos de recebimento de leite, enfim, um alto grau de investimentos em atividades com baixa rentabilidade e alto grau de depreciação” (Grade, 1999 :209). O desafio está agora em consolidar uma forma de desenvolvimento dos assentamentos pela qual alguns aspectos sejam considerados: cultivo de produtos variados, atividades que demandem baixo investimento, utilização dos recursos da propriedade, potencialização da força de trabalho familiar, além de um planejamento que observe a viabilidade das ações que se pretende desenvolver, entre outros fatores.

anteriormente acerca das vantagens da cooperação. Mas a cooperação se coloca, para o MST, fundamentalmente pela possibilidade de elevar o nível de consciência dos camponeses. Isso significa dizer que a cooperação busca ser instrumento do MST nos assentamentos, mantendo-os organizados, em luta, avançando no entendimento político. Todavia, a cooperação ainda está bastante limitada às cooperativas e apresenta diversos problemas, tornando a relação interna nos assentamentos bastante complexa. De outro lado, são inegáveis alguns avanços conquistados através da cooperação e das cooperativas. Considerando toda essa problemática bastante presente na Cooperunião, uma assentada não deixa de alertar: “Já faz 13 anos, já é uma história. A gente vai ter que buscar alternativas pra conseguir ir se mantendo. Ricos não vamos ficar, mas também não é esse o objetivo” (Inês - assentada). Compreendemos que, mesmo nessas condições adversas, é inegável a resistência do coletivo/cooperativa nesses treze anos. Essas adversidades não provocaram o abandono do MST ou da consciência de classe dos assentados. Estes continuam atuantes no Movimento Sem Terra e buscando a superação da sociedade burguesa.

As cooperativas têm dificuldades para manter-se economicamente e dificilmente resistirão por muito tempo na atual conjuntura<sup>49</sup>. O MST compreende que a transformação social não ocorrerá por intermédio das cooperativas. Pode até se dar com elas, mas de modo algum deposita suas esperanças unicamente nessa via de transformação. O propósito do MST para com as cooperativas é de viabilizar a produção nos assentamentos e organizar coletivamente os assentados de modo a elevar o nível de consciência social dos sem-terra, mas de forma alguma iludir-se que por meio delas será possível construir as bases de superação dessa sociedade.

*No fundo, estamos construindo uma utopia, ela não consegue ser perene se você não altera na sociedade, se você não tem também um estado que é cooperador, uma sociedade que é cooperadora. Então estamos construindo uma utopia, cujo salto imediato para a organização é pelo menos este avanço na consciência, este seria o salto principal, mais do que imaginar que sem mudar o modelo econômico capitalista*

---

<sup>49</sup> Salientamos que as dificuldades econômicas aqui indicadas não se restringem à Cooperunião. A agricultura de modo geral, em especial a pequena propriedade, vem enfrentando inúmeras dificuldades para sobreviver em decorrência da inexistência de uma política agrícola nacional sustentável. Desde o início do governo de Fernando Henrique Cardoso (1994), um milhão de pequenas propriedades desapareceram, isto é, inviabilizaram-

*seria possível generalizar as formas cooperadas de trabalho* (Antonio – Direção Nacional).

#### 2.4) A cooperativa educa para quê?

Conforme indicamos anteriormente, distintas e mesmo opostas perspectivas se colocam para o assentamento. Se de um lado a luta pela terra através do MST possibilita uma leitura crítica do mundo<sup>50</sup> e mesmo a construção de um coletivo em que é possível vivenciar algumas relações humanas anticapitalistas, de outro, para sobreviver esse coletivo precisa inserir-se nessa sociedade cuja ordem é capitalista. À medida de sua inserção nessa ordem, esta começa a impor-se às pessoas, (des)organizando suas vidas, introjetando-lhes valores burgueses. A cooperativa cumpre no assentamento esse papel de inserção no mercado, em cujo contexto o ser humano deixa de ser central e cede espaço para o lucro, a acumulação, a competitividade. Por vezes, a relação estabelecida internamente no assentamento se enfraquece frente às necessidades de permanecer no mercado. Realidades e perspectivas distintas se interpõem criando conflitos, dúvidas, divergências. A lógica do capital se materializa no assentamento de algumas formas: quando deixam de distribuir quantias maiores de recursos para as famílias<sup>51</sup> e a cooperativa precisa investir para poder manter-se competindo; quando deixam de produzir o que gostariam e precisam cultivar o que o mercado impõe; quando utilizam produtos químicos diminuindo a qualidade dos produtos; quando não é possível liberar mais pessoas para estudar e participar das lutas<sup>52</sup>, em consequência das necessidades de trabalho; quando buscam maneiras de intensificação do trabalho em vez de formas de aumentar o tempo livre, entre outros. Existem, entretanto, ações que buscam privilegiar as lutas do Movimento em relação ao trabalho; existem esforços para cultivar produtos de forma totalmente agroecológica; existem maneiras de valorizar o ser humano

---

se economicamente e seus proprietários foram expulsos das terras (Christoffoli, 2000). Frente ao desemprego crescente cabe perguntar: o que estão fazendo os agricultores que perderam suas terras?

<sup>50</sup> Buscaremos explicitar ao final deste texto como o MST se faz educador do sem-terra na construção de uma sociedade nova.

<sup>51</sup> Mensalmente são distribuídos recursos, porém é consenso a necessidade de aumentar esses valores.

<sup>52</sup> Apesar de que o assentamento tem uma preocupação especial com a educação (formação) e escolarização das pessoas. Christoffoli, no período de sua pesquisa (1999/2000) constatou que na Cooperunião, do total de 221 pessoas residentes no assentamento, 111 estavam estudando, o que incluía desde a Ciranda Infantil, Educação Fundamental e Média, Educação Superior e de Jovens e Adultos.



acima do capital, etc. Reafirmamos, portanto, essa polarização: ora uma perspectiva conquista mais espaço, ora outra. Ora relações humanas baseadas na solidariedade, na vida digna e no respeito predominam e se consolidam, ora as relações entre as pessoas se degradam e se coisificam.

Essa condição da cooperativa exige a preparação dos assentados para as regras do mercado capitalista. Impõe-se assim a necessidade de fazer análise de mercado, de encontrar recursos, de saber como investir, planejar, comercializar, comprar, etc. Exige a divisão e a especialização no trabalho, domínio de técnicas, manuseio de equipamentos, racionalização no uso de materiais que, em última instância, é a racionalidade econômica necessária para manter-se economicamente.

Nesse sentido, a cooperativa forma as pessoas para atenderem às necessidades do mercado, prepara as pessoas para atuarem nele. Impõe às pessoas e à relação estabelecida entre elas, as normas, os comportamentos e as ações de que necessita o capital, não o ser humano. Assim, por meio da cooperativa, a matriz de formação burguesa se instala, negando o novo, o coletivo, a cooperação, o MST e as pessoas. Todavia, à medida que a cooperativa faz parte do coletivo e, ainda, à medida que outras matrizes de formação se impõem à cooperativa, mudando alguns de seus objetivos, suas ações, esta também pode se apresentar como instrumento do coletivo e do MST para a construção de novas formas de relações humanas.

## 2.5) Desafios da Cooperunião

Ao serem questionados acerca dos desafios da Cooperunião, das mudanças que se fazem necessárias, diversas foram as respostas dos assentados, mas, numa análise mais aprofundada, é possível perceber como elas se voltam para algumas questões fundamentais inter-relacionadas:

“A dívida que nós temos... eu acharia um jeito, talvez, de pagar isso. É isso que está dificultando de nós ir pra frente. Temos muitas dívidas. Se nós achássemos uma forma de

acabar com ela, então o giro da cooperativa... o andamento ia ser muito melhor” (Claudete – filha de assentado).

“Hoje um dos problemas que está presente é a questão de como nós tocamos daqui por diante com os desafios que nós temos pela frente, tanto na área da produção, de agilizar... Os recursos também foram terminando e a gente chegou assim meio num... muitas atividades pra tocar e os recursos poucos. Queira ou não, está sendo um dos problemas que a gente está enfrentando” (Eli - assentada).

“Acho que tem que ser mudado a forma de administrar, da forma que nós estamos administrando ou nós somos incapazes ou alguma coisa errada tem. Nós, faz quantos anos que estamos distribuindo a renda mensal e até agora nós não conseguimos que esta renda seja aumentada. A gente teria que ver a forma que nós faríamos para poder administrar melhor” (Paulo - assentado).

“Talvez se fosse mudar alguma coisa, antes teria que mudar na sociedade. Como as vezes tu faz um investimento, na hora é uma coisa dali há pouco já é outra, como a indústria de jeans que era uma coisa que a gente achava que ia dar certo e demos com os burros n’água; a indústria do frango, colocamos achando que a gente ia conseguir... estamos mais atolando do que levantando. [No abate de frango] o pessoal vai ter que se desafiar mais, a se adaptar na máquina. É um investimento alto e vai ter que existir retorno do investimento que fizemos” (Rita - assentada).

“Talvez teria que buscar alternativas para não se tornar tanto dependente do mercado, principalmente essa questão da agricultura, a forma que a gente está, tá dependendo do modelo... Acho que tem que buscar alternativas pra não depender tanto de recursos, que a maioria da nossa produção volta para o mercado e quem lucra com isso é o mercado, na venda de insumos, de semente, e que isso esta prejudicando além da questão econômica, a saúde...” (Raul - assentado).

“Se a gente conseguisse mudar é a mentalidade de não se sentir bem na cooperativa. De mudar de dizer “isso é meu”, pra “isso é nosso”. Acho que isso aí influencia em muito o dia a dia. Uma das dificuldades que nós temos é de as mulheres assumirem bem mais as

tarefas que tem, se desafiar a contribuir aqui internamente como fora, se tocar de sair” (Eli - assentada).

“Uma das coisas que eu penso que devia ser melhor é o rendimento no trabalho. A nossa mão-de-obra rende pouco” (Carlos - assentado).

Os depoimentos acima indicam a dificuldade de a cooperativa sobreviver economicamente. Essa problemática repercute no cotidiano das pessoas, tornando-se central buscar sobreviver no sistema vigente. Compreendemos que se colocam então dois grandes desafios para a Cooperunião: o primeiro deles é garantir a vida das pessoas, isto é, viabilizá-las do ponto de vista econômico, dando base a uma vida decente. O segundo desafio, porém, torna o primeiro ainda mais difícil: não é qualquer forma de vida que deve ser garantida, mas aquela pela qual as pessoas não se resumam ao trabalho para poder sobreviver. É dispor das condições materiais de que necessitam, sem que para isso tenham que abrir mão dos valores e sonhos que construíram. É trabalhar para manter-se e ao mesmo tempo participar das lutas do Movimento, realizar estudos e formação, ter espaço e condições de divertir-se, descansar, ampliar o universo cultural.

Se a Cooperativa surge da necessidade do coletivo, este não pode se resumir a ela. A vida das pessoas e do coletivo é mais do que apenas lutar para sobreviver. É a construção de relações novas entre as pessoas e uma forma de vida nova, em cujo âmbito as potencialidades humanas sejam ampliadas e desenvolvidas e não se resumam à mera energia para produção de riquezas. A cooperativa não pode portanto sufocar esse projeto, pelo contrário, seu desafio é dar condições materiais para que ele possa ser levado adiante.

## CAPÍTULO III

### O TRABALHO

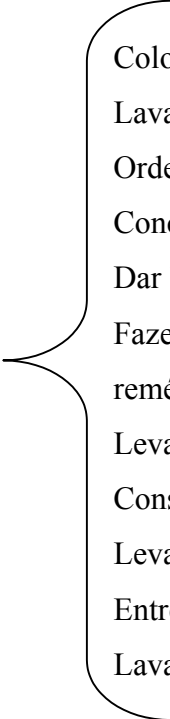
A concepção de trabalho que estamos utilizando neste texto e que expusemos no primeiro capítulo, será a base para compreendermos o que é e como se organiza o trabalho no assentamento. Passemos a descrevê-lo para podermos ao final discuti-lo como matriz educativa.

#### 3.1) Como o trabalho é organizado no assentamento

No assentamento *Conquista na Fronteira* o trabalho está organizado em sete equipes, as quais se subdividem em setores de produção. Cada equipe de trabalho compreende um setor ou um conjunto de setores em campos de produção afins. Essas equipes são responsáveis por um conjunto de atividades que objetivam viabilizar a produção do assentamento ou a execução de determinada tarefa. Vejamos a seguir como cada equipe se organiza e quais as ações que cada uma delas empreende:

##### **Equipe I:**

Formada por quinze pessoas, a equipe I é responsável por um único setor: o gado de leite, considerado atividade estratégica. As tarefas desse setor compreendem basicamente a ordenha, o cultivo do pasto e o cuidado com os animais. Algumas das atividades / tarefas realizadas nesse setor são:



- Colocar ração no cocho, prender pernas, rabo e cabeça dos animais;
- Lavar tetos, enxugar;
- Ordenhar o gado (ordenha mecânica);
- Concentrar o leite no resfriador;
- Dar leite e água para bezerros pequenos;
- Fazer anotações e controle do cio das vacas, da inseminação, das doenças, dos remédios, dos partos, do leite para bezerros, da quantidade de leite;
- Levar as vacas para o pasto e trazer até o estábulo;
- Consertar e fazer piquetes, plantar e limpar o pasto, adubar;
- Levar os animais até a água;
- Entregar o leite, fazer testes da qualidade do leite;
- Lavar o estábulo e equipamentos<sup>53</sup>.

Além dessas atividades de rotina, diversas outras tarefas são necessárias. Estas são realizadas de forma alternada, uma vez ao mês ou quando necessário. Vejamos algumas dessas atividades: vender bezerros machos, fazer controle do leite por animal (uma vez ao mês), lavar e esterilizar ordenhadeira, agulhas e seringas (uma vez por semana), aplicar medicamentos (quando necessário), entre outras.

As atividades no setor iniciam às quatro horas da manhã com a primeira ordenha e se encerram às sete horas. No período da tarde, a ordenha inicia às 15:30h e se estende até as 18:00h<sup>54</sup>. No intervalo das ordenhas, outras atividades são desenvolvidas como fazer piquetes e plantar pasto. É realizado rodízio entre as pessoas que trabalham no setor para a realização das atividades, em especial a ordenha da manhã e dos finais de semana e feriados.

---

<sup>53</sup> Expomos as atividades que são realizadas pelas equipes de forma detalhada por entendermos que isso facilita a compreensão do que é o trabalho no assentamento. Para discutirmos o trabalho como elemento educativo, faz-se necessário identificar o que é e como se realiza o trabalho. Esclarecemos também que neste item nos deteremos basicamente em descrever as atividades de trabalho para posteriormente analisá-las.

<sup>54</sup> É interessante observar que os horários da ordenha, entre outras condicionantes, são definidos a partir do funcionamento da Ciranda Infantil. Como esta encerra logo após o término do trabalho (18:00 horas), a segunda ordenha precisa encerrar no mesmo horário, o que coloca a ordenha da manhã para mais cedo, permitindo o tempo necessário entre uma e outra.

Esse setor controla e analisa todas as atividades produtivas, desde a quantidade e a qualidade do leite, as doenças e remédios, o trato dos animais, o cio das vacas, o rodízio nos piquetes, etc. De modo geral, o trabalho com o gado de leite exige conhecimentos acerca do comportamento animal, das principais doenças (tratamento e prevenção), do funcionamento dos equipamentos, do sistema de piqueteamento e da produção de leite à base de pasto.

*Pra mim todo dia a gente está aprendendo... questão do manejo, se o animal está doente ou não está, o que ele pode te aprontar. Tem que estar alerta para ir observando as coisas. Que o animal, se está tudo tranqüilo, ele não muda o jeito, todo dia igual, mas tem sempre um dia que tu já vê que tem um que tá diferente dos outros. Por exemplo, ontem aquela vaquinha estava quieta, hoje tava pulando, sapateando, berrava... E por quê? Porque ela estava começando a entrar no cio. Tem que estar atento pra cuidar a melhor hora. (Celso - assentado).*

Por outro lado, esse setor também exige grande esforço físico em atividades como carregar taros, ordenhar e plantar pasto. “Eu não gosto de plantar camerom. Às vezes a terra não está bem preparada e tem que ficar enfiando a muda dentro. Plantinha que não me cheira bem é essa aí, machuca as mãos, mas a gente faz, mesmo que não goste, tem que fazer” (Maria - assentada). As atividades do estábulo ficam mais penosas no inverno pelo contato permanente com a água.

O setor do gado de leite é um dos que apresenta melhor rendimento financeiro para a cooperativa, uma vez que possibilita retorno mensal das atividades. À época desta pesquisa, o assentamento contava com 55 vacas em lactação, mas o objetivo era atingir 110 vacas em dois anos. Dessa forma, é considerado como um dos setores estratégicos e que deve ter suas atividades ampliadas e aperfeiçoadas dentro da cooperativa. Observamos que é um setor bastante organizado, com as atividades minuciosamente planejadas e controladas<sup>55</sup>, realizando, por exemplo, inseminação artificial e seleção de raça dos animais.

---

<sup>55</sup> Exemplo da organização e planejamento desse setor pode ser observado por meio do controle realizado com as bezerras que nascem: estas são levadas para casinhas, local em que é anotado o número de cada casinha para cada bezerra. Nos primeiros quatro dias a bezerra ganha quatro litros de leite (colostró); esta quantidade vai sendo gradativamente reduzida até as bezerras alimentarem-se apenas de ração, quando então são levadas para um novo local, que comporta bezerras da mesma idade. Ao completarem seis meses são novamente transferidas, e após a primeira cria são utilizadas para produção de leite. Em caso de nascer macho, o bezerro é doado, vendido ou abatido.

O conhecimento científico e técnico da área vem sendo buscado pelo assentamento e tem possibilitado bons resultados. Podemos citar como exemplo o acompanhamento que a Universidade Federal de Santa Catarina realiza nesse assentamento através de pesquisas, em torno das quais é desenvolvido um projeto piloto. Também há acompanhamento técnico local (realizado nos assentamentos da região) para as atividades da cooperativa, incluindo esse setor. De forma crescente, as orientações técnicas vêm sendo incorporadas às atividades do setor, assim como tecnologias para a produção leiteira. “No gado de leite estou aprendendo bastante coisa que eu não sabia. Fizemos um curso faz algum tempo com um professor sobre gado de leite. E foi muito importante, coisas que a gente nem podia imaginar, como lidar com a criação... às vezes acontecia alguma coisa e assim já se sabe” (Rita - assentada).

Mesmo com o planejamento e o controle, alguns limites ainda são encontrados, como relatam os assentados, ou como observamos nas reuniões de avaliação<sup>56</sup>. Em vistas disso, indicam que se faz necessário melhorar o acesso das vacas à água, o que implicará diretamente maior produção de leite e melhor distribuição de sal mineral para os animais. Os assentados contam que já havia uma definição de construção de saleiros nos piquetes e formas de levar a água para um local mais próximo dos animais, entretanto a tarefa ainda não foi executada, mesmo sendo relativamente simples. Um dos entraves para a não-realização é a falta de recursos. Esse quadro aponta a necessidade de aperfeiçoar mais o processo de produção de leite, seguindo as orientações técnicas de forma adequada, entre outros condicionantes. Isso possivelmente tornará a realização do trabalho mais simplificada e possibilitará obter maior retorno das atividades.

## **Equipe II**

Compreende os setores de aves de corte, aves de postura, peixes, suínos e apicultura, possuindo em torno de quatorze trabalhadores. O setor de maior destaque é o de Aves de Corte, o qual conta com estrutura mais complexa e maior número de pessoas trabalhando. É um setor voltado para o mercado externo e um dos setores estratégicos da cooperativa. Algumas das atividades desse setor são:

---

<sup>56</sup> Durante o período da pesquisa de campo participamos de reuniões de avaliação e planejamento de algumas instâncias da cooperativa, bem como da Plenária de Avaliação com participação de todos os sócios.

Preparar aviário para receber pintainhos novos: limpar, tirar serragem velha (cama de aviário), colocar nova, limpar bebedouros e comedouros, viabilizar entrada de água nos bebedouros, por ração nos comedouros...;

Fazer controle de entrada dos pintainhos;

Fazer controle da quantidade de ração e medicamentos;

Retirar pintainhos mortos;

Regular entrada de sol e ar;

Fazer fogo, regular aquecimento (quando há pintainhos);

Entregar frango para abate;

Fazer anotações e controles acerca de todo o processo produtivo.

O setor de aves de corte também é bastante organizado e planejado dentro da cooperativa. Por razões comerciais, a produção dos frangos exige grande controle das atividades realizadas e dos resultados obtidos. Assim, todo o processo de produção do frango, desde os primeiros dias até o abate é minuciosamente organizado<sup>57</sup>.

O setor de aves de corte vem sofrendo grande reestruturação e ampliação para atender a demanda do frigorífico. Conta atualmente com nove aviários e mais três em construção, correspondendo a menos de um quarto da capacidade do abatedouro. A intenção é construir no assentamento entre dezesseis e vinte aviários, entretanto, são necessários em torno de quarenta para atender essa demanda. O assentamento deve, portanto, partir para a integração com os agricultores da região, uma vez que na área do assentamento não será possível construir mais do que vinte aviários, considerando a legislação sanitária.

A maioria das atividades desenvolvidas pelo setor funcionam em horários normais dentro da cooperativa, com exceção dos aviários onde há pintainhos. A cada semana chega

<sup>57</sup> Nesse sentido, existe um rodízio dos aviários para recebimento dos pintainhos, quando estes devem ser preparados para tal. A cada lote de frango, o aviário fica em “descanso” por 15 dias para limpeza e desinfecção (vazio sanitário). São colocadas divisórias internas, limitando o acesso das aves num determinado espaço, o qual vai sendo ampliado de acordo com o crescimento do frango. Para o abate são observados o tamanho (peso) e o número de dias dos animais. O processo para produção do frango no assentamento é muito semelhante ao processo tradicional utilizado pelas grandes empresas(exceção feita à alimentação: núcleo da ração utilizada e milho semi-orgânico).



um novo lote (7 mil aves), ocasião em que é necessário aquecer os aviários, em especial na madrugada, mantendo a temperatura na casa dos 30°. Para os trabalhos durante a noite é realizado rodízio entre as pessoas do setor.

O assentamento vem se especializando na produção do frango, capacitando pessoal e construindo estruturas adequadas. No desenvolvimento dessas atividades, procuram respeitar as normas técnicas de produção comercial. Um dos cuidados é restringir o acesso de pessoal aos aviários. Mesmo as pessoas que trabalham no local seguem as normas técnicas, evitando doenças entre as aves e conseqüentemente perdas na produção. O acompanhamento técnico vem sendo enfatizado uma vez que a intenção é ampliar o mercado conquistado pelo assentamento.

O setor de suínos conta com duas pocilgas e uma mangueira/piquete. A matriz suína é levada à pocilga quatro dias antes do parto. Os animais permanecem ali até a idade de quarenta dias, quando são desverminados e tratados à base de ração. Posteriormente são transferidos para a mangueira, onde a base da alimentação é lavagem e ração em menor quantidade. Trinta dias antes do abate, os animais novamente são levados para a pocilga e desverminados, entrando em regime de engorda. São abatidos mensalmente cerca de doze suínos para consumo interno. Só há venda em caso de excesso na produção. O assentamento consome em torno de 1200 quilogramas de carne suína/mês. As atividades desse setor são: levar ração, lavagem e pasto para os animais, limpar pocilgas e piquete, controlar entrada de água, consertar piquete, deslocar os porcos, aplicação de medicamentos. Isso exige o trabalho de uma pessoa adulta, sendo que esta ainda dispõe de algum tempo para outras atividades.

Já o setor de peixes não conta com rotina muito definida em virtude da pequena produção. Possui cinco açudes e cinco tanques para alevinos. São produzidas carpas capim, húngara, cabeça-grande e bagres. Esses peixes permanecem nos açudes cerca de um ano, quando então são retirados mediante esgotamento do açude. Os peixes podem ser vendidos limpos ou vivos. Do total, 90% da produção destina-se ao comércio. A média de consumo do assentamento da carne de peixe é de 14 quilogramas família/ano. As atividades desenvolvidas no setor são: alimentar peixes (lavagem e pasto) quando nos açudes, fornecer ração nos tanques, limpeza ao redor dos açudes, secagem e adubação (esterco e calcário para o crescimento do capim). Esse setor conta com a força de trabalho de uma a duas pessoas.

Quando são retirados os peixes dos açudes, trabalham cerca de dez pessoas, de dois a três dias.

O setor de aves de postura conta com um aviário com 280 aves produzindo para consumo interno. Os ovos são recolhidos duas vezes ao dia, num total de 220. Como uma galinha para postura tem a vida útil em torno de um ano e meio, cada ano são renovadas as posturas, sendo adquiridas cerca de 300 aves. Uma pessoa realiza o trabalho desse setor que compreende basicamente o recolhimento dos ovos, a colocação de ração e água e a aplicação de medicamentos uma vez ao mês.

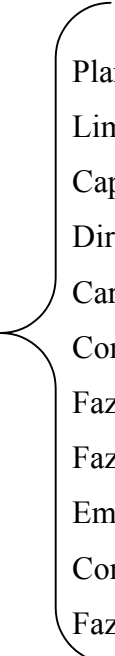
O assentamento conta ainda com uma pequena produção de mel, mas esta atividade deverá ser ampliada em vista da baixa utilização de força de trabalho e bom rendimento financeiro. São 36 colméias e pretende-se dobrar o número de caixas. O mel é extraído duas vezes ao ano, envolvendo seis pessoas nessa atividade<sup>58</sup>. Além da extração do mel são realizadas limpezas na caixas, controle de formigas e observação para possível constituição de um novo enxame. As abelhas têm grande parte da alimentação originária do reflorestamento de eucalipto. Cada caixa produz em média 16 kg/ano, sendo comercializados 50% dessa produção.

### **Equipe III**

Chamado de setor de lavoura, compreende os setores de: lavoura de grãos, máquinas, oficina, armazém e gado de corte. É a maior equipe da cooperativa com 35 membros. Vejamos algumas das atividades por ela realizadas:

---

<sup>58</sup> A extração do mel, o esgotamento (secagem) de açudes, o abate de peixes, suínos e gado são atividades esporádicas que demandam mais pessoas para sua execução. O assentamento possui uma previsão para realização dessas atividades e mantém as mesmas pessoas para cada uma delas, permitindo melhor acompanhamento e realização.



- Plantar, limpar e colher mecanicamente (basicamente milho e soja);
- Limpar e colher manualmente (arroz e feijão);
- Capinar, roçar, catar milho;
- Dirigir trator, colheitadeira, caminhão;
- Carregar e descarregar produtos;
- Consertar e fabricar máquinas e equipamentos diversos;
- Fazer secagem de grãos, controlar máquinas do silo;
- Fazer ração;
- Empilhar sacas;
- Controlar entrada e saída de grãos, de ração, das máquinas e equipamentos;
- Fazer fogo, controlar aquecimento.

A lavoura de soja e milho é totalmente mecanizada, porém, o cultivo de arroz e feijão demanda muito trabalho manual, especialmente na colheita e limpeza. Nessas culturas são utilizadas máquinas apenas no preparo da terra. O cultivo de milho-semente também tem a utilização de maquinários apenas na preparação do solo. Essa polarização entre atividades com grandes tecnologias e trabalhos manuais observamos no acompanhamento de algumas atividades dessa equipe. Numa mesma lavoura havia uma colheitadeira colhendo milho (o que corresponde a cem sacas/hora) e pessoas com sacas catando o milho que restou, atividade esta que rende ao dia, em média no trabalho de seis pessoas, não mais do que vinte sacas de milho na espiga. Esse último trabalho se mostra um tanto inútil e desanimador. Porém, o trabalho de quem está na colheitadeira, mesmo mostrando-se mais eficaz e rentável, não deixa de ser desgastante fisicamente. Apontando para a ceifa, um senhor que trabalhou alguns anos com ela comenta: “não tem máquina pior do que aquela ali pra trabalhar. Ela é muito alta e a pessoa se bate muito. Chega em casa todo moído” (Argemiro – assentado).

O trabalho no armazém também revela diferenças instigantes. Atividades de controle de máquinas de alta capacidade que movimentam dezenas de sacas de grãos sem o emprego da força humana, ao lado de pessoas que carregam e descarregam, sobem e descem sacas com

o emprego de sua própria força. De modo geral, essas atividades são bastante cansativas e nas quais basicamente só trabalham homens. “Os sacos que eu carrego são no máximo de 50kg., então eu acho que não é fora do limite. Por exemplo quando não tem milho pra secar eu trabalho fazendo ração. A gente faz oito mil kg/dia, quer dizer, até 160 volumes de 50 kg que a gente ergue duas vezes por dia. Primeiro ensaca, coloca lá, depois carrega na carroça.” (Carlos - assentado).

Para facilitar o trabalho no armazém os assentados criaram uma esteira. Ainda que de pequena capacidade, esta diminui bastante o trabalho de estocagem das sacas. O assentamento projeta adquirir maquinários, equipamentos e técnicas que venham a facilitar o trabalho e reduzir o tempo necessário para a execução das atividades, como aponta uma assentada: “se a gente tivesse as condições de equipar com todos os conformes como hoje deveria ser o secador, só com a metade do tempo daria para fazer o que se faz hoje. Onde vão dez pessoas, com cinco se faria o trabalho. Aquela esteira tiveram que inventar porque ninguém ia agüentar...” (Rosa - assentada).

Nesse setor, como nos demais, a produção e as atividades são administradas. Assim, é realizado controle das entradas e saídas de grãos, de qual lavoura vieram, das sacas de ração produzidas e para onde foram deslocadas. Também são observadas a qualidade do grão, a umidade, a impureza e efetuado o controle de estoque.

*Aqui a gente tem controle de tudo o que faz. O meu pai o máximo de controle que ele tinha em casa era quando fazia o acasalamento do cachaço com a porca, hoje todo setor que tu vai tem a ficha de controle, por exemplo, onde eu seco milho, tem o controle de quantos sacos eu seco, tem que anotar, de qual a lavoura que ele veio... Quantos sacos daquela quirelinha saiu lá na outra ponta, na fábrica de ração ele também controla quantos sacos de ração ele fez, pra qual aviário foi, chega lá no aviário o cara também tem controle de quanta ração estão comendo, e assim qualquer setor que você vai (Carlos - assentado).*

A equipe três conta com dois tratores, uma colheitadeira (média de uso de dois meses no ano), um caminhão, uma caminhonete, um secador (30 sacas/hora), um armazém com capacidade de estocagem de 10 mil sacas e um processador de ração com capacidade de 2 mil kg/hora. A lavoura é voltada basicamente para a produção de milho e soja, cujos grãos são

transformados em ração para aves, suínos e bovinos, peixes, etc. No ano de 2000 foram colhidas 13.600 sacas de milho; 2700 sacas de soja; 1120 sacas de feijão e 460 sacas de arroz.

A rotina de trabalho nessa equipe é comum a de todo assentamento, exceto em períodos de colheita quando os horários são alargados. Aí trabalha-se sem parar, mesmo nos fins de semana, podendo inclusive haver deslocamento de pessoas de outros setores para auxiliar no trabalho da colheita.

O setor de oficina destina-se à manutenção e conserto das máquinas e equipamentos do assentamento, bem como à construção/confecção de produtos e materiais mais simplificados que se fazem necessários. Os serviços disponíveis na oficina são: solda, conserto de pneus e peças, de bicicleta e máquinas de pão e massas, fabricação de pequenos equipamentos, confecção de carroças, caixas de abelha, entre outros pequenos serviços. Conta também com uma completa borracharia. A oficina é bem equipada e dispõe de soldador, compressor, bigorna, fogareiro, plaina, esmirilho, prensa, furadeira, entre outros diversos pequenos equipamentos. Os assentados dizem que esse setor evita gastos diversos para o assentamento e mesmo para as famílias, atendendo a diversas necessidades. A existência da oficina local também evita o deslocamento para a cidade, o que, além de tempo disponível, exige recursos para a viagem. Nesse setor trabalham duas pessoas, sendo um aprendiz. O trabalhador desse setor não possui cursos, seus conhecimentos devem-se à observação e experiência. Conta-nos que aprendeu tudo no assentamento, quando auxiliava outra pessoa nesse mesmo local.

O setor de gado de corte conta com 40 animais da cooperativa, mais o gado individual, num total de 200 cabeças. As atividades desse setor são: limpeza de potreiro, cuidado das pastagens, conserto de cercas, distribuição de sal e medicamentos. O gado de corte destina-se ao consumo de carnes do assentamento e à tração animal.

#### **Equipe IV**

Conhecida como equipe do abate, destina-se com exclusividade ao abate de aves, suínos, gado e peixes. O assentamento conta com um frigorífico para aves e um abatedouro improvisado para peixes, suínos e bovinos. Nesse último, o abatimento é realizado de forma

manual, não dispondo de máquinas adequadas para tal. No local onde é realizado o abate reúnem-se as pessoas do setor, ocorrendo a divisão simples do trabalho, ou seja, separam-se as pessoas em grupos, sendo realizadas atividades distintas entre os grupos.

Essa equipe, diferentemente das demais, não tem rotina diária. Como a produção de suínos e bovinos está direcionada para o consumo interno, em geral o abate ocorre conforme as necessidades de consumo do assentamento ou eventuais vendas. O abate é concentrado em um ou dois dias de atividade. O peixe destina-se ao consumo interno e ao mercado externo, porém, a produção é inicial, não chega a desenvolver uma periodicidade no abate. O abatimento do frango demanda maior emprego de força de trabalho, todavia é um setor que ainda não está totalmente estruturado. O frigorífico foi instalado há dois anos e o assentamento não dispõe de produção de frango e pessoal suficiente para toda sua capacidade. Atualmente o abate é realizado duas vezes por semana, das 12:30 às 17:30 h, num total de 3500 frangos/dia, totalizando 7000 aves por semana, o que corresponde à entrada de um novo lote (um aviário) de pintainhos semanalmente. Existe também uma pessoa que trabalha em tempo integral no frigorífico, atuando na manutenção, refrigeração e controle da saída das aves para comercialização, entre outras atividades.

O frigorífico do assentamento é o menor existente em linha comercial do país, tendo capacidade para mil frangos/hora. O assentamento atualmente trabalha num ritmo de 650 aves/hora. Mesmo não sendo o que há de mais avançado em tecnologia nessa área, máquinas de alta capacidade e desenvolvimento tecnológico simplificam o trabalho de forma fantástica<sup>59</sup>. Ao adentrarmos no frigorífico vemos, ao lado de máquinas complexas e eficazes, pessoas realizando movimentos que são repetidos infinitamente. O trabalho é cansativo, repetitivo, exaustivo e desinteressante. Exige atenção no manuseio e contato com máquinas

---

<sup>59</sup> Alguns estudiosos do trabalho compreendem que frente a uma maior especialização das atividades e o uso de tecnologias avançadas, o trabalho vem se tornando mais qualificado, interessante, exigindo criatividade e iniciativa. Para outros autores da área (Antunes 1999, Machado 1998, Frigotto 1999, entre outros), o trabalho vem se tornando mais qualificado para uma parcela de trabalhadores, mas para a grande maioria, se torna cada vez mais repetitivo, cansativo e simplificado. A citação abaixo é elucidativa nesse sentido: *não há um movimento generalizado de desqualificação ou um movimento geral de qualificação, mas um movimento contraditório de desqualificação do trabalho de alguns pela “superqualificação” do trabalho de outros, isto é, uma polarização das qualificações requeridas que resulta de uma forma particular de divisão do trabalho, que se caracteriza por uma modificação da repartição social da “inteligência” da produção. Uma parte desta “inteligência” é “incorporada” às máquinas e a outra parte é distribuída entre um grande número de trabalhadores (Freysenet, 1989, apud Antunes, 1999 :55).*

bem como no ritmo por estas estabelecido. É um ambiente frio, molhado, de cheiro ruim e com ruídos altos. Diversas pessoas manifestaram preferir o trabalho na lavoura a este. Outras dizem já estarem acostumadas, mas sofreram para adequar-se. É comum ouvirmos reclamações de dores no corpo em decorrência da postura no trabalho e da realização de movimentos repetidos. São unânimes as falas acerca do ritmo estabelecido pela máquina, algo com que não estão acostumados. “Na lavoura pode parar quando quer”. No frigorífico “quem não tem muita vontade a máquina faz trabalhar”<sup>60</sup> (Paulo - assentado).

### **Equipe V**

Agrega os setores de subsistência e horta. São setores totalmente voltados para o consumo interno. Somente há comercialização em caso de sobras. O setor de subsistência inclui a produção de amendoim, batata, mandioca, batatinha, melancia, melão, pipoca, sorgo para produção de vassoura, cebola, alho, abóbora, pepino e todos os legumes e verduras da horta, dentre outros produtos voltados à alimentação das famílias assentadas. As atividades básicas dessa equipe, que na sua maioria é composta por mulheres, num total de trinta pessoas, podem ser assim explicitadas:

- Capinar, plantar, limpar, lavar;
- Colher manualmente os produtos;
- Fazer canteiros, sementeiras;
- Transplantar, regar;
- Colher e limpar verduras e legumes;
- Preparar a terra para plantio, adubar.

Como essa equipe está voltada com exclusividade para o consumo interno, a produção é bastante diversificada e em pequena quantidade. A realização do trabalho é manual e de forma bastante artesanal. A utilização de maquinário ocorre basicamente no

---

<sup>60</sup> A industrialização constitui, sem dúvida, uma revolução. Introduce, não apenas nos sistemas produtivos, mas na sociedade de forma geral, um novo ritmo na produção da vida. Se antes o compasso era dado em grande medida pela força de trabalho humana, com a industrialização, as máquinas superam qualquer referência anterior, revolucionando de forma crescente o espaço, o tempo e o próprio ser humano. Mesmo tendo algumas centenas de anos e atingido toda humanidade de uma forma ou de outra, a industrialização ainda não havia imposto diretamente seu ritmo na forma camponesa de produção. A máquina, portanto, possui efeito estranho e surpreendente nas pessoas que ainda tem na natureza os indicadores para a produção da vida.

preparo da terra, e em algumas culturas é possível a utilização de arado na limpeza da planta. As ferramentas básicas desse setor são enxada, arado, mangueira para rega, carroça para transporte de produtos. Como podemos observar, a maioria das atividades dessa equipe são manuais uma vez que não há máquinas desenvolvidas para essas culturas<sup>61</sup>. O acompanhamento técnico não é tão eficaz como em outros setores: ocorre apenas em momentos de dificuldades ou impasses. O planejamento e o controle da produção são bastante simplificados, resumem-se à decisões sobre época, local e forma de plantio e colheita. Há poucas inovações. O trabalho e a produção são determinados mais pela experiência das pessoas do que pelo acompanhamento técnico, uma vez que os assentados dominam praticamente de forma completa os mecanismos para produção desses alimentos básicos. De modo geral, são atividades que não demandam muita atenção e criatividade.

*A gente traz de berço o que a gente aprendeu e ainda dá pra pôr em prática, mas no setor que eu trabalho, na miudeza por exemplo, não tem muita novidade que vem de fora. A gente sabe que plantar batatinha é plantar batatinha, agora a gente aprende a fazer um bom preparo da terra, colocar os ingredientes nessa terra para que ela vá produzir. O que a gente fica mais contente é quando produz, quando a gente planta e vê que vai colher. (Bruna - assentada).*

O conjunto dos setores do assentamento, em especial o da subsistência, garantem a produção de praticamente todos os alimentos básicos consumidos. Apenas são adquiridos no mercado açúcar, café, trigo, sal, produtos de higiene e limpeza, e produtos diversos de interesse das famílias, como doces e temperos, mas que não constituem a base da alimentação. Os assentados dizem que a organização da produção para subsistência atende às necessidades do assentamento. Ouvimos também argumentos segundo os quais, se houvesse melhor organização e planejamento, poderiam produzir outros alimentos que atualmente buscam no mercado, como açúcar e trigo. Mesmo com vasta produção de alimentos, esta poderia ser ainda mais ampliada, o que diminuiria a dependência do mercado externo. De modo geral, observamos que os assentados dispõem de uma boa alimentação, com qualidade e diversidade de produtos.

---

<sup>61</sup> O desenvolvimento tecnológico para a agricultura no Brasil e no mundo ocorre bastante colado à grande propriedade/produção, não sendo necessário para o capital produzir tecnologias adaptadas à pequena propriedade e ao cultivo em pequena escala.



A produção para subsistência é orientação política do MST para os assentamentos. No desenvolvimento desse exercício, alguns argumentos utilizados são: fugir do mercado permitindo melhoramento da renda, consumir alimentos mais saudáveis, melhor utilização da terra e da força de trabalho familiar, utilização das potencialidades e recursos naturais da propriedade, dentre outros<sup>62</sup>. Essa orientação é assumida dentro do assentamento pesquisado, que tem sua produção voltada às necessidades de subsistência.

### **Equipe VI**

Chamada de equipe do reflorestamento, compreende os setores de erva-mate, reflorestamento, viveiro, pomar e lenha. Trabalham nessa equipe dezesseis pessoas.

A antiga fazenda que deu lugar ao assentamento, já possuía um erval nativo que os assentados trataram de preservar e ampliar. Os assentados já plantaram mais de 100 mil pés de erva-mate e novas mudas estão sendo produzidas. Encontramos essa planta em todo o assentamento, espalhada nos poteiros ou em algumas áreas onde seu cultivo se dá separadamente. No ano de 2001 foram colhidas em torno de 300 toneladas de erva-mate. A produção é entregue para ervateiras da região que beneficiam e empacotam a erva. Parte dessa produção é devolvida ao assentamento como forma de pagamento da matéria-prima. A colheita é realizada por “tarefeiros”, os quais são trabalhadores temporários contratados pelas próprias indústrias. Esse trabalho é bastante pesado e cansativo, além de mal remunerado e sem estabilidade.

Mesmo sem ter retorno financeiro imediato, é o reflorestamento que essa equipe tem como atividade estratégica. O assentamento objetiva, além da preservação e ampliação das áreas de floresta, produzir para auto-sustento, para utilização de lenha já que o consumo é bastante elevado. Dessa forma, vem sendo recuperada a mata nativa, com plantio de ipê, canela do brejo, angico, entre outras variedades, além do plantio de mudas para posterior corte da madeira. O assentamento já possui reflorestados doze hectares de eucalipto, e o objetivo para esse ano agrícola é plantar 28 mil novas mudas.

---

<sup>62</sup> Fonte: entrevistas com dirigentes e documentos do MST. Dentre eles, ver: Programa de Reforma Agrária. *Caderno de Formação* n. 23, 2 ed.. São Paulo, 1996.

O assentamento conta com pomares coletivos de laranja, bergamota, pêra, pêssego, ameixa e nectarina. Os pomares não serão ampliados, apenas mantidos. A distribuição de mudas de árvores frutíferas está sendo realizada por famílias, já que o objetivo é que cada casa tenha seu próprio pomar. Sobre isso argumenta-se que as pessoas preferem colher a fruta no pé, além de que os pomares comunitários não ficam próximos de todas as casas, o que exige a colheita das frutas para distribuição. Isso implica em menor durabilidade das frutas. As atividades que são desenvolvidas no pomar, além do preparo das mudas, consiste na poda das árvores, na limpeza do pomar, na colheita e na aplicação de tratamentos alternativos produzidos pelo assentamento, em caso de eventuais doenças.

As mudas são produzidas no viveiro, desde as árvores frutíferas, as plantas para reflorestamento, até algumas mudas de plantas exóticas e mesmo flores. O viveiro fica em local próximo à água, com sombra de árvores e possui um pequeno depósito para guardar sementes, saquinhos e ferramentas. As atividades dos setores do viveiro, reflorestamento e erva-mate são basicamente as seguintes:

- Buscar terra no mato;
- Colher sementes diversas;
- Fazer canteiros e semear;
- Encher saquinhos com terra;
- Transplantar mudas;
- Regar e controlar entrada de sol;
- Abrir covas e transplantar;
- Limpar arredores das plantas.

As atividades desenvolvidas no viveiro não exigem grandes esforços físicos se comparadas com outras atividades no assentamento. Diversas ações são desenvolvidas pelos trabalhadores na sombra ou sentados, o cansaço decorre da postura. O trabalho com as mudas é prazeroso. O esforço maior consiste em carregar caixas com mudas e abrir covas. Essa equipe possui diversos integrantes jovens e adolescentes por ser um trabalho mais leve e que o assentamento considera educativo. A equipe seis conta com um bom planejamento das

atividades. É computada a quantidade de lenha consumida pelo assentamento e previstas quantas novas mudas devem ser produzidas. Todavia, as atividades do dia a dia da equipe são bastante simplificadas. Não chegam a ser repetitivas por conta da diversidade de ações que esses setores abarcam.

O setor da lenha compreende a extração e distribuição de lenha para as famílias e para os setores onde ela se faz necessária. O trabalho nessa divisão é bastante pesado e suas atividades são desenvolvidas por homens. A madeira é derrubada e transportada de carroça ou com bois nos locais de mais difícil acesso. Exigem bastante esforço físico o transporte e a serragem da lenha. Esta é entregue mensalmente nas casas e também nos aviários, frigorífico, silo, entre outros locais.

É interessante revelar a preocupação do assentamento em relação à preservação ambiental<sup>63</sup>, bem como a utilização racional e planejada da madeira. Tendo em vista a necessidade de ampliar a discussão em torno dessa temática para todo assentamento e de as crianças desde cedo se sensibilizarem com a questão ambiental, “reflorestamento” e “erva-mate” foram temas geradores na escola do assentamento.

## **Equipe VII**

Compreende o setor de Construção. Este se encarrega da construção de casas, aviários, galpões, enfim de toda estrutura física necessária no assentamento. Conta com quatro trabalhadores fixos e, quando necessário, novas pessoas são chamadas.

As atividades dessa equipe são as de construção em geral, estruturas de alvenaria e concreto. A maioria das construções no assentamento são de madeira. Essa equipe desenvolve outras atividades relacionadas à construção, como base para caixa de água, instalação de luz, serviços na escola e demais estruturas. O trabalho é constante, novas casas vão sendo construídas ou reformadas, e outras estruturas são necessárias nos setores. A mão-de-obra nessa equipe não é especializada, dependendo da experiência na área.

---

<sup>63</sup> A preocupação do assentamento em relação ao meio ambiente é constatada em diversos momentos, desde evitar o uso de agrotóxicos e químicos até o reflorestamento. Os assentados contam que uma das primeiras discussões e definições tomadas foi a proibição de caçar passarinhos, definição válida até hoje. As crianças são parte ativa desse aprendizado, discutindo esses temas na escola e no dia a dia do assentamento. Na escola foi criado um viveiro que é parte da cooperativa dos educandos e onde diversos trabalhos são desenvolvidos.

## **Outras atividades**

Além dos setores acima relacionados e das equipes que deles são parte integrante, o assentamento conta com os trabalhos da área administrativa. São atividades que dizem respeito aos setores de controles e custos, finanças e pesquisa e comercialização. Os serviços administrativos não constituem uma equipe de trabalho na cooperativa, as pessoas estão ligadas a um dos setores produtivos referidos anteriormente e são liberadas para as tarefas de administração<sup>64</sup>. Suas horas de trabalho são controladas pelo coordenador da equipe a que pertencem. Essa área realiza atividades como: vendas, compras, negociações, contratos, acertos financeiros, serviços bancários, controle de custos, lançamentos de notas, balanço financeiro, digitação, etc. São desenvolvidas atividades burocráticas, de controle e planejamento de toda a produção, do tempo de trabalho dos associados e de todas as atividades da cooperativa, contando com utilização da informática. Também são desenvolvidas pesquisas de mercado, financiamentos, enfim, atividades que demandam conhecimento, informações, etc. A cooperativa vem formando pessoas para atuar na área da administração, uma vez que a racionalização e o controle das atividades fazem-se fundamentais. Um assentado que trabalha na parte de finanças diz: “é um trabalho que exige bastante criatividade, ir buscando formas da gente conseguir organizar o trabalho, e demonstra assim que, se não tiver organizado, acaba sendo mais trabalhoso e a gente não consegue avançar” (Raul - assentado).

A parte administrativa conta com sete trabalhadores. Um deles faz o Curso de Especialização em Administração de Cooperativas - CEACOOOP<sup>65</sup>. Todos são assentados no local ou filhos de assentados. A administração conta ainda com auxílio de um técnico em contabilidade, mas que não atua com exclusividade nessa cooperativa.

São também trabalhadoras da cooperativa a professora, a merendeira e a agente de saúde, todas assentadas, liberadas para as atividades que lhes dizem respeito e que se enquadram na política do assentamento como um todo. Essas pessoas podem optar por

---

<sup>64</sup> Vem sendo discutida a criação de uma equipe de trabalho na área da administração, mas ainda não foi implementada.

<sup>65</sup> Este curso é organizado pelo Movimento Sem Terra em parceria com Universidades, e está em sua 3ª edição. É um curso de especialização e extensão, voltando-se com exclusividade para o público do MST, tratando com especificidade das cooperativas de Reforma Agrária.

receber o salário integralmente sem repassá-lo para a cooperativa, e neste caso não recebem a renda e a subsistência, ou podem repassar parte ou cem por cento de seu salário, recebendo proporcionalmente ao valor depositado. Em geral as pessoas optam por repassar 50% de seu salário à Cooperativa e recebem 50% na distribuição.

### **Como o conjunto da produção e do trabalho se relacionam**

Anualmente é realizado o planejamento geral da produção e da “mão-de-obra”, ocasião em que são programadas todas as atividades do assentamento: o que plantar, que quantidade, em que área, quantos frangos produzir, quantas animais abater, quantas vacas destinar à ordenha, quais alimentos para subsistência e quantidade, o número necessário de pessoas para executar as atividades específicas em cada equipe, enfim, todas as atividades que se pretende desenvolver e as condições para tal. São também planejados os investimentos e os retornos financeiros pretendidos. Essa programação é seqüência do planejamento quinquenal, em que são traçadas as linhas maiores da produção no assentamento, definindo-se (ou referendando) as atividades estratégicas, os maiores investimentos, enfim, quais rumos a cooperativa pretende seguir. É com base no planejamento anual que as equipes e setores desenvolvem suas atividades.

A avaliação e o planejamento anual, no assentamento, são organizados segundo a seguinte dinâmica: todas as instâncias da cooperativa realizam sua auto-avaliação e apontam as metas para o próximo ano. As sínteses de todas as avaliações e propostas são remetidas aos núcleos de base. Estes discutem (avaliam e fazem sugestões) para todas as instâncias da cooperativa. As avaliações e sugestões são cruzadas e discutidas em assembléia, para posterior aprovação. Estudos aprofundados de avaliação e planejamento, bem como de outros temas como gênero, relação pais e filhos, entre outros, também são realizados quando os trabalhos são suspensos. Nesses casos, os horários dos cursos e das atividades vitais<sup>66</sup> são adaptados para viabilizar a participação de todos.

Cabe às equipes de trabalho executar o planejamento, observando as condições dadas, o período para plantio, as condições do tempo, o desenvolvimento da produção. Cada

---

<sup>66</sup> Atividades vitais são aquelas que não podem deixar de ser realizadas como: ordenha, cuidado de pintainhos, alimentação para os diversos animais, entre outras.

equipe de trabalho possui um coordenador e mais um responsável por setor. O coordenador da equipe de trabalho coordena o conjunto dos setores, sendo responsável pela execução do planejamento e coordenação (registro) das horas de trabalho. O responsável pelo setor funciona como um subcoordenador e encaminha a prática/trabalho dos setores.

As atividades a serem realizadas são definidas pelo coordenador de equipe e de setor, considerando as diversas condições dadas e pretendidas. As pessoas são encaminhadas para diferentes atividades, podendo ser deslocadas para outros setores e equipes, conforme a necessidade. Existem as atividades ou setores prioritários que se sobrepõem aos demais. São consideradas atividades prioritárias as plenárias, estudos ou trabalhos que não podem deixar de ser realizados, como colheita, abate de frango, entre outros. Em caso de “prioridade”, as demais atividades, com exceção das vitais, são suspensas para que todos ou as pessoas necessárias possam participar. As atividades que dizem respeito a todo o assentamento são realizadas em horários que permitam a mais ampla participação.

Os setores estratégicos definidos pelo assentamento são: gado de leite, reflorestamento, frango, peixe e lavoura. Voltados ao mercado, viabilizam também a produção para esse objetivo. “Esses setores são estratégicos do ponto de vista financeiro, para viabilizar a questão econômica. Se tem um volume maior de investimento, tem que ser planejado” (Júlio - assentado). São considerados setores fundamentais, que a cooperativa definiu para investimento. Há uma “decisão política” dos setores estratégicos, avaliada e definida no planejamento quinquenal (em 1996) e que permanece atual. Neles se concentram os investimentos, maior emprego de tecnologia/mecanização e força de trabalho, além de acompanhamento técnico mais intenso. Por consequência, são os setores em que o controle da produção e o aperfeiçoamento nas operações se torna mais eficaz.

As equipes de trabalho que estão voltadas para o consumo do assentamento não possuem uma programação tão definida e clara, ao contrário das atividades voltadas para o mercado nas quais é possível perceber planejamento e ordenação nas mínimas ações. Os setores voltados para consumo interno não têm essa qualidade no planejamento, nas ações e no acompanhamento técnico, porque não têm exigências externas. Ademais, as perdas não seriam tão grandes e não há problemas na relação com o mercado.

A escolha para trabalhar em determinada equipe é definida pelo interesse da pessoa e em função das necessidades da cooperativa. O trabalho dos adolescentes e jovens em geral está ligado aos serviços mais leves, não perigosos, ou ao setor de trabalho do pai ou da mãe.

O cotidiano/rotina das famílias é semelhante para a grande maioria das pessoas: acordam em torno das 6:30h. Os homens iniciam o trabalho nos setores às 7:30h, o qual se estende até às 11:30h. As mulheres pela parte da manhã estão envolvidas com as tarefas domésticas, o que não é considerado como trabalho na cooperativa<sup>67</sup>. No período vespertino, o horário de trabalho é das 13:30h às 17:30h. Esses horários são seguidos pela maioria das pessoas no assentamento, entretanto, existem exceções, como as atividades que exigem horários especiais: tirar leite, cuidar de pintainhos, abater frangos... Os horários também podem ser alterados no período de safra ou acúmulo de tarefas. Em média os homens trabalham oito horas/dia na cooperativa e as mulheres quatro. Se alguma mulher quiser trabalhar seis ou oito horas/dia precisa comunicar a decisão ao coordenador da equipe em que trabalha para que haja uma reordenação das atividades.

A Cooperunião, ao contemplar em seus setores a maior parte das atividades de subsistência, reduz significativamente as tarefas domésticas. Destas, restam algumas das tradicionais como limpar a casa, lavar roupa, limpar os arredores, cozinhar e tirar leite (quem possui gado individual). Muitas dessas atividades são realizadas pelas mulheres na parte da manhã, quando não trabalham na Cooperativa. Outras tarefas comuns na agricultura familiar como cuidar de animais, arranjar lenha já estão contempladas nas atividades dos

---

<sup>67</sup> Por diversas vezes ouvimos dizer: “as mulheres trabalham quatro horas”, referindo-se ao tempo de trabalho que a maior parte das mulheres fazem na Cooperativa. Estas afirmações e mesmo a política da Cooperunião de não considerar como trabalho as tarefas domésticas se assemelham muito à definição do que é trabalho no capitalismo, isto é, trabalho produtivo, produtor de mais valia, fonte da acumulação capitalista. “Em geral, é produtivo o trabalho empregado diretamente para garantir a repetição, na mesma escala ou em escala ampliada, do processo de produção social” (Castro, 1988). Na Cooperunião o trabalho doméstico não resulta em nenhuma mercadoria passível de comercialização. Produz serviço, bem estar, é trabalho útil, mas não gera riqueza, não produz mercadoria. Sob essa ótica não faz-se necessário incluir o trabalho doméstico na estrutura cooperativista. “Os serviços domésticos e pessoais não geram produtos finais e, por isso, não representam acréscimos à Renda Nacional. Pelo contrário, são ‘detratores’, despesas pagas com rendas originárias” (Castro, 1988).

setores.<sup>68</sup> Essa forma de organizar a produção é muito vantajosa ao possibilitar maior tempo de descanso para as famílias que, ao retornarem do trabalho, não se vêem cercadas de uma infinidade de tarefas. Por outro lado, também torna a realização dessas tarefas coletivas, comumente realizadas de forma familiar, mais baratas e eficazes.

Os adolescentes podem participar do trabalho na cooperativa a partir dos doze anos de idade se quiserem, e desde que haja consentimento dos pais. Neste caso receberão 50 % do valor da hora trabalhada. Dos quinze aos dezoito anos receberão 80% do valor da hora/trabalho e a partir dos 18 anos receberão integral, como uma pessoa adulta. Em relação aos idosos, os que optarem por não trabalhar “receberão uma ajuda pela luta e trabalho já aplicado” (cfme. Regimento Interno) de 30% para o homem e 15% para a mulher na divisão da renda e da subsistência. Os que quiserem participar da produção serão alocados em serviços mais leves, sendo o número de horas opcional.

### **Algumas reflexões**

É necessário fazer distinção entre as diversas atividades realizadas no assentamento. Conforme vimos acima, existem trabalhos totalmente artesanais, manuais, sem utilização de tecnologia, bastante cansativos, repetitivos, de baixo rendimento como: capinar, roçar, catar milho, carregar sacas... Podemos dizer que essas atividades tomam o trabalho de 40% das pessoas no assentamento. Outras atividades já contam com equipamentos e máquinas que exigem diferentes níveis de qualificação, treinamento e atenção, como por exemplo dirigir o trator e a colheitadeira, manusear a ordenhadeira, trabalhar com a esteira, o silo e a fábrica de ração... Temos ainda o frigorífico que, apesar de operar com maquinário de alta tecnologia, exige um trabalho repetitivo, cansativo, desestimulante. Existem ainda as atividades administrativas que demandam grande esforço intelectual, bem como as desenvolvidas pelas

---

<sup>68</sup> É interessante observar que no assentamento a equipe responsável pela lenha já entrega a madeira serrada nas casas, restando apenas para a família lascar com o machado. Em relação ao gado de propriedade individual, também é interessante a relação estabelecida. Esses animais permanecem em um cercado de propriedade coletiva onde recebem os devidos cuidados. Para as famílias resta buscar os animais e tirar o leite, devolvendo ao pasto. As famílias repassam para a cooperativa um valor pré-determinado por cada animal que possuem, em contrapartida, a cooperativa mantém pasto no cercado para os animais. Ou seja, mesmo para o gado individual a cooperativa possui uma política. Isso deve-se ao fato de não haver espaço individual para criar animais e evitar problemas com vizinhanças, horários de trabalho, etc.



educadoras da escola e da Ciranda Infantil e pelas agentes de saúde, que exigem maior qualificação e capacitação<sup>69</sup>.

Uma parcela significativa das atividades exige atenção, anotações, comparação, como o trabalho com animais e gado de leite, no frango, na fábrica de ração... Diversas são também as tarefas em que o conhecimento da área agropecuária é necessário. Nos setores mais desenvolvidos, maior é o aperfeiçoamento profissional e a especialização exigida. Contraditoriamente, pode ser onde o trabalho é mais mecânico e desqualificado, como no abate de frangos. Em comparação ao trabalho camponês individual, na Cooperunião é mais qualificado, exige mais conhecimentos, atenção, controle e utiliza tecnologias mais avançadas.

Todas as atividades da cooperativa são anotadas, controladas, sendo algumas vezes burocráticas e formais. Contudo, nos setores produtivos esse controle é uma necessidade e possibilita planejar, avaliar e intervir de forma mais qualificada. Alguns setores desenvolvem os controles de forma minuciosa e útil, outros não têm essa prática tão aperfeiçoada, mas registros são encontrados em qualquer atividade produtiva desenvolvida no assentamento.

Outro aspecto possível de observar é a fixação das pessoas em determinado setor ou atividade, o que permite maior domínio das ações:

*De certa forma, certas pessoas aqui não são mais agricultores, são funcionários do frigorífico. Eu nunca sonhei que eu ia poder estar trabalhando em uma fábrica de ração e ficar ali todo o dia. Quem era acostumado a levantar, pegar enxada, foice e roçar, pegar os bois e lavar... Então de certa forma, no meu entender não são mais*

---

<sup>69</sup> A escola conta com duas educadoras. Uma delas é assentada e cursou Magistério e Pedagogia nos cursos oferecidos pelo MST em parceria com outras instituições. O Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária – ITERRA, onde funciona a Escola Josué de Castro, está formando a 8ª turma de Magistério, e o MST possui em conjunto com diversas Universidades, três cursos de Pedagogia e cinco de Magistério ocorrendo pelo país, além de outros para serem criados. Outra professora formou-se em Biologia numa Universidade da região, mora no assentamento porém não é assentada. As educadoras infantis não possuem formação específica e a Ciranda não é reconhecida legalmente. Essas educadoras fazem cursos de formação organizados pelo MST, que na sua maioria não possuem validade legal. Na área da saúde o assentamento conta com três agentes, as quais recebem orientações a partir do Setor de Saúde do MST e outros cursos. Uma destas agentes faz parte do PSF – Programa de Saúde da Família do Governo Federal. O ITERRA também está na primeira edição do curso de nível médio na área da saúde.

*agricultores, por exemplo o pessoal que trabalha lá com o gado leiteiro são pecuaristas, não são mais aquele colono lá que carpia e tal. (Carlos - assentado).*

Essa realidade, aliada a outros condicionantes como cursos de formação, gera um processo crescente de especialização no trabalho. Esta vem se tornando cada vez mais necessária para o assentamento avançar na produtividade, entretanto, ainda há muito a ser aperfeiçoado, como revela um dos assentados que atua na área administrativa:

*Há um rodízio maior do que o ideal internamente na cooperativa. As pessoas passam de setor para setor muito rápido, não chega a se especializar de fato, acabam tendo uma habilidade maior, mas não se especializa naquela atividade. Ela tem um conhecimento “x”, uma capacidade “x”, mas não chega a ser um especialista. Então essa questão precisa ser redimensionada, ser rediscutida, dar uma condição pras pessoas se especializar. (Júlio - assentado).*

Ainda segundo esse assentado, os coordenadores de setor e equipes são as pessoas que de fato se especializam e possuem o domínio de todo o processo, enquanto os demais trabalhadores do setor, em geral, dominam apenas parte do complexo das atividades.

Participamos do planejamento do ano agrícola que reuniu coordenadores de equipe e comissões, a coordenação do assentamento, a direção da cooperativa, a equipe técnica que acompanha o assentamento e os coordenadores de núcleo. Chamou-nos bastante a atenção o fato de essa equipe ter domínio de todo o processo produtivo do assentamento em detalhes, discutindo de forma bastante profunda a problemática dos setores estratégicos, encaminhando as devidas mudanças. Esse grupo, que estava por ocasião da pesquisa nas instâncias de direção e coordenação do assentamento, possui diversas informações acerca do processo produtivo local, dos pontos fortes, das dificuldades, dos trabalhadores dos setores, das condições de mercado, das definições tomadas em outros momentos e os desafios para cada equipe. Interessante foi observar um grupo grande (cerca de 50 pessoas) realizar uma avaliação e um planejamento aprofundado da produção do assentamento, quando eles próprios são os trabalhadores das equipes. Em suma, são agricultores assentados que, se dividindo em funções diferentes e recendo qualificações diversas, dão direção a um processo complexo como o da Cooperunião. Processo esse que exige conhecimento técnico da área agropecuária (frango, gado leiteiro, culturas anuais, etc.), da economia, administração,

contabilidade, além de análise de mercado e a dimensão ecológica, dentre outros diversos aspectos que lá foram considerados. Aquelas pessoas demonstraram compreender e dominar minimamente essas áreas, formando um coletivo raro de ser encontrado entre agricultores.

### 3.2) Como o trabalho é percebido pelos assentados

A maioria das pessoas gostaria de trabalhar menos, ter mais tempo para descanso, estudo, convivência, viagens. Claramente, o trabalho toma a maior parte da vida das pessoas, seus pensamentos, suas ações, seus projetos.<sup>70</sup> Dessa forma, sonham com a possibilidade de reduzir o tempo de trabalho e ao mesmo tempo torná-lo mais leve e interessante<sup>71</sup>. Essas questões não aparecem de forma explícita em suas falas, porém, em vários momentos e de forma implícita as deixam transparecer. Em virtude de uma forte ideologia em torno do trabalho presente no assentamento e na sociedade de modo geral, como veremos no item 3.5, é difícil para as pessoas assumirem que não gostam de trabalhar ou que gostariam de trabalhar menos, ou ainda, realizar atividades interessantes, motivantes, etc.

Para muitas pessoas, o trabalho é cansativo, estressante, repetitivo, desinteressante. Isso aparece na realização das atividades e em algumas expressões, todavia de forma sempre escamoteada. Ao serem questionadas acerca de como se sentiam trabalhando, o cansaço e o sentimento de responsabilidade predominaram nas respostas ou nas falas. A noção de bem-estar vem, por diversas vezes, colada à idéia de que “ainda bem que tem onde trabalhar”, uma

---

<sup>70</sup> Alguns estudos recentes indicam como o trabalho toma a vida das pessoas para além de seu tempo específico (De Masi, 1997; Dejours, 1999; Krisis, 1999). A vida se organiza em função do trabalho, se resume no trabalho, mesmo quando este se faz insano, vazio, repetido e desgastante, mesmo sendo através de seu próprio trabalho que o trabalhador se aliena e fortalece o capital. Assim, *“o trabalhador só se sente consigo mesmo fora do trabalho, enquanto que no trabalho se sente fora de si. Ele está em casa quando não trabalha, quando trabalha não está em casa. Seu trabalho, por isso, não é voluntário, mas constrangido, é trabalho forçado. Por isso, não é a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio para satisfazer necessidades exteriores a ele mesmo. A estranheza do trabalho revela sua forma pura no fato de que, desde que não exista nenhuma coerção física ou outra qualquer, foge-se dele como se fosse uma peste”* (Marx, 1844 apud Krisis, 1999).

<sup>71</sup> À questão “quando se sentem dignos, felizes e realizados”, as respostas giravam em torno da comunidade, família, assentamento, união, lutas, conquistas. De forma alguma o trabalho aparece como espaço de realização e prazer. Ao serem questionados sobre o que fariam se trabalhassem menos, são predominantes o desejo de estudar, contribuir com o MST, divertir-se ou então realizar tarefas que se diferenciam das suas e com as quais sentiriam prazer: fazer embelezamento, fazer móveis, costurar... Ninguém insistiu em continuar trabalhando. O que aparece é a necessidade de trabalhar, então afirmavam: “trabalharia o que é necessário”.

vez que ficar desempregado é pesadelo ainda maior do que o próprio trabalho.<sup>72</sup> Este é um esforço que deve ser realizado. Os assentados se mostram envolvidos e interessados no trabalho bem mais em razão de uma necessidade / compromisso do que pela realização mesma das atividades. Estas se colocam como uma rotina maçante e às vezes embrutecedora, que desperta pouco interesse e motivação. Em geral, esse sentimento é mais forte entre as mulheres. Acreditamos que isso esteja relacionado à menor participação política feminina no assentamento<sup>73</sup>. Como as mulheres desenvolvem somente quatro horas de trabalho na cooperativa, dificulta que estas assumam a coordenação de equipe, do setor ou de postos produtivos-chaves. Dessa forma, ao realizarem trabalhos menos qualificados e sem assumir postos de coordenação e decisão, em alguns casos, leva-as a menor compreensão do processo que se desenvolve no assentamento, e portanto, afasta-as da participação política. Esclarecemos porém que isso não diz respeito a todas as mulheres, mas dentre as pessoas que observamos menos envolvidas no trabalho e na política (participação interna), sobressaem-se as mulheres.

Algumas pessoas vão para o trabalho com pouca disposição e interesse em realizá-lo. A vontade de não trabalhar por vezes é forte, em especial quando o trabalho é cansativo. Observamos expressões cansadas e até tristes ao iniciarem mais um dia de trabalho pesado e nada agradável. Os comentários ilustravam bem o que sentiam: “Hoje só vim mesmo para cumprir tabela, porque tô que não presto pra nada” (Tina - assentada, ao iniciar o trabalho na roça). Esse desânimo e sacrifício para realizar as atividades aparecem nos constantes intervalos, momentos em que o grupo conversa mais e está animado. O desejo de ficar descansando por um tempo maior é visível.<sup>74</sup> Ao ver uma colheitadeira que estava parada na lavoura por problemas mecânicos, uma assentada comentou: “até as máquinas quebram. Ao

---

<sup>72</sup> Dejours (1999) analisa o sofrimento no trabalho e como este sofrimento é reprimido e escamoteado. Para ele, o sofrimento tem diversas origens: o medo de não atender as expectativas, a percepção de que sua condição de vida não deverá melhorar através do trabalho, as condições de trabalho oferecidas, entre outras. O sofrimento pode levar ao consentimento/adesão ao sistema/empresa e mesmo à banalização das injustiças para consigo e com os demais. O sofrimento no trabalho também é negado na relação com o desemprego, uma vez que este é visto como sofrimento ainda maior, o que leva, por sua vez, à negação e ocultamento das más condições de trabalho dos ainda ocupados.

<sup>73</sup> Acreditamos porém que esse elemento possa estar associado a outros fatores como por exemplo a maior facilidade de as mulheres expressarem /assumirem esse tipo de sentimento.

<sup>74</sup> Ruschel, em seu texto: *Cooperação e Trabalho na Escola do MST*: a cooperativa dos estudantes da escola agrícola de primeiro grau 25 de Maio. Florianópolis, UFSC, Dissertação (Educação), 2001, observou o desenvolvimento de estratégias para diminuir, amenizar e mesmo “fugir” do trabalho. Seu estudo foi realizado em uma escola agrícola de assentamento envolvendo crianças e adolescentes.

chegar na roça, pra não trabalhar, até as máquinas quebram” (Tina - assentada). Esse depoimento é revelador da percepção dos assentados acerca do trabalho.

Em dias muito quentes ou de frio intenso, a realização das atividades se torna ainda mais penosa e a vontade de voltar para casa se aguça. Por algumas vezes, certas condições podem tornar a realização do trabalho praticamente inviável. “Outro dia não agüentamos ficar aqui, as cinco horas (da tarde) não agüentamos de frio e fomos embora. Os dedos estavam duros porque tinha um vento e ainda era molhado” (Tina - assentada).

O esforço para a realização das atividades é observável ao término destas ou ao chegar em casa. Em geral, as pessoas estão cansadas, com feições um pouco abatidas, muitas vezes com dores pelo corpo. Esses sintomas, revelados nas expressões faciais e verbais, se misturam à satisfação de retornar e poder descansar. Para muitos, a sensação de chegar em casa, aliada ao cansaço, está relacionada à satisfação ou “sentimento do dever cumprido”. “Nenhum trabalho é bom, não tem serviço que não seja ruim. Se vai no milho a noite dói as pernas, se é no frango dói os braços, no leite dói as costas” (Ana - assentada, comentário ao catar milho, após reclamações de seus companheiros).

Apareceu de forma marcante o desejo das pessoas de trabalharem em grupo, próximas umas das outras, juntando-se ou mudando de equipe. Diversos assentados manifestaram que não gostam de trabalhar isolados, querem estar com mais gente, rindo, conversando.<sup>75</sup> “O que eu mais gosto é de juntar com outra equipe, é melhor. Nós trabalhamos em pouca gente, e quando tem mais gente a tarde passa que você nem vê” (Maria - assentada). Compreendemos que isso está ligado à possibilidade de tornar o trabalho mais alegre, permitindo às pessoas se integrarem e mesmo fazer algumas brincadeiras. Aliás, isso é comum nas atividades realizadas em grupos. As pessoas conversam bastante, riem, brincam e compartilham das dores, cansaços, problemas, amenizando-os. Revela mais uma vez e de

---

<sup>75</sup> O camponês tem sua própria forma de organizar o trabalho conforme sua vontade e condição imposta pela natureza. Não há rigidez no planejamento, não há patrão, em certo sentido o camponês se autogoverna. Assim, quando as pessoas se juntam para trabalhar, mesmo que as atividades sejam pré-planejadas, propiciam ao trabalhador interagir com outros, compartilhando seus anseios, preocupações e cotidiano, o que para o camponês é algo novo, já que este está acostumado ao trabalho individual, familiar e isolado. Trabalhar num grupo de pessoas é algo que se coloca como novo, atraente e descontraído. Por outro lado, no mundo campo camponês o tempo de trabalho se mistura e se confunde com outros tempos já que não há horários rígidos, padrões, inúmeras imposições externas e mesmo pela própria dinâmica da vida no campo.

forma implícita o desejo de trabalhar menos, de concluir o horário de trabalho e de como o tempo de trabalho é penoso. Na junção das pessoas nas tarefas, o esforço realizado é amenizado. “Não é um trabalho assim que eu prefiro... ficar isolada das outras pessoas da cooperativa. Eu adoro quando estou junto com outras pessoas” (Eli - assentada).

O trabalho coletivo tem um sentido novo para os assentados. Sentem-se mais valorizados e reconhecidos. Têm mais força para conquistar seus direitos. O assentamento goza de grande reconhecimento em âmbito nacional pela organização que possui. Eles sabem que sozinhos dificilmente estariam na condição econômica, social e mesmo política em que hoje se encontram. Coletivamente seus esforços são potencializados, as conquistas se aproximam e os resultados são mais visíveis.

*O que eu aprendi depois que a gente entrou nessa luta... nunca imaginava. E o trabalho ajuda bastante, porque trabalhando tu consegue pôr em prática aquilo que você aprendeu na vida, no caso do Movimento. Desde a forma de trabalhar, de se expressar, de conduzir as coisas. Se a gente estivesse lá onde a gente estava antes, talvez o trabalho que a gente ia fazer era inútil, não ia ter reconhecimento que tem hoje (Paulo - assentado).*

É necessário revelar também o forte desejo e a luta dos assentados para terem o trabalho reconhecido, valorizado e remunerado dignamente. Sem dúvida, na situação em que se encontram os agricultores brasileiros, em sua maioria, é fator fundamental de desânimo no trabalho. De modo geral, os assentados têm consciência de que o trabalho no capitalismo é explorado, que a agricultura é desvalorizada e que grande parte de seus lucros fica no mercado.

*O povo tem que trabalhar pra tratar a burguesia e a burguesia explorar eles. Porque todos os trabalhadores do campo, nunca sobra nada pra eles. Ele trabalha pra alegria de estar vivendo, tem onde trabalhar, tem alimentação, mas com relação aos preços é um descontentamento (Celso - assentado).*

Muitos assentados têm consciência inclusive de que o trabalho que realizam, em virtude da exploração que sofrem e das condições para sua realização, é deseducativo ou, como dizem, “vem deixando de ser educativo”. Esse aspecto será tratado no próximo item.

### 3.3) O trabalho educa para quê?

Os assentados, em sua maioria, tiveram dificuldade para responder a essa questão. Ficavam pensativos, titubeavam, reelaboravam a fala e até, quem sabe, pensavam em sua própria prática. Quase todos afirmaram que o trabalho é educativo. Porém, dizer para que educa e o que se aprende no trabalho se tornava ainda mais difícil. Na insistência da pergunta e após um silêncio quase generalizado, surgiram diversas respostas, às quais buscaremos de forma sintética apresentar e analisar:

- Aprende-se a preparar a terra, cuidar;
- Aprende-se a ter atenção, anotar, conservar;
- O trabalho educa porque produz alimentos;
- Aprende-se a lidar com os animais, entender o comportamento deles;
- Educa para construir equipamentos de trabalho, aprende a trabalhar com máquinas;
- O trabalho educa porque exige criatividade.

Um senhor que trabalha no armazém e desenvolve um trabalho pesado carregando sacas de grãos, expressa bem que tipo de aprendizado determinadas tarefas provocam: “uma vez eu pegava a bolsa e erguia só com duas mãos e colocava, hoje eu já descobri que ajudar com o joelho é mais fácil” (Carlos - assentado).

Em outro grupo, aglutinamos as respostas que atribuem ao trabalho um valor moral, e, no caso do assentamento, o trabalho que contribui no desenvolvimento da cooperativa:

- O trabalho contribui para o andamento da organização;
- O trabalho forma a pessoa, o caráter, quem não trabalha não tem dignidade;
- O trabalho educa para uma vida digna, igualitária;
- Os resultados do trabalho podem ser educativos;
- O trabalho educa porque é coletivo;
- Aprende-se a disciplina, cumprir horários.

Num último grupo, as respostas que revelam a exploração do trabalho e até mesmo a percepção de que o trabalho pode não ser educativo ou não ser educativo no sentido da transformação social:

- O trabalho é instrumento de massacre da burguesia sobre os trabalhadores;
- Não é educativo porque ele (trabalhador) não pensa pra ele;
- O trabalho vem perdendo seu potencial educativo;
- O trabalho no assentamento poderia ser mais educativo;
- Não é o trabalho que educa, mas os objetivos, as metas que são traçadas;
- O trabalho que eu faço não tem muita novidade;
- É bastante repetido, todo dia a mesma coisa.

Pudemos constatar que algumas atividades não demandam inovação, criatividade, conhecimentos mais especializados e desenvolvem-se de forma manual, repetitiva, ou mesmo com utilização de maquinário. São atividades, como disseram os assentados, que não têm muita novidade, que “a gente sabe que se faz daquele jeito”. O esforço exigido é basicamente manual. Nesses casos, a fala do senhor que diz ter aprendido a erguer as sacas de grãos com auxílio do joelho é reveladora das necessidades que este tipo de trabalho coloca. São atividades em que se busca a melhor forma de desenvolvê-las, atendendo necessidades básicas do dia a dia. Nesse grupo de atividades estão aquelas que num primeiro momento demandam atenção, esforço para compreender e inserir-se no processo, mas após algum tempo de exercício já não apresentam novidades, tornando-se repetitivas e desgastantes fisicamente. Talvez por isso os assentados trocam bastante de setor, já que num primeiro momento das tarefas em um novo setor estas podem ser mais atrativas. Encontra-se aqui grande parcela das atividades desenvolvidas no assentamento, dentre elas: capinar, roçar, lavrar, plantar e colher manualmente, diversas atividades do frigorífico, carregar sacas, cortar pasto, etc.

Outras atividades, porém, exigem técnicas mais aperfeiçoadas, domínio de equipamentos e conhecimentos básicos da área. São atividades que demandam atenção maior e em geral estão relacionadas à utilização de tecnologias, proporcionando aprendizados de forma mais constante. Aqui se encontram alguns trabalhos com as vacas leiteiras e pintainhos, determinados serviços na secagem de grãos, fábrica de ração, frigorífico e oficina, entre outros. Mesmo com técnicas mais aperfeiçoadas, esses trabalhos também podem ser repetitivos e cansativos. Nesses setores é comum as pessoas terem recebido algum tipo de formação específica, condição fundamental para viabilizar o setor.



De modo geral, os trabalhos no assentamento possuem um maior nível de especialização em relação aos assentamentos individuais, em virtude de uma maior divisão social do trabalho. Como as pessoas trabalham concentradas em um setor de atividade, dominam mais os processos de trabalho em que estão envolvidas e acabam adquirindo maiores conhecimentos em sua área, mas que em muitos casos não chega a se caracterizar exatamente como trabalho especializado.

No assentamento, de maneira ampla, a realização do trabalho educa para técnicas de serviço, para a melhor forma de realizar uma atividade, enfim, no trabalho aprendem a trabalhar. Este, em si, não educa para uma consciência transformadora, para lutar por uma nova sociedade ou para se organizar. Não é trabalhando que adquiriram consciência da exploração capitalista, não é trabalhando que seus sonhos se ampliam, que criam novos valores. Pelo contrário, trabalhando sentem-se cansados e até mesmo desanimam em face das condições que estão postas. “O fato de você estar trabalhando não te educa pra uma nova sociedade, porque se analisarmos internamente, o fato de eu trabalhar menos, eu sou mais consciente, menos consciente? O fato de eu trabalhar melhor ou pior eu sou mais ou menos consciente?” (Júlio - assentado).

Um dos argumentos centrais da tese do trabalho educativo é de que este permite experimentar o sentido da produção da vida, ou seja, trabalhar possibilita enxergar como a humanidade produz sua existência. Não discordamos desse argumento. É possível observar que crianças e adolescentes que desenvolvem tarefas são mais responsáveis, têm os “pés no chão”, ou mesmo possuem maior consciência social. Isso não significa, porém, que elas venham, através do trabalho, desenvolver uma consciência crítica ou perceber a necessidade/possibilidade da transformação social. Para isso, outros fatores devem ser acionados. Somente trabalhar, condição a que estão submetidos a maioria dos trabalhadores brasileiros, pode levar à submissão e resignação (Dejours, 1999), frente à aparência de que “sempre foi assim e sempre será”, ou ainda, levar à colaboração/adesão ao sistema como “única” forma de sair da condição em que se encontra o trabalhador. Compreendemos, assim, que não é o trabalho isoladamente que possibilita o desenvolvimento da consciência crítica, mas a reflexão sobre ele, a inserção em espaços/movimentos que entendem o ser humano

como sujeito e constroem práticas de trabalho emancipatórias. Visto nessa totalidade é que podemos considerar então o trabalho como educativo para relações humanistas.

No decorrer deste estudo buscaremos mostrar que quem educa os assentados, pelo menos no *Conquista na Fronteira*, para a transformação da sociedade e para lutar por vida digna é o MST e o coletivo do assentamento. Muitos dos aprendizados que os assentados atribuem ao trabalho devem-se à organização coletiva, ao estudo, planejamento e discussões que realizam como grupo. A organização existente no assentamento leva a reflexões inclusive acerca do trabalho, possibilitando torná-lo melhor, mais qualificado, porém, sua pura e simples realização não leva os trabalhadores a uma consciência de transformação. O trabalho, ao fazer parte do coletivo/da cooperativa, isto é, ao estar dentro de um processo que vem construindo formas diferentes de produzir a vida, educa as pessoas justamente nesse desafio. Desta forma, repetimos, não é o trabalho em si que se faz educativo rumo à outra sociedade, mas a organicidade existente no assentamento que se expressa fundamentalmente no coletivo, do qual o trabalho faz parte. A organização coletiva que possuem os assentados e o MST, estes sim indicam / propiciam a construção de uma consciência de classe e orientam o sem-terra a lutar por seus direitos, construir valores humanos, criar uma forma nova de viver em sociedade. “Trabalhar, trabalhamos desde a juventude nossa. Será que adiantava nós só trabalhar e trabalhar? Eu acho que não. Não tem sentido a pessoa só trabalhar e não participar das lutas” (Eli - assentada).

Apoiados em Marx (1998), compreendemos que, para além dessas atividades que descrevemos (trabalho concreto), o que fundamentalmente se coloca é o trabalho abstrato<sup>76</sup>, forma predominante sob o capitalismo. Em última análise, é o trabalho explorado, desqualificado, extração de pura força de trabalho o determinante das atividades realizadas. Isso se faz visível no assentamento pelo cansaço e desânimo que apresentam frente ao trabalho, e em especial pela resignação ante o fato de que “trabalhar tem que trabalhar”, o que não é mais palpitante no assentamento uma vez que, conscientes da exploração capitalista e compreendendo que as relações burguesas não são eternas, lutam por novas relações sociais.

---

<sup>76</sup> “Trabalho abstrato significa – em síntese – trabalho separado do seu sujeito e transformado em substância da relação valor de troca. Significa produto que domina o produtor, valor ‘coisificado’, subordinação do trabalho ao capital” (Castro, 1988).

Todavia, algumas pessoas ainda compreendem que trabalhando poderão conquistar uma condição significativamente melhor, isto é, de que “quem trabalha ganha”. Ou seja, ignoram que a riqueza acumulada por alguns, nessa sociedade, provém da apropriação do trabalho de outros e não de esforço próprio. Essa distorção permite a inculcação da ideologia do trabalho dignificante:

*Tem gente que pensa que não precisa trabalhar tanto e é bem pelo contrário, a gente tá sentindo que cada vez tem que trabalhar mais, pela forma que a gente está organizado e pelo capital que a gente está investindo, vai exigindo, e as pessoas acham que não... Mão-de-obra tem sobrando, e muito bem paga. O pessoal questiona que a gente não tá ganhando pelo que a gente está trabalhando, só que as pessoas aqui... tem pessoas que só querem benefício antes do sacrifício e na verdade tem que sacrificar para ter o retorno. (Rosa - assentada).*

Especificamente quanto à ideologia do trabalho presente no assentamento, trataremos no item 3.5.

O trabalho no capitalismo “educa” para a resignação, para a submissão, para o autoritarismo e hierarquia de poder, para o disciplinamento e conformismo frente às injustiças e desigualdades sociais, enfim, para a manutenção da ordem capitalista e a degradação humana decorrente dessa forma de viver socialmente. Esses “aprendizados” também perpassam pelo assentamento e só não são definitivos e predominantes pelo embate travado constantemente com a educação transformadora, libertária e humanista aprendida no MST e em sua organização coletiva. Dizemos, desta forma, que na Cooperunião fontes de formação distintas se confrontam, disputando a forma de organizar o assentamento, a consciência e o futuro das pessoas.

### 3.4) O Trabalho como necessidade<sup>77</sup>

O trabalho é critério de inclusão na sociedade capitalista, para o assentamento não é diferente. Este é uma grande necessidade para os assentados, se faz vital à medida que garante a sobrevivência. Trabalhar não é bom ou ruim, é simplesmente necessário. Na sociedade burguesa existem basicamente duas formas de subsistência: trabalhar ou viver da exploração do trabalho alheio. Os assentados estão no primeiro grupo, grupo este que não apenas trabalha para si, mas fundamentalmente para produzir a riqueza de outros.

Vivemos em uma sociedade em que existem máquinas, equipamentos e técnicas tão avançadas e aperfeiçoadas que poderiam eliminar o trabalho repetitivo, cansativo e mesmo degradante, porém, contraditoriamente, este insiste em dominar o cotidiano de milhares de trabalhadores em todo mundo, que vêem como única possibilidade de sobreviver trabalhar dessa forma insana. Essa realidade, posta em pleno século XXI, faz levantar inúmeras reflexões tais como: frente às ofertas de máquinas e equipamentos pelo mercado, qual a porcentagem de trabalhadores que consegue adquiri-los? Diante da falta e precariedade de assistência técnica e profissional, por que uma multidão de técnicos e especialistas das mais diferentes áreas estão desempregados? Por que milhares de seres humanos anseiam por algumas horas de trabalho no dia, na semana ou no mês quando há tantos artigos em falta para as pessoas mais pobres? Quantas pessoas poderiam ter seu cotidiano de trabalho amenizado se estas horas fossem divididas com mais pessoas? Ou se as máquinas estocadas nos mercados estivessem produzindo? Em relação ao assentamento, interessa-nos questionar acerca dos diversos cursos de formação, das viagens, do tempo de lazer, dos encontros de Sem Terra que poderiam ser feitos se houvesse no assentamento a esteira para o silo de que necessitam, se houvesse mais tratores, ordenhadeiras, abatedouros... Se houvesse acompanhamento técnico permanente. Se houvesse uma integração solidária e sustentável com as comunidades vizinhas.

Os níveis tecnológicos no assentamento não dependem do desejo dos assentados, mas das possibilidades financeiras de adquiri-los. Há que considerar ainda a realidade do

---

<sup>77</sup> A relação do sem-terra com o trabalho, inclusive no aspecto da necessidade foi abordado na Parte I desta dissertação, especificamente em seu segundo capítulo.

meio rural brasileiro, em especial da pequena agricultura, que, frente às políticas do governo brasileiro, está praticamente inviabilizada. Os agricultores vêm trabalhando com prejuízo em muitos casos.

Compreendemos que trabalhar é necessidade primeira dos assentados, como de qualquer pessoa que não é proprietária dos meios de produção. Por isso, gostar ou não do trabalho é secundário, porque “trabalhar, tem que trabalhar”. É isso o que os assentados afirmam e o que de fato se apresenta para eles nesse momento. “A gente precisa viver” (Rita - assentada). Trabalho, dessa forma, é sinônimo de vida. É a única condição colocada para aquelas pessoas de continuar existindo frente ao capital. Assim, sua vida passa a ser dominada pelo trabalho, este passa a regular sua existência. A luta pela terra e por uma nova sociedade, como tanto sonham, viver de forma tranqüila e segura, ter um tempo para o lazer, para passear... tudo isso está à mercê das necessidades de trabalho. “Desde que me conheço por gente sempre trabalhei” (Eli - assentada). É esta a ordem que se coloca em suas vidas, pelo menos na atual sociedade. Ainda assim ou exatamente por isso lutam pela superação do capitalismo.

### 3.5) Ideologia do Trabalho

Se a existência da espécie humana se deve em grande parte ao trabalho, o que o caracteriza como formador da humanidade, também é fato que essa condição formativa - nas diversas formas de sociedade que a humanidade experimentou, em especial no capitalismo - se dirige para a degradação. Na sociedade burguesa, o trabalho se faz fonte de exploração, alienação, miséria, violência, enfim, é por meio da exploração da força de trabalho de ampla maioria que esta sociedade se sustenta de forma degenerativa e degradante. Todavia, prevalece uma forte ideologia que atribui ao trabalho a condição de humanizador. Nessa ideologia, o trabalho forma o caráter, dá sentido à vida. Quem não trabalha é não apenas inútil, mas desviado, doente, delinqüente. Ignora-se (oculta-se) a alienação e a miséria decorrentes da exploração do trabalho sob os moldes da sociedade burguesa.

De Masi, indica como o trabalho e a ideologia do trabalho se constituíram na “sociedade do desenvolvimento” que para ele já se encontra ultrapassada:

*A sociedade do desenvolvimento foi também uma sociedade do trabalho. A vida dos homens era construída em torno do trabalho. A educação era orientada como preparação para o mundo do trabalho, o tempo livre como descanso para novo trabalho. Além disso, o trabalho não era apenas considerado necessário para ganhar com o que viver, mas também como valor em si. Havia um orgulho no próprio trabalho e nas realizações no trabalho. A preguiça era severamente estigmatizada. Pode-se até mesmo dizer que a figura do homem trabalhador representou o ideal desta sociedade (Dahrendorf, 1984 apud De Masi, 1999: 82)<sup>78</sup>.*

Pela análise até aqui efetuada e pela vivência dentre os assentados, podemos afirmar que no assentamento há uma forte ideologia em torno do trabalho. A este é atribuído um sentido moral, dignificante e humanizante. Essa perspectiva também aparece explicitamente nas falas, nas atitudes e na política da cooperativa. A fala a seguir expressa a compreensão dos assentados acerca do trabalho: “A pessoa que não trabalha ela se torna uma pessoa vazia, porque o trabalho é uma forma da pessoa ter um caráter, ter uma utilidade, se sentir realizado. Acho que a pessoa que não trabalha dificilmente ela tem essa consciência, essa qualidade” (Raul - assentado).

Uma das explicações que a direção da cooperativa tem para o baixo rendimento do trabalho e o pouco gosto dos assentados pelas tarefas é a noção de exploração do trabalho, do baixo retorno econômico, e da falta de reconhecimento das atividades agrícolas. A cooperativa busca desenvolver a idéia de que o trabalho realizado internamente é em benefício dos próprios assentados, que estes não trabalham para outrem, mas para eles mesmos. “A gente nunca pode pensar que o trabalho é escravo, que o trabalho é um castigo... Uma pessoa que não trabalha acho que não tem sentido viver, acho que o trabalho é uma coisa necessária, que deve existir” (Carlos - assentado).

---

<sup>78</sup> Para esses autores, vivemos em outra forma de organização social que não a capitalista, o que eles denominam de sociedade pós-moderna. Antunes (1999, 2000), Harvey (2000), dentre outros, demonstram que, mesmo com inúmeras mudanças que estão a se desenvolver no mundo do trabalho e na sociedade burguesa, ainda vivemos na forma de organização social capitalista, posição com a qual compartilhamos. Compreendemos, porém, que a crítica dirigida ao que De Masi chama de sociedade do desenvolvimento é coerente e atual.

*Nas cooperativas nós não temos uma relação de exploração do trabalho. Tanto é que a renda é pelo aporte de mão-de-obra de cada trabalhador, conforme tu trabalha, tu ganha. O que a gente não conseguiu avançar nas cooperativas, como vivemos sempre explorados, a mão-de-obra sempre explorada, sempre se trabalhou com essa amargura do lucro sempre estar para o patrão, e isso ainda está muito inserido dentro das pessoas, e aqui eles ainda não se deram conta que nós não temos mais patrão. A impressão é de que muitas pessoas ainda acham que estão trabalhando para alguém, e aqui não se trabalha para alguém, se trabalha para nós. A gente tem ainda muito esta relação: parece que estamos fazendo para os outros, não para a gente. O dia que nós superarmos isso, essa mentalidade que a gente trabalha pra nós, que o que nós fizemos é nosso, o trabalho vai ser uma coisa bem prazerosa (Inês - assentada).*

Ficou evidenciada a necessidade que a cooperativa tem (e isso foi expressado pelas lideranças) de que os assentados tenham vontade de trabalhar, tenham amor pelo que fazem, que tomem o trabalho como um valor, que percebam os frutos do trabalho como seus. Entretanto, apesar da ideologia moralizante existente, esses sentimentos não são correspondidos pelos assentados de um modo geral. Estes, por diversas vezes, manifestaram (sempre de forma indireta) não gostar de trabalhar, vêem o trabalho como chato, cansativo, repetitivo. As pessoas não querem trabalhar mais tempo, e muitas, se podem, não vão para o trabalho. Percebem que o trabalho em grande medida não é feito para si próprias, uma vez que significativa parcela de seu trabalho é apropriado não por elas, mas pelos capitalistas com os quais se relacionam e mesmo pela lógica de mercado que desfavorece os pequenos produtores.

Não gostar de trabalhar é ser considerado inútil, preguiçoso, oportunista... Na sociedade capitalista é norma gostar do trabalho. Isso aparece no assentamento quando as pessoas não conseguem dizer que não gostam de trabalhar, mesmo quando estão envolvidas em tarefas penosas e nada atrativas. Em relação ao tempo de trabalho, é difícil assumir que gostariam de trabalhar menos, ou em atividades mais interessantes, prazerosas e com sentido.

É possível dizer que há, na Cooperunião e no assentamento em geral, uma política que motiva para o trabalho e que fortalece essa ideologia, fundamentalmente pela forma como a cooperativa se estrutura. Em primeiro lugar, pelo fato de o critério de distribuição da

produção e dos lucros decorrer das horas trabalhadas, e segundo porque a participação social no assentamento é bastante vinculada à participação no trabalho. Isso fica mais claro se analisarmos o que diz o Regimento Interno em relação à participação dos jovens: “a partir da atuação dos jovens na produção é compromisso dos mesmos participarem de todas as atividades da cooperativa, como: reuniões, estudos, etc...” (Regimento Interno, 1997 :14). No assentamento, a participação política não decorre apenas da participação na produção, mas sem dúvida, é um forte elemento.

Como desenvolvemos anteriormente, o trabalho se faz necessário para o assentamento, por isso os assentados tomam o trabalho como um compromisso, uma responsabilidade e esforço necessário de ser realizado. Compromisso que assumem diante das demais pessoas e da cooperativa. “Me sinto com o compromisso de fazer da melhor maneira possível para corresponder ao que o pessoal apostou na gente pra essa função” (Raul - assentado). A realização do trabalho de um permite o desenvolvimento das atividades do outro. Sentem-se comprometidos porque o resultado de seus trabalhos é esperado por todos. Ademais, enquanto um está trabalhando, os outros também estão nos seus setores contribuindo para o andamento da organização. De fato, o trabalho não é um prazer, mas uma responsabilidade e necessidade. Infelizmente o desgosto para com o trabalho é reprimido nos assentados e nos demais trabalhadores.

A ideologia do trabalho se expressa também no que se refere à redução do tempo do trabalho, à possibilidade de trabalhar menos tempo, etc. Foi difícil para os assentados visualizar a possibilidade de reduzir o tempo de trabalho de forma mais significativa. Claro que isso se dá em razão de suas realidades e necessidades. Porém, a idéia de ficar “muito tempo sem fazer nada” lhes é estranha. Ou seja, há dificuldade de pensar e organizar a vida para além do trabalho. Este lhes consome a vida e parece que já não conseguiriam viver sem trabalhar. Sobre a possibilidade de adquirir máquinas que venham a aliviar suas atividades, algumas pessoas manifestam que “não teria graça a máquina fazer tudo e as pessoas somente ficarem olhando. Realizar o trabalho dá sentido à produção.” Todavia, o assentamento projeta “modernizar-se”, adquirindo máquinas, ferramentas e buscando dominar técnicas que reduzam o tempo de trabalho necessário para a produção. Claro que seu tempo de trabalho



não se reduz automaticamente em consequência de novas máquinas adquiridas, mas facilita (simplifica) a realização e permite ampliar a produção.

### 3.6) Vantagens do trabalho coletivo

Uma das grandes vantagens da organização coletiva do trabalho diz respeito à própria forma de fazê-lo. Segundo os assentados, coletivamente trabalha-se menos e o trabalho é mais leve, mais fácil. “Se for fazer uma pesquisa, o trabalhador individual trabalha pelo menos treze horas por dia, nós trabalhamos oito. Eu acho que oito horas por dia de trabalho, bem trabalhado, não é pouco, acho que é o suficiente. Agora, treze horas por dia, isso é demais!” (Carlos - assentado).

*No individual tu se arrebenta trabalhando, não que aqui a gente não trabalha, trabalha sim, só que lá tu trabalha, chega no fim do ano, vai fazer as contas, não chega a empatar. E aqui tu trabalha, não é um trabalho assim de se arrebentar, não é uma grande renda, mas também tu não te arrebenta. As condições de vida aqui não dá pra igualar com os de fora, se a gente se queixar... (Bruna - assentada).*

Além de trabalhar menos, coletivamente fica mais fácil manter-se no campo, sobrevivendo às difíceis condições impostas à pequena agricultura. Amplia-se a produção para diversas áreas, buscando alternativas ao mercado capitalista, coisa que individualmente torna-se muito difícil.

*Individual trabalhei algum tempo. Trabalhamos como louco, produzir feijão e milho, trabalhava só para pagar o mercado, outras coisas não conseguia comprar porque o preço não ajudava. Quando chovia que estragava o produto, não colhia nada. E nós aqui na cooperativa, de uma forma ou de outra, consegue tirar... O nosso trabalho na cooperativa não tem comparação com o individual (Rita - assentada).*

A realização de algumas atividades não se diferencia do trabalho individual/familiar, isto é, a forma de realizar algumas tarefas como capinar, roçar, lavrar, etc. São tarefas que se fazem do mesmo jeito, independente da forma de organização do trabalho. Mas isso diz respeito, se tomarmos como referência este coletivo, a uma parcela das atividades. Como

dissemos anteriormente, ao possibilitar a divisão social do trabalho, a organização coletiva permite maior capacitação e até mesmo especialização em alguns setores. Concentrando o agricultor em uma determinada área produtiva, possibilita que este se qualifique/especialize na tarefa, o que torna o trabalho cooperado mais produtivo e rentável. Assim, acrescenta-se às vantagens do trabalho coletivo, maior viabilidade econômica tanto pelo rendimento do trabalho como pela concentração de recursos, permitindo investir em máquinas e estruturas mais aperfeiçoadas.

No assentamento também organizam coletivamente a educação, a saúde, a moradia, desenvolvendo a solidariedade entre as famílias. Existe uma política educacional que garante acesso à escola desde as “Cirandas Infantis” (creches) até o Ensino Médio, e mesmo liberação para o terceiro grau em alguns casos. Em relação à saúde, a organização coletiva também permite grandes avanços. Ocorrendo doenças, as pessoas são liberadas do trabalho, recebendo pelo período de recuperação. Quando necessário, a cooperativa subsidia o tratamento de saúde, com posterior devolução parcelada dos recursos por parte dos assentados.

*Hoje nós estamos enfrentando aqui em casa um caso de doença, se nós tivesse no individual, não teria como bancar o tratamento e a cooperativa está dando essa condição. Quando eu puder pagar, vou pagar. Então a gente não se preocupa com isso, se fosse individual teria que vender a última vaca que tinha, se desfazer do que tinha... Essa garantia a gente tem pra qualquer pessoa aqui dentro. Na questão do estudo dos filhos também... (Raul - assentado).*

O Regimento Interno do assentamento desconsidera o afastamento do trabalho em caso de doença, de internamento ou atestado médico, ou mesmo no acompanhamento de alguém da família, ou seja, computa em cem por cento as hora trabalhadas, considerando como trabalho produtivo a ausência por qualquer desses motivos.

A organização coletiva do trabalho também possibilita férias/folgas anuais (quinze dias), feriados e finais de semana e liberação de alguns dias no caso de recebimento de parentes, coisas praticamente inviáveis para o trabalhador individual/familiar. Nesses casos, os dias não trabalhados também são considerados produtivos para qualquer associado da cooperativa.

Consideramos muito positivo neste assentamento a convivência das famílias pela proximidade das casas, o acesso ao lazer e diversão. O assentamento possui centro comunitário com alguns jogos, bar, campo de futebol, quadra improvisada para vôlei, cancha de bocha, entre outros. Também são realizadas visitas organizadas a comunidades vizinhas, festas, bailes e jogos da região. Ainda há muito para avançar nos aspectos da convivência e lazer, conforme os próprios assentados indicam, mas se considerarmos a realidade do meio rural nesses aspectos, especialmente para mulheres e jovens, a organização coletiva oferece maiores possibilidades.

Analisando do ponto de vista da luta dos trabalhadores e da luta pela terra, a cooperação permite grandes avanços tanto do ponto de vista econômico como da construção da consciência de classe. Nesse último, a organização do assentamento através dos diversos espaços/instâncias possibilita maior formação e participação política, conforme veremos adiante, bem como a liberação de pessoas para atividades de formação e mobilização.

*A forma que nós estamos vivendo é uma escola, porque como ontem eu estava trabalhando lá no estábulo, hoje eu estou aqui no manifesto<sup>79</sup>, e os outros estão lá trabalhando, garantindo pra mim a mesma coisa que se eu estivesse lá. Se eu estivesse individual, não tem ninguém que fica fazendo pra você. Por isso eu acho que no coletivo, eu acho que é educativo porque tu consegue vim, não vem quem não quer.*  
(Rita - assentada).

Nos assentamentos individuais os assentados também buscam participar das atividades do Movimento, mas isso se torna por vezes impossível por força das demandas de trabalho, em especial em períodos de colheita e plantio ou no trabalho com animais.

Mas não são apenas liberações temporárias / momentâneas que a cooperação possibilita. O coletivo tem sete liberados que atuam no Movimento em Santa Catarina e até mesmo em outros Estados<sup>80</sup>. “Por mais problemas que nossas cooperativas tenham, é o que está garantindo a continuidade da luta” (Inês – assentada, Direção Nacional).

---

<sup>79</sup> Essa entrevista foi realizada durante uma mobilização de mulheres agricultoras que ocorreu em Florianópolis no mês de maio de 2001.

<sup>80</sup> Destes sete liberados, dois fazem parte da Direção Nacional do MST, um pelo Estado de Santa Catarina, outro, já há muitos anos atua no Mato Grosso do Sul. Uma terceira pessoa faz parte da Direção Estadual/SC e atua no

Enfim, é através da organização coletiva que os assentados conquistam alguns de seus direitos, que tem suas atividades mais valorizadas e reconhecidas. É claro que há muito para avançar, que ainda sofrem a desvalorização do trabalho camponês, a exploração capitalista, a negação dos direitos humanos, etc. Porém, em relação aos pequenos agricultores, os assentados do *Conquista na Fronteira* se encontram em melhor condição econômica, política e social. “O coletivo é organizado e tem mais retorno, porque tudo que é organizado tem mais retorno. Agora, quando é individual, tu fala sozinho e ninguém te escuta, mas vai numa turma pra ver...” (Rita - assentada).

Por outro lado, coletivamente também existem dificuldades. É um esforço que precisa ser realizado para adaptar-se a essa forma de viver, desapegando-se do individualismo, aprendendo a ouvir e respeitar os demais, sendo muitas vezes contrariado. O coletivo possui normas que devem ser seguidas. A opinião da maioria prevalece ao pensamento individualizado. É necessário ceder em vários aspectos.

*Todos nós aqui saímos de família criada com ideologia diferente, cada um pra si. E a gente foi criado naquele costume, família de tradição, desde o plantio, fazer tua lavoura, aqui no coletivo é diferente. Eu fui criado sempre cuidando pra plantar conforme a lua, a época, controlar pra ter um alimento de qualidade. E no coletivo perde esse costume que tinha. É da mesma maneira, plantado e colhido, só que as épocas, a quantidade que tu vai plantar, comprar, muda. A perca daquele costume de ficar adorando teus bichinhos, cuidando, zelando. 50 anos já, sempre tinha galinha e porco no chiqueiro, hoje já não tenho mais nada, tem que deixar disso. É uma diferença bastante grande. Muitas vezes a gente fala do coletivo para outras pessoas, eles já acham que não fecha por causa disso, que não vai ter o que ficar alisando. Tem que largar muitas coisas, então é uma aula muito puxadinha. O coletivo exige bastante aprendizado, é uma empreitada braba (Raul - assentado).*

---

SCA. Possuem ainda um agrônomo que desenvolve trabalhos em outros assentamentos, um vereador no município de Dionísio Cerqueira. Uma sexta pessoa é presidente da Cooperativa de Crédito, vinculada ao MST e um último com atuação na CONCRAB em São Paulo.

### 3.7) Desafios em relação ao trabalho no assentamento

Conforme indicamos anteriormente, há uma forte imposição das forças burguesas para reduzir a vida dos assentados, suas lutas e sonhos, ao atendimento das necessidades de sobrevivência. Na imposição dessa lógica, suas vidas resumem-se a trabalhar para continuar mantendo-se enquanto cooperativa. Compreendemos, assim, a existência de dois grandes desafios referentes ao trabalho no assentamento. O primeiro deles, de forma mais imediata, reside no esforço para que o trabalho possibilite o bem-estar das pessoas, assegurando-lhes condições dignas de vida, ou seja, atendendo às necessidades básicas sem que isto lhes custe o centro e a totalidade de suas atenções. Em outras palavras, que os assentados tenham suas vidas ampliadas para além da esfera do trabalho e que a realização deste não seja exaustiva e totalizante. Manter viva a identidade Sem Terra existente no assentamento, sem que esta fique escondida e apagada pelas necessidades do trabalho, motivará a luta por uma sociedade livre da exploração. Isto está ligado ao segundo desafio, o qual, de forma ampla, volta-se ao desenvolvimento de relações de trabalho humanizantes, construtoras de valores novos, que fortaleçam relações interpessoais de forma saudável e educativa. Que a construção da nova sociedade almejada pelos assentados se materialize nas relações de trabalho internas ou dirija-se nessa perspectiva, como indicam alguns aspectos aqui abordados.

Além dessas dimensões, apontamos a possibilidade de redução do tempo de trabalho, permitindo a liberação desse espaço para formação/estudo, lazer, enriquecimento cultural, contribuições com a luta do MST, etc. A apropriação da tecnologia produzida possibilitará, além de diminuir o tempo de trabalho, a execução de tarefas mais criativas e que exijam menor esforço físico. O desafio está em desenvolver o trabalho de forma menos cansativa, estressante, pesada, tornando-o atrativo, motivante, mais leve e criativo. Em suma, desenvolver formas de trabalho que levem ao aperfeiçoamento, que exijam conhecimento, reflexão, criatividade, organizando o trabalho de forma solidária e cooperada.

## CAPÍTULO IV

### O MOVIMENTO SEM TERRA

#### 4.1) A presença do MST no assentamento

O MST começou a fazer parte da vida das pessoas do “*Conquista na Fronteira*” pela condição que tinham em comum antes de serem assentadas: a condição de sem-terra. Para algumas delas, fazer parte do MST ocorreu concomitante à própria formação do Movimento, sendo assim seus fundadores<sup>81</sup>, e ao qual ainda hoje pertencem. Para outros, o MST se incorporou às suas vidas como um acaso, não fossem sem-terra. O Movimento entrou no cotidiano dessas famílias de forma mais lenta, mas não menos marcante e definitiva. Se para um grupo de pessoas o MST é a própria condição de serem assentados, para outros, senão a maneira de chegar na terra, o determinante para nela permanecer. O MST está na vida dessas pessoas pela dura e forte realidade de sem-terra. Talvez por essa condição ser tão marcante, o Movimento não tenha saído de suas vidas até hoje. “*Quando nós tava individual (antes de ser assentado), nós nem sabia que nós tinha direito e dever. Pra nós tudo era dez, sofrendo do jeito que a gente tava*” (Rosa - assentada).

Ao ser questionado sobre quando se sente feliz e realizado, um assentado expressa as conquistas que a participação no Movimento possibilitou e, ao mesmo tempo, a dura condição de sem-terra: “O primeiro momento foi quando a gente começou através da ocupação. A conquista da terra já foi um momento feliz, que já tinha onde morar, a gente conseguiu fazer a primeira casinha, morar no que é da gente mesmo. E aqui tem vários dias bons: as conquistas, o trabalho que é bom, a alimentação que não falta mais, tem de sobra...” (Celso - assentado).

---

<sup>81</sup> Grande parte dos assentados no *Conquista na Fronteira* participaram da primeira grande ocupação de terras organizada pelo MST em Santa Catarina, ocorrida na noite de 25 de Maio de 1985 nos municípios de São Miguel do Oeste e Abelardo Luz. As pessoas a quem nos referimos acamparam em Abelardo Luz, seguindo depois para outros acampamentos, até serem assentadas. Algumas pessoas desse assentamento foram lideranças que auxiliaram na organização da ocupação e vieram a compor a coordenação do MST em SC.

É em virtude do movimento social que as organiza através da ocupação e do acampamento que aquelas famílias, então sem-terra, sem trabalho, expropriadas de quase tudo, conquistam uma melhor condição de vida, produzindo alimentos, com maior acesso à educação, saúde, cultura, informação, participação social... O MST é fundamento dessa condição conquistada. “Através da Organização que a gente conseguiu o que a gente conquistou, mas se a gente não tivesse organizado...” (Raul - assentado).

Os assentados, em sua maioria, têm consciência de que graças à organização e à luta no MST foi possível deixar a condição de sem a terra, por isso dizem que tudo que possuem devem ao MST. Nesse sentido, estabelecem com o Movimento uma relação de gratidão e de compromisso em continuar sendo parte da Organização. Quem abandona a luta e se “desdeixa” do Movimento, “esquece os nossos princípios, os princípios do Movimento... esquece que tudo que ele tem, conseguiu através da organização do Movimento” (Raul - assentado).

*O Movimento é nossa mãe que nos orientou pra esse caminho que nós estamos hoje. O Movimento está presente em todos os momentos aqui na cooperativa, porque na verdade é fruto do MST que a gente está nessa luta e queremos continuar e ter essas novas mudanças que a gente espera, novas alternativas, novo caminho. Eu vejo que ele está presente no dia a dia da nossa cooperativa, sem ele não vamos viver* (Rosa - assentada).

O MST é uma referência forte para os assentados, não apenas pelo passado, ligado à história da luta pela terra, à ocupação e ao acampamento. O MST se faz presente no assentamento de diversas formas, as quais buscaremos explicitar:

O MST é presente na **forma de organização do assentamento: no coletivo**, na convivência das famílias, na produção conjunta da vida, na forma de organização que busca ser democrática e participativa. Essa forma de organização ou estrutura orgânica, os núcleos, comissões, setores, assembléias são mecanismos que tornam o MST presente no assentamento por possibilitarem uma organização de base, participativa, em que se discutem as condições de vida no assentamento, até as políticas maiores do Movimento, a conjuntura nacional e internacional.

Os núcleos de base são fundamentais dentro da estrutura do MST e do assentamento. É por meio deles que se reúnem e se organizam de forma orgânica todos os integrantes do Movimento, desde acampamentos, assentamentos, cursos de formação, escolas, enfim, os núcleos estão na base da organização popular do MST, de onde são extraídas as coordenações de assentamento/acampamento, a base dos setores do Movimento, os coletivos regionais, estaduais, até o nacional. Seu papel é discutir o Movimento Sem Terra, o assentamento, possibilitando fazer formação política e integrando as pessoas à alguma forma de organização coletiva. Entretanto, às vezes esse papel político atribuído aos núcleos de base fica atropelado pelas necessidades imediatas, como indicamos anteriormente. Este é um aspecto revelador de como a vida das pessoas no assentamento passa a ser determinada especialmente pelas necessidades de sobrevivência: tendo sua vida consumida pelo trabalho, restam-lhes pouco tempo e disposição para estudo, formação, convivência. Isso reduz mas não elimina o papel central que possuem os núcleos na organicidade do MST e do assentamento ao agregar todas as pessoas nesse espaço.

*A nossa proposta de organização é a partir das pessoas diretamente, dos núcleos, das comissões internas, da atuação dos setores, das regionais, da divisão de tarefas. A formação política, os planos de capacitação que vão se desenvolvendo, nós sempre estamos preocupados, oportunizando que as pessoas participem, adquiram mais conhecimentos políticos, cultural, técnico (Luis – Direção Nacional).*

Não é, porém, em uma instância isolada ou em uma pessoa que é possível enxergar a forma que o MST se manifesta no assentamento. É na organização coletiva do *Conquista na Fronteira* que o Movimento se apresenta com toda sua força e capacidade educativa. O coletivo é uma estrutura/espaço/dinâmica que, ao incluir as pessoas, educa-as para a luta social, para o não-conformismo e capacidade de iniciativa, enfim, a organização coletiva permite criar e vivenciar novos valores. À medida que propõe esse novo, condizente com toda a luta travada pelo MST, o coletivo se torna a expressão do Movimento no assentamento.

Identificamos na organização coletiva do assentamento um importante componente da formação dos assentados por compreendermos que o homem se constrói enquanto tal participando de uma coletividade, de um grupo que o situa (enraíza) no tempo e no espaço, condição esta que o educa e o conforma como espécie humana, criando identidades



individuais, inseridas numa identidade (coletividade) maior. O Sem Terra se “enraíza”, cria identidade coletiva e aprende a partir de sua inserção nessa coletividade. A organização coletiva é, portanto, princípio educativo. “Quanto mais enraizado em sua coletividade, mais o sem-terra poderá ser educado por ela” (Caldart, 2000 :217).

Dentro do MST o sem-terra aprende pelo exemplo de outras pessoas, pela experiência que adquire (nas lutas, marchas, atividades), aprende pelo convívio, pela ação. Essa concepção pressupõe a potencialidade pedagógica das “relações sociais que o MST produz e reproduz”, “problematiza e pressupõem valores, altera comportamentos, destrói e constrói concepções, costumes, idéias. E dessa maneira vai conformando a identidade *Sem Terra*” (Caldart, 2000 :220). No assentamento, a “coletividade Sem Terra” se expressa através da cooperação existente e dos aprendizados (postura, valores, ações...) dela decorrentes. O coletivo do *Conquista na Fronteira* produz marcas fundamentais nas pessoas que o compõem e é a matriz educativa do assentamento que dá o diferencial (de transformação social) na formação dos assentados.

O MST é presente nos **sonhos e valores** que aquelas pessoas possuem, muitos deles claramente relacionados ao desejo de transformação social, da construção da justiça, por via da qual as pessoas tenham acesso aos bens, conhecimentos e à toda cultura historicamente produzida.

*Eu queria ver se a gente conseguia ainda fazer a tal de revolução no Brasil . Esse é o sonho maior da gente. Mas pelos anos que a gente vem lutando, que a luta, desde o primeiro dia é pra esse fim, o sonho que a gente sonha é de ir revolucionando a coisa devagar, quem sabe um dia consiga alcançar. Pra deixar alguma coisa boa pra quem tá vindo atrás, os filhos, a população (Celso - assentado).*

Essa luta por uma nova sociedade, o desejo e a ousadia de querer mudar o mundo aparece na maioria dos assentados em Dionísio Cerqueira e são aprendizados adquiridos no/atraves do MST, os quais passaram a ser parte deles, de seus pensamentos e mesmo da postura diante do mundo. A fala a seguir também manifesta a preocupação com o futuro das organizações populares que visam à transformação social:

*A minha previsão é que pra ter mudanças vamos ter que mudar lá em cima... Nós queremos uma vida assim... normal, de todo mundo ter direitos iguais, comida igual. Uma sociedade como um todo e não só nós aqui. Isso eu me preocupo, eu passo mal de sentir que a gente está bem, mas não é a maioria do povo, a maioria do povo está sofrendo hoje, queiramos ou não. E o que é que o capitalismo hoje quer? Quer minar tudo isso, o que está criando uma coisa nova, eles tentam acabar tudo, eles não querem uma mudança e nós queremos. (Rosa - assentada).*

A “nova cultura” produzida pelo MST (Caldart, 2000) é presente no assentamento *Conquista na Fronteira* em sua mais elevada forma, fundamentalmente pela postura, pelos valores e sonhos assumidos, se não por todos, pela maioria daquelas pessoas.

O assentamento expressa seus vínculos com o Movimento através das diversas formas pelas quais **contribui com a luta do MST e dos trabalhadores**: participando das lutas, manifestações, marchas, cursos de formação, atividades organizativas do Movimento, etc. Conforme expusemos acima, é realizado um rodízio de pessoal por núcleo para participar das manifestações e jornadas de luta, possibilitando a participação de todos. Alguns assentados fazem parte dos setores do Movimento aos quais estão vinculados como educação, saúde, produção, gênero, formação, entre outros.

O coletivo, por intermédio da cooperativa, também libera pessoas para a luta. À época desta pesquisa, eram sete as pessoas liberadas das atividades no assentamento para o MST, além das liberações momentâneas ou para atividades específicas. Aqui podemos incluir a liberação de um vereador assentado, além da contribuição (de pessoal e financeira) para o sindicato dos trabalhadores rurais. O assentamento também contribui com recursos para o Movimento. Ressaltamos ainda as diversas atividades do MST que ocorrem dentro do assentamento, quando são colocados à disposição pessoal, estrutura, alimentos entre outros, além das contribuições para os acampamentos.

Ainda é necessário mencionar acerca da histórica contribuição do assentamento junto ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Dionísio Cerqueira, com o intuito de torná-lo atuante, voltado aos interesses dos trabalhadores. Também da contribuição dos assentados junto ao Partido dos Trabalhadores e à Frente Popular nas eleições municipais. É notório em todo o município o papel que o assentamento teve na vitória da candidatura de esquerda à

prefeitura, não só do ponto de vista da campanha eleitoral, mas também e basicamente do respeito popular para com o assentamento, o que reverteu em respaldo para o candidato a prefeito.<sup>82</sup>

A luta é constituinte básico do MST pois o Movimento está permanentemente em luta. Não é possível pensar o sujeito Sem Terra sem o elemento da luta, do enfrentamento às condições de opressão. A permanente mobilização dos sem-terra que fazem parte do MST é educativa. Caldart identifica a luta como um elemento central na Pedagogia do MST. “Ser *Sem Terra* quer dizer *estar permanentemente em luta para transformar o ‘atual estado de coisas’*” (Caldart, 2000 :209). Só aprende quem se movimenta, por outro lado, o aprendizado pressupõe movimento. Por isso a luta é uma estratégia do MST, é o “motor” do Movimento para a formação dos sem-terra. Dessa forma, a luta social é componente educativo bastante presente nos assentados do *Conquista na Fronteira*.

O enfrentamento para a conquista de direitos básicos negados (terra, trabalho, alimentação, escola, saúde, moradia, transporte, cultura, lazer...) põe os sem-terra em movimento, provoca sua integração ao MST. Este, além da luta pela terra, leva à reflexão das circunstâncias (estrutura) que os tornou excluídos e oprimidos e indica a necessidade e a possibilidade histórica de construir a sociedade livre da exclusão e da opressão. O sem-terra, nesse processo de intenso aprendizado e de “refazer-se” humano, assume a luta não apenas por seus interesses imediatos ou pessoais. Desenvolve a consciência de classe e toma partido de sua classe. A luta do Movimento é uma luta de classes. O projeto do MST é um projeto para a mudança social. A educação dos sem-terra no MST é, em última instância, para a transformação da sociedade. Lutar é, assim, uma ferramenta pedagógica do MST para a formação dos sem-terra, é “arrebentar as cercas” do latifúndio, da opressão, do analfabetismo, da exclusão, da ignorância e das estruturas sociais opressoras. Lutar, no MST, é construir mulheres, homens e uma sociedade nova, é fazê-los agir, pensar, ousar, sonhar. Lutar é educar-se para o que se luta. Lutar é elemento presente em toda a trajetória dos assentados e continuar lutando é um grande desafio.

---

<sup>82</sup> Referimo-nos às eleições de 1996. Nas eleições municipais de 2000 o prefeito foi reeleito.

As manifestações artístico-culturais, folclóricas e religiosas também se traduzem num importante elemento do MST no assentamento. O conjunto dessas expressões é denominado de **mística** e trazem sempre presente a luta pela terra, os mártires, os sonhos e as conquistas. Essa mística também se expressa na bandeira do MST, presente em diversos momentos e espaços, aparecendo sempre em destaque, ocupando casas, escolas, o centro comunitário, a entrada do assentamento e é presente nos momentos mais significativos para o grupo. É interessante relatar ainda a existência de diversas placas, faixas, cartazes, espalhados por todo o assentamento, sempre relacionados à luta, ao MST, a seus sonhos e valores. O boné do Movimento, marca característica dos Sem Terra, e camisetas com motivações político-ideológicas e educativas são sempre vestidos com orgulho pelos assentados. As músicas<sup>83</sup> do Movimento “embalam” o cotidiano dos assentados, são ouvidas na voz das crianças e são “presença obrigatória” nas atividades festivas, assembléias e cursos de formação.

Na trajetória do MST foram sendo criados símbolos, bandeiras de lutas, conhecimentos, comportamentos, atitudes que se tornaram cultura (Caldart, 2000) e através da qual os sem-terra se educam. Essa “produção cultural” passa a ser intencional e para a qual se dedica um cuidado muito especial, em virtude de sua potencialidade pedagógica. Essa cultura Sem Terra e a mística dela emanada, presente no assentamento, contribui para manter viva a identidade coletiva, o Movimento Sem Terra, as lutas e sonhos e mesmo a continuidade daquele coletivo.

O MST está presente na **produção, na escola, na saúde...** Antes de serem assentados, aquela terra não era cultivada, não havia produção de alimentos, pessoas podendo extrair daí sua vida, não havia escola, cultura sendo produzida. “Era um dono pra tantos hectares de terra...”. Por isso o latifúndio significa atraso, violência, subdesenvolvimento; a Reforma Agrária abre a possibilidade de produzir a vida de muitas pessoas, de cultivar alimentos, de gerar desenvolvimento para o campo e a cidade e, fundamentalmente, possibilitar uma vida mais digna para muitas pessoas. As conquistas da luta do MST se

---

<sup>83</sup> Sobre as músicas do Movimento Sem Terra ver: PIANA, Marivone. *A música – movimento: estratégias e significados da produção musical do MST*. Florianópolis: UFSC, Dissertação (Sociologia), 2001.

concretizam nos alimentos sendo produzidos, na terra sendo cultivada, nas crianças sendo educadas, na convivência solidária das pessoas, na participação destas na sociedade...

A escola do assentamento desenvolve um método de ensino que se aproxima muito das elaborações do Setor de Educação do MST e se faz referência para o Movimento em todo país. Dentre os eixos fundamentais em que se fundamenta a escola do assentamento destacamos: a participação da comunidade na escola, a auto-organização dos educandos, o envolvimento das educadoras na comunidade, os temas geradores e o cotidiano pedagógico. Compreendendo que a educação deve estar sintonizada com a realidade, foi criada na escola uma cooperativa de educandos, a qual organiza as atividades pedagógicas desenvolvidas, com o acompanhamento das educadoras. O objetivo fundamental da organização cooperativa na escola é vincular as crianças/educandos a uma experiência de organização coletiva. Essa experiência é vivenciada em todo o assentamento, porém, na escola, as crianças assumem a coordenação, encaminham as discussões, tomam decisões e responsabilizam-se por seus atos. Para que essa cooperativa funcione, existe o conselho deliberativo (formado por educandos) e um regimento interno, a partir do qual todas as pessoas envolvidas diretamente na escola se relacionam. A cooperativa dos educandos se organiza em equipes de trabalho que compreendem desde a limpeza da escola até o cuidado da biblioteca, confecção de materiais, etc. As tarefas (trabalhos) existem na cooperativa escolar para atendimento das necessidades da escola e assumem centralidade nessa experiência pedagógica. Por meio de problemas concretos (originados das atividades no minhocário, no viveiro de mudas, na subsistência da escola, etc.) diversos conteúdos pedagógicos são desenvolvidos. Dentre outros fatores que atestam a excelente qualidade da educação desenvolvida nesse espaço vale destacar a atuação dos educandos ao ingressar na escola da comunidade vizinha (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> série), onde se sobressaem pelos conhecimentos e postura de iniciativa e liderança. Isso mostra que, além dos conhecimentos científicos (isolados podem se caracterizar no que Paulo Freire chamou de educação bancária), a escola forma pessoas que se assumem protagonistas da história, buscando desenvolver valores condizentes com a sociedade que almejam construir.<sup>84</sup>

---

<sup>84</sup> Sobre o trabalho que é desenvolvido na escola do assentamento ver: MST, 2000. Construindo o Caminho numa escola de assentamento do MST, Coleção Fazendo Escola, n. 3. Essa coleção descreve as diversas experiências de educação do MST em todo o país. Esse é o primeiro caderno que aborda uma experiência de escola de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série, dada a importância e a aproximação dessa escola com a Pedagogia do Movimento. A TV Cultura também produziu um documentário abordando a “Proposta de Educação do MST” e traz presente a

A saúde no assentamento também busca um trabalho que se aproxima dos ideais desenvolvidos pelo Setor de Saúde do MST, dentre os quais podemos destacar a saúde preventiva, a utilização de medicamentos naturais, o acompanhamento periódico e às pessoas, o conceito de saúde como totalidade da vida humana, entre outros<sup>85</sup>.

Dessa forma, o MST se faz presente no cotidiano das pessoas, no fundamento da existência do assentamento, da cooperativa, do coletivo... Aqui novamente poderíamos levantar as limitações, dificuldades e mesmo contradições em relação à produção e ao trabalho no assentamento, pontos que buscamos evidenciar anteriormente. São questões complexas e difíceis, que por vezes se manifestam de forma oposta à direção proposta pelo MST. Entretanto, compreendemos que elas não chegam a se caracterizar como negação do Movimento de forma a torná-lo ausente: são contradições que caracterizam um embate dentro do assentamento, uma vez que ao se propor uma nova relação interna, esta se confronta com a velha sociedade capitalista. Por outro lado, novos parâmetros de produção e comercialização estão sendo gestados, encontrando dificuldades para serem implementados. Apontamos que a produção da vida das pessoas na forma de cultivo de alimentos, no embelezamento da comunidade e das casas, na escola, na saúde, na convivência, entre outros elementos, é expressão do Movimento, a expressão da luta daquelas pessoas e do MST para produzir a vida num local que anteriormente gerava exclusão e fome.

O sentimento de **pertença** ao MST é o que talvez melhor simbolize a dimensão que o Movimento assume no assentamento. Os assentados estabelecem uma relação de identidade e de pertença ao Movimento. As pessoas sentem-se MST, este não é algo distante. Falam do Movimento com emoção, admiração, reconhecimento e esperança. “O dia que o pessoal não pensar mais no Movimento Sem Terra, podemos pegar nossa malinha e ir saindo, porque acho que o Movimento somos nós” (Bruna - assentada). Entretanto, esse sentimento de pertencer ao Movimento não é compartilhado por todos com a mesma intensidade. “Tem uma parte que não se sente Movimento, tem uma parte que tem pouca discussão, só que nas lutas, vai em

---

experiência da Escola Construindo o Caminho, do Assentamento *Conquista na Fronteira*. Dos diversos trabalhos acadêmicos realizados no assentamento e que discutem a experiência da escola ver: Fontana, Airton. Construindo o caminho: uma educação orgânica – Experiência do Assentamento *Conquista na Fronteira*, São Miguel do Oeste: Unoesc, 1999.

<sup>85</sup> Para maiores informações sobre o trabalho de saúde no MST ver: MST, Construindo o conceito de saúde do MST, Cartilha de Saúde n. 5, São Paulo, 2000.

todas. O número é baixíssimo. Tem uma parte que se sente mais profundamente, por exemplo quando o Movimento Sem Terra está com problema, tem algumas pessoas que chegam a falar ‘nós estamos com problema’” (Carlos - assentado). É possível observar, de modo geral, na direção dada pelo coletivo e nas expressões das pessoas que o MST é a maior referência no assentamento. Podemos afirmar, com base nas observações e depoimentos, que aquelas pessoas são parte do MST e que o MST é parte delas.

Os assentados expressaram que enxergam o MST no assentamento, nas pessoas, no coletivo, nas lutas e neles próprios. Sentem-se MST e vêem o assentamento como coisa do Movimento. O Movimento ampliou os horizontes, deu novo sentido à vida dessas pessoas, criou novos sonhos. Ao MST devem uma maior consciência social e política<sup>86</sup>. Consciência, sonhos, sentido à vida... que permanecem, não foram embora com a conquista da terra. A esperança, os aprendizados se solidificam e se desenvolvem.

Caldart (2000) analisa que o MST cria uma identidade coletiva nas pessoas que fazem parte da dinâmica do Movimento:

*Ser Sem Terra hoje é bem mais do que ser um trabalhador ou uma trabalhadora que não tem a terra, ou mesmo que luta por ela. **Sem Terra** virou nome simbólico, referência de luta, de organização ética, de cidadania, e até irreverência cultural. (...) Ser do Movimento é estar em movimento! No Movimento, os Sem Terra aprendem que o mundo e o ser humano estão para ser feitos (Caldart, 2000 :206/7).*

Ser Sem Terra é uma identidade de luta, de ousadia, de quem não “aceita ser esmagado”, de solidariedade, enfim, de quem não assume o mundo do jeito que ele está, mas acredita na possibilidade de fazê-lo e refazê-lo. A identidade Sem Terra, o sentimento de pertença ao MST estão vivos em diversas pessoas e presentes no coletivo do assentamento. Assim, as pessoas se fazem Sem Terra, são parte do MST e este é parte delas e de seu assentamento. “Nós somos o Movimento e o Movimento é pra nós. O Movimento Sem Terra somos nós” (Rita - assentada).

---

<sup>86</sup> Sobre o processo de consciência e as experiências educativas dos Sem Terra do MST ver: VENDRAMINI, Célia; Terra, Trabalho e Educação: experiências sócioeducativas em assentamentos do MST. Ijuí, Editora Unijuí, 2000.

Todavia, conforme abordamos anteriormente, há diversos aspectos que se fazem contraditórios/inibidores dos objetivos, princípios e formação proporcionados pela presença do MST no assentamento. Esses aspectos podemos considerar como contrários ou como a “negação” do Movimento. Detenhamo-nos um pouco mais nesta reflexão.

A oposição ao Movimento está na negação das lutas, no esquecimento de suas histórias, no abandono daquilo que construíram juntos. É deixar de sonhar, de ter esperanças e de buscar uma vida melhor, não acreditar e deixar de lutar para que todos tenham direitos iguais. Negar o Movimento é tornar-se apenas agricultor<sup>87</sup>. É produzir na terra deixando de lado todos os ensinamentos, valores, sonhos, ousadia que um dia conheceram. É se dar por satisfeito apenas com a terra e a produção. “Se a luta só for pela terra até conquistar o crédito, aí nós temos problemas, porque nós reproduzimos pequenos agricultores que se inseriram nesse modelo e nada mais fizeram que se inserir nesse modelo, aí acho que é uma perda, é um tempo gasto, talvez sem um acúmulo, sem uma reserva pro futuro. Isso tanto individual como coletivo” (Inês – assentada e Direção Nacional).

Desistir do assentamento, não se envolver nas lutas do Movimento, do coletivo, não ter interesse em participar, são as formas mais marcantes de negar o Movimento apontadas pelos assentados. “Quando desiste uma família que vai embora, que a gente percebe que a pessoa desanima daqui, é que ela não está mais sentindo que o Movimento está presente, que é isso que a gente quer” (Eli - assentada).

*Quando as pessoas esquecem os nossos princípios, os princípios do Movimento, esquece como ele era antes. De certa forma, ele está ignorando o que ele conquistou através do Movimento. Hoje tem muita gente que fala mal do Movimento, mas esqueceu que ele deve tudo que ele tem hoje... conseguiu através da organização do Movimento. Se ele não estivesse organizado nessa luta, certamente não estava aqui. Isso até de certa forma revolta, quando a pessoa consegue um pouco mais na vida esquece as origens disso. (Raul - assentado)*

---

<sup>87</sup> A música “Quando chegar na terra” de Ademar Bogo, retrata a terra como o primeiro passo na luta pela liberdade. Para o MST, após assentados, os Sem Terra têm muito para lutar e sonhar. “Quando chegar na terra / lembre de quem quer chegar / Quando chegar na terra lembre que tem outros passos pra dar / Quando chegar na terra / Lembre que ainda não tem liberdade / Esse é o primeiro passo que estamos dando nessa sociedade / Só a terra não liberta / Esse é o alerta aumenta a ansiedade / Isto virá no dia que com ousadia ganhar a cidade” (MST, Disco Compacto “Arte em Movimento”, [1998]).



Para os dirigentes da cooperativa, a negação do Movimento no assentamento se reflete especialmente no desânimo em participar das lutas, na acomodação, deixando de lado a solidariedade, o espírito de sacrifício, o companheirismo. É quando os objetivos mais amplos ficam de lado e as preocupações voltam-se para a capacidade de consumo, de acumulação de capital. Lutar pela Reforma Agrária e pela justiça social é característica fundamental dos Sem Terra.

O que nos parece ser de fato o maior problema na Cooperunião que leva à negação do Movimento, é quando o cotidiano das pessoas é dominado pela necessidade de sobreviver, pelo trabalho, pela premência de administrar a vida sob os moldes do capitalismo. Aqui, o centro não é o coletivo, a luta pela terra e pela vida, pelos novos valores que construíram, dedicar o tempo para viver bem, estudar..., mas para sobreviver. Isso é o que muitas vezes domina o cotidiano/vida daquelas pessoas. “No acampamento sempre está preocupado, vamos dizer, em realizar teu sonho, tá ali, lutando pra chegar naquele objetivo que tu quer. No assentamento a preocupação é trabalhar para produzir. A sobrevivência...” (Celso - assentado). A luta pela sobrevivência é parte (e parte fundamental) da vida do MST, ocorre que não pode reduzir-se a este aspecto porque apenas ele não garante um jeito novo de vida, a solidificação de novos parâmetros sociais.

A fala anterior é expressiva do fato de que muitas vezes o sonho, a luta, os valores, o rompimento das cercas é mais forte no espaço do acampamento. É nesse momento que o conflito é mais presente, os desafios são maiores e as pessoas adquirem grandes aprendizados. No acampamento o Movimento é presente, ele é o próprio Movimento. No assentamento o conflito, a tensão, a iniciativa, a solidariedade já não são tão presentes, já não são necessários de forma tão premente como no acampamento<sup>88</sup>. A estabilidade é maior, a segurança e a acomodação tem terreno mais fértil para nascer. O sonho maior (urgente), a terra, já foi conquistado. As preocupações começam a girar em torno de produzir para sobreviver. Como sustentar uma família em condições difíceis como as da pequena agricultura? Para isso

---

<sup>88</sup> GRADE, 2000, em sua dissertação “MST: luz e esperança de uma sociedade igualitária e socialista”, aborda as diferentes (desiguais) maneiras do Movimento se fazer presente nos acampamentos e assentamentos. “É nos acampamentos que o MST mostra toda sua rebeldia, configurada na criação de relações sociais que afirmam o Movimento. São relações solidárias que fundam a vida desses homens e geram sua consciência. Talvez, seja por isso, que o MST nos acampamentos tem se mostrado mais forte do que nos assentamentos” (:258).

começa a inserção do sem-terra no mercado, quando então sua vida é dominada pela lógica do capital. Voltam os valores de competição, do individualismo, egoísmo e diminuem a participação, a solidariedade, o voluntariado. Isso não se faz mais possível quando a sobrevivência precisa ser garantida. Na Cooperunião essas condições são amenizadas, como apontamos no item a respeito das “Vantagens do trabalho coletivo”. Participar e contribuir nas lutas é mais fácil, os novos valores propostos têm um coletivo para serem fecundados, todavia, a necessidade de sobreviver também se impõe às pessoas. As regras do mercado capitalista exigem prioridade. Esse é um dos grandes embates do assentamento.

*Nós estamos entrando numa linha de produção que ao entrar no mercado a gente tem que ter claro que o mercado é muito competitivo, então toda vez que você vai desenvolver uma atividade pra entrar no mercado, tem que saber que vai produzir para poder competir. A nossa relação interna é uma relação digamos assim... socialista, mas a relação com o mercado é capitalista, porque nós nos obrigamos a entrar na lei do mercado (Júlio - assentado).*

#### 4.3) O MST educa para quê?<sup>89</sup>

“Pra ter uma vida mais digna. Pras pessoas lutarem por justiça, por direitos, e mesmo assim, só se sente bem quando vê que o outro está bem. Acho que não é só o cara se sentir realizado” (Raul - assentado).

Esse depoimento aponta duas dimensões educativas fundamentais. A primeira é possivelmente a mesma que leva o sem-terra à ocupação e ao MST: lutar por uma condição de vida mais digna. Lutar por terra, trabalho, por direitos, fazendo-se cidadão de fato. A força do Movimento está em sua capacidade de organizar um grande contingente de excluídos, possibilitando-lhes uma nova condição de vida. O sem-terra decide integrar-se ao MST porque vê, através dele, a possibilidade de recriar sua vida tão negada e sacrificada.

---

<sup>89</sup> Conforme expomos no decorrer deste texto, a análise em torno do MST enquanto sujeito pedagógico é abordada por Caldart (2000), em sua tese de doutorado. Para ela, é possível delinear uma Pedagogia do Movimento Sem Terra.

A segunda dimensão formativa é característica de quem se permitiu aprender no MST, é um forte indício da identidade Sem Terra: o sonho e a luta pela transformação social, a compreensão de que todos têm direito a uma vida decente, que todos somos vítimas de um sistema excludente. Assim, o Sem Terra põe-se a serviço de uma causa coletiva. Não está nessa luta apenas para benefício próprio. Sua liberdade é a liberdade do outro, sua alegria é alegria do outro, sua conquista é a conquista do outro.

Assim, novos valores vão sendo construídos, aprendidos e ensinados: a solidariedade, o companheirismo, a indignação frente às injustiças, enfim, busca-se superar os valores burgueses colocando o ser humano de forma central no projeto com que sonha e busca construir.

*Para mim o principal foi valorizar o ser humano. Eu vivia numa sociedade onde a exploração do homem sobre o homem era o que determinava. A gente ainda vive numa sociedade assim, mas o Movimento me educou que a exploração do homem sobre o homem traz a miséria, traz a pobreza, traz a degradação da sociedade. Então se a gente não valorizar o ser humano como a coisa mais importante da sociedade, não adianta você construir experiências importantíssimas de cooperação agrícola, construir experiências de produção, grandes experiências, sucesso na medicina, criar grandes modelos de indústria, se você não tem como fator fundamental o ser humano, se não valorizar acima de tudo o ser humano (Júlio - assentado).*

Depoimentos de assentados indicam que “o Movimento faz perceber a exploração que existe na sociedade”. Então, construir uma sociedade sem exploração passa a ser o grande sonho do Sem Terra. Exploração da qual ele foi vítima e em razão da qual sofre até hoje. Exploração pela qual milhares estão miseráveis, degradados, e poucos são milionários. O sem-terra percebe que ele não tem terra, educação, saúde, participação social, dignidade, em consequência de uma estrutura econômico-social concentradora de riquezas, de conhecimentos, de cultura. “A minha previsão é que pra ter mudanças vamos ter que mudar lá em cima” (Rosa - assentada). Dessa forma, percebe que lutar apenas por um “pedaço de terra” e créditos não será solução para seus problemas fundamentais e para os problemas do povo. Essa consciência, esses valores e a clareza de onde querem chegar, encontramos em grande parte dos assentados em Dionísio Cerqueira:

*O Movimento tem os seus princípios, seus objetivos, de que nós devemos se organizar, os excluídos, independente de que atividade está exercendo, em que setor da sociedade vive. Busca organizar os excluídos para uma mudança da sociedade, claro que pra atingir essa mudança o Movimento desenvolve várias atividades. Busca conquistar a terra, desenvolver a Reforma Agrária, busca a conquista de recursos, busca desenvolver várias formas de cooperação, que esta seria o instrumento fundamental pra que a gente possa, nesse momento, construir na prática um modelo de sociedade diferente. Nós buscamos uma sociedade que tenha mais cooperação, que tenha uma maior valorização do teu trabalho, da tua produção. O Movimento quando pensa a cooperação, pensa com esse objetivo de nós, através da cooperação, valorizar a forma de organização e a mudança da sociedade, então o Movimento conscientiza da necessidade da importância de nós construirmos uma sociedade diferente (Júlio - assentado).*

Diversas observações e depoimentos como esse nos permitem afirmar que o Movimento opera uma grande transformação nas pessoas que fazem parte dessa luta: de excluídos, oprimidos, em situação de degradação da vida humana, condição que se encontravam quando sem-terra, para sujeitos, pessoas ativas, que querem decidir sobre seus destinos e sobre o destino do mundo. De sem-terra à Sem Terra, pessoas que ousam reerguer o mundo sobre outras bases. Não deixaram de ser excluídas e oprimidas, mas agora sabem o porquê se organizam e lutam para as mudanças desejadas. São referência para outras pessoas em condições semelhantes, contribuem na organização do povo. Isso é observável em diversas ações do assentamento como: contribuições ao MST, ao Sindicato, ao Partido, em doações de alimentos na região, em doações de sangue, nas inúmeras visitas que recebem para mostrar a experiência que construíram. Enfim, o assentamento se faz ativo na luta dos trabalhadores e é espaço de construção de uma sociedade fundada sob novos princípios.

Isso nos permite dizer que o MST é uma grande referência para os assentados, se faz educador daquelas pessoas pelas fortes marcas deixadas (e reafirmadas) no cotidiano do assentamento. Nesse sentido dizem: “o MST reconstruiu minha vida”; “Aprendi mais no assentamento, no MST, do que todos os outros anos da minha vida”.

O aprendizado dos valores socialistas, do respeito ao ser humano, da busca da participação e cidadania se revela em diversos momentos:

*Uma grande coisa que eu aprendi é respeitar a decisão da maioria, de ouvir os outros, isso era uma coisa que eu não sabia ouvir os outros. A gente era acostumado a falar, falar e ouvir pouco. Uma das coisas que a gente aprendeu mesmo que aquele pouco que ele fala também tem um valor, não é por eu ser liderança, por ser direção que eu sei as coisas mais do que os outros, mas às vezes aquele que não assume nenhuma função, aquilo que ele fala às vezes tem uma importância... muito mais importante do que o que a gente fala. Isso foi uma coisa assim que gravou, uma coisa que aprendi é de ouvir mais os outros. (Carlos - assentado).*

No assentamento é possível observar a preocupação com outras pessoas, com aqueles que não têm casa, não têm terra, não têm comida. “O Movimento ensinou ser solidário com as pessoas” (Rosa - assentada). É esse espírito, essa dimensão do sonho em comum que os torna Sem Terra, que os mantêm vinculados ao MST e o que torna o Movimento um grande educador dos assentados no *Conquista na Fronteira*.

#### 4.4) Desafios do MST no assentamento

Pelo que até aqui expusemos, compreendemos que o maior desafio do Movimento é manter-se vivo e presente no assentamento, nas pessoas, na organização interna que possuem. Enquanto o sonho e a luta pela transformação social, os valores humanistas e socialistas permanecerem acesos naquele grupo, o espírito do Movimento insistirá em fazer-se presente. É fundamental a sobrevivência do coletivo frente às forças que buscam destruí-lo, dos valores da coletividade sobre o individualismo, a permanência do espírito de indignação acima do conformismo. As características de coragem, de ousadia, do companheirismo, da esperança, tão marcantes em suas trajetórias, são condições para o Movimento continuar presente, orientando o caminho daquele coletivo. Enfim, é crucial que as mudanças que o MST operou na vida daquelas pessoas, os aprendizados e valores que construíram no Movimento Sem Terra não se desfaçam frente à sociedade burguesa.

Existem falas que apontam que o espírito de coletividade e luta já esteve mais aguçado, o MST era uma referência mais forte, as pessoas eram mais unidas, companheiras, com disposição e ânimo.

*Ainda tem algumas pessoas que não conseguiram entender o coletivo, o objetivo disso, ou mesmo dos nossos princípios. O pessoal não conseguiu avançar com o tempo, quando começa aparecer as dificuldades econômicas acaba esquecendo as políticas, os nossos princípios, acho que isso ainda hoje é umas maiores dificuldades que a gente tem. Nós chegamos aqui não tinha nada, e nós estávamos contentes, era assim... uma família só. Conforme a gente foi tendo as coisas, foi crescendo, parece que isso foi ficando de lado, foi esquecendo os princípios (Raul - assentado).*

Essa fala indica como grande desafio do Movimento não deixar a vida daquelas pessoas ser dominada pelos valores burgueses, pela rotina, pelo trabalho, pela necessidade de sobreviver, fazendo esquecer / abandonar a identidade de luta, de coletivo, de ousadia e persistência. A construção da nova sociedade faz-se à medida que suas vidas sejam regidas por uma lógica de valorização das pessoas acima das riquezas, pela qual os seres humanos possam ter uma vida decente, com acesso à cultura, tecnologia, lazer, ócio... Lógica pela qual o conhecimento produzido seja socializado, o convívio com outras pessoas tenha espaço garantido, o trabalho dirigido no sentido do prazer, do saber e do bem viver. Enfim, se conviver com o velho e relacionar-se com o arcaico é necessidade do assentamento, que do embate entre a forma burguesa e a alternativa que estão construindo, o novo resista e floresça. Ser espaço fecundo de relações humanas pautadas pelos valores socialistas é o grande desafio dos assentados.

## CONCLUSÃO

O MST surge no Brasil como necessidade de milhões de despossuídos da terra, do trabalho, da escolarização, da auto-estima, do lazer e de uma vida digna. O Movimento é a organização dos expropriados, é o levante dos desgarrados que, no desespero ou na lucidez, decidem organizar-se e lutar. Decidem buscar dignidade e não se acomodar diante dos opressores. No MST os sem-terra constroem-se como homens, mulheres, sujeitos de luta, de ação, pertencentes a uma coletividade que os torna fortes. Juntos reavivam suas esperanças e a de outros tantos.

A conquista da terra é o objetivo fundamental no princípio da formação do Movimento, porém, logo os sem-terra vão percebendo que apenas ter um pedaço de chão não é suficiente para viver com dignidade, livre da exploração. No MST os sem-terra passam então a lutar pela realização de uma ampla Reforma Agrária. Todavia, novamente percebem que sua luta precisa ser ampliada, o inimigo a enfrentar é maior do que o latifundiário, possui dimensão planetária. Realizar a Reforma Agrária necessária para a redistribuição de terras no país não interessa à burguesia nacional. Submetida aos interesses do grande capital estrangeiro (cuja face é o governo norte-americano), as elites brasileiras adotam no país um modelo de desenvolvimento que acelera a concentração das riquezas e o empobrecimento brutal da maioria da população, ampliando o número de sem-terra, favelados, famintos, “ladrões”, infelizes e desesperançosos. A Reforma Agrária nesse modelo está inviabilizada. Para os excluídos, porém, é cada vez mais necessária. Ao MST exige-se um salto na luta. É necessário organizar-se para construir um novo país, parâmetros de desenvolvimento soberano, socialista, popular. E isso significa lutar contra o imperialismo, o colonialismo e a opressão entre os povos.

A luta do MST é profundamente educativa para o sem-terra. Participar do MST é uma experiência marcante e carregada de aprendizados. No Movimento o sem-terra aprende que possui direitos, que precisa organizar-se para atingi-los, que vive numa sociedade pautada pela exploração, pela injustiça, pela degeneração da vida humana. No MST, o sem-terra aprende que outro mundo é possível, percebe-se como construtor da história e como tal pode lutar para modificar seu curso. No MST o sem-terra amplia a forma de ver o mundo, situa-se como parte

da humanidade, assume novos valores e passa a lutar por eles. Aprende também que a nova sociedade precisa ser construída desde já, por isso organiza-se para vivê-la.

Os assentamentos, para o Movimento, não são apenas uma forma de incluir socialmente o sem-terra. Isso não basta e se tornaria inútil pois o capitalismo exclui e cria milhares de sem-terra permanentemente. É preciso um jeito novo de viver na terra, de produzir nela, de formar pessoas. Para o MST, os assentamentos devem ser espaços de organização da vida de forma coletiva, solidária, ecológica e sustentável. Espaços em cujo contexto seja possível uma forma de convivência que supere as relações burguesas e se encaminhe para uma nova sociedade. Por isso, o assentamento não pode reproduzir o modo de produção dos camponeses de outrora. É preciso que os agricultores assentados se mantenham unidos, cooperados, organizados. É necessário que produzam na terra sem exploração do trabalho, com igualitária distribuição dos bens, de maneira saudável... A vida no assentamento deve propiciar a ampliação da consciência política, criar relações que manifestem as bases e os valores de uma sociedade nova.

Sabemos, porém, que a realidade é contraditória. As coisas não acontecem condicionadas à nossa vontade. Da mesma maneira que o capitalismo gera contradições que dificultam seu pleno desenvolvimento, a proposta do MST também encontra dificuldades e limitações para desenvolver-se em sua plenitude. Os assentamentos, de modo geral, são espaços que buscam novas relações, mas constantemente confrontam-se com as relações burguesas.

O assentamento *Conquista na Fronteira* caracteriza bem a perspectiva do MST para os assentamentos e ao mesmo tempo as dificuldades enfrentadas, ou o embate entre interesses opostos. De um lado, uma forma de organização social nova buscando se firmar e, de outro, a forma capitalista que não quer morrer. A pesquisa feita no assentamento permitiu distinguir quatro matrizes educativas que consideramos centrais na definição dos contornos do assentamento, do modo de vida dos assentados e importantes aspectos de sua educação. São elas: o trabalho, a cooperativa, o coletivo e o MST.

A primeira matriz de educação dos assentados é o trabalho. Este é condição fundamental de sobrevivência. É por meio dele que garantem a continuidade da vida. Por isso,



os assentados passam grande parte do tempo trabalhando. De modo geral, o trabalho no assentamento é bastante manual e cansativo, porém, comparado com o trabalhador individual, os assentados do *Conquista na Fronteira* possuem maior qualificação e trabalham por um período menor. Os níveis tecnológicos são maiores e resultam em maior produtividade. Há um grau razoável de organização, acompanhamento técnico e especialização do trabalho, com crescente assimilação de elementos científicos ao processo produtivo. Exigem-se conhecimentos técnicos, controle e aperfeiçoamento, porém, em muitos casos é repetitivo, demandando pouca atenção, inovação e criatividade.

O trabalho, ao se tornar cansativo, pesado, excessivo, pode levar ao desânimo do trabalhador, à resignação frente às condições de trabalho, ou ainda pode provocar uma reação inversa à esperada: a percepção de que essas difíceis condições levam à consciência crítica<sup>90</sup>. Esta é construída pela reflexão sobre o trabalho no capitalismo, na participação nas lutas e ações que visam à superação da exploração sobre o trabalho, etc. Trabalhar, portanto, não é garantia de educar-se para a transformação social. Refletir sobre novas relações de trabalho, lutar por elas e experimentá-las, como faz o MST e o assentamento *Conquista na Fronteira*, pode ser educativo para tanto. Enfim, o trabalho é central na luta do MST, é necessidade, porém, pode não ser a melhor expressão de seus objetivos e portanto de seu projeto educacional. Para tanto, o trabalho precisa inserir-se em um contexto que o modifique e reconstrua como ação humana criadora.

A segunda matriz que define o contorno do assentamento é a cooperativa. Criada para atender as necessidades da organização coletiva de comercializar e legalizar-se, constitui importante mecanismo de formação do assentamento e das pessoas que nele vivem. A cooperativa é a “ponte” formal entre o coletivo e a sociedade. Utiliza-se da cooperação para poder existir, evoluindo de tal forma que exerce influência nos diversos espaços e temas do assentamento. Dada sua inserção no mercado, a ela atribui-se o baixo rendimento financeiro e as dificuldades de sobrevivência. Muitos assentados vêem a cooperativa como um patrão, a quem devem o cumprimento de horas e do qual recebem um salário. Mesmo que a cooperativa

---

<sup>90</sup> Essa concepção foi manifestada por alguns assentados. As difíceis condições de realização do trabalho na agricultura “talvez seja uma forma da pessoa criar mais consciência da sociedade que tem, como ela está explorando o pessoal (Raul – assentado). Porém, essa hipótese não se confirma nem na experiência pessoal do próprio entrevistado o qual afirma ter adquirido maior consciência crítica participando do MST.

pertença aos assentados, alguns aspectos de sua estruturação e principalmente a relação que estabelece com o mercado capitalista sugerem-na como padrão. Os assentados têm seu trabalho explorado ao se relacionarem com o capital. Este vive da exploração do trabalho.

A cooperativa é a porta de entrada e saída do coletivo para as questões legais e formais e, assim, diversos elementos da sociedade externa são internalizados, transformando-se em comportamentos, projetos, organização. Em outras palavras, a cooperativa exige aprendizados e posturas que muitas vezes se identificam com a sociedade capitalista e se fazem contraditórios e antagônicos aos objetivos, valores, forma de vida orientada pelo coletivo. A educação necessária à cooperativa é a da racionalidade econômica. É administrar, é competir, minimizar os custos - especialmente para questões sociais -, intensificar o trabalho, produzir com maior margem de lucro, mesmo que isso signifique reduzir o ser humano. Enfim, a perspectiva indicada pela lógica cooperativista em diversos momentos é diferente da apontada pelo coletivo. As experiências históricas das cooperativas de trabalhadores demonstram a busca de outra sociedade e, ao mesmo tempo, as dificuldades de desligarem-se e extrapolarem as relações burguesas.

Por outro lado, o MST e o assentamento vêm buscando construir uma dinâmica de menor dependência na relação com o mercado tanto na compra como na venda de produtos. Essa perspectiva observamos em diversos momentos nesse assentamento e em outros, todavia, ainda é inicial e não constitui uma forma segura. Esse empenho apresenta dificuldades e contradições. Assim, reafirmamos com este estudo a necessidade de o Movimento criar uma nova dinâmica produtiva nos assentamentos, especialmente em relação aos aspectos mercantis e das relações de trabalho. Se por um lado os assentados se educam (no sentido que interessa ao MST) ao buscarem construir essa dinâmica produtiva nova, de outro, também introjetam o projeto burguês. E não faltam exemplos de como este prevaleceu em diversas experiências, levando-as ao fim ou à minimização de sua identidade com o MST.

A organização coletiva é o terceiro aspecto de organização do assentamento e da formação dos assentados. É a cooperação que dá o diferencial em relação à sociedade burguesa. O coletivo é a necessidade de sobrevivência acrescida de uma opção de vida. Inicialmente os assentados se juntaram em grupo como maneira de resistir e permanecer na

agricultura, porém, dada a complexidade da cooperação do *Conquista na Fronteira*, permanecer nessa forma de vida é opção permanente na busca de uma sociedade melhor.

O coletivo do assentamento se organiza na sua vinculação com o MST, portanto, é herança do MST. Em outras palavras, o Movimento organiza os assentados de forma coletiva como mecanismo de fazer-se presente nos assentamentos, dar continuidade à sua luta, a qual, na análise que realizamos aqui, volta-se para a elevação da consciência de classe, condição de superação da opressão de classe.

Coletivamente é a forma que os assentados trabalham, distribuem a produção, investem os recursos, convivem, divertem-se, educam-se e compartilham muitos sonhos. Produzem suas vidas e realizam diversas ações sob uma forma que pretendem mais solidária, igualitária, ecológica, democrática. Buscam eliminar a exploração de uns sobre os outros, a discriminação, incentivando a participação e o aprendizado de todos, a auto-ajuda, o acesso ao lazer, à escolarização, à participação política, buscando potencializar as capacidades humanas, desenvolvendo aspectos que historicamente foram negados àquelas pessoas. Observamos que a forma de organização coletiva do assentamento motiva a participação, a intervenção faz as pessoas se compreenderem como sujeitos daquele processo, se assumirem responsáveis e co-autoras daquela obra. Observamos como o nível de compreensão política, a clareza da realidade nacional e da luta do MST, entre outros aspectos que poderíamos elencar, é superior nesse assentamento em relação a diversos assentamentos individuais. Da mesma forma, como esse assentamento contribui com o MST e com a luta dos trabalhadores. Enfim, o que identificamos nesse assentamento permite dizer que a organização coletiva lá existente é educativa dos assentados para uma nova forma de vida, a qual vem sendo ensaiada / experimentada no cotidiano daquelas pessoas. Em outras palavras, os assentados vêm buscando criar uma forma de vida em que as relações humanas e aquelas mantidas com a natureza sejam superiores às existentes no capitalismo.

Finalmente, a quarta matriz, referência forte para os assentados, é o Movimento Sem Terra. O Movimento se manifesta no *Conquista na Fronteira* de diversas maneiras, mantendo-se vivo pela história daquelas pessoas, pelos valores, sonhos e jeito de ser cultivado pela organização coletiva. O Movimento é parte daquelas pessoas e estas se assumem como Sem Terra. É o educador cujas marcas destacam-se em cada um dos assentados.

Entretanto, as matrizes referenciais do coletivo e do MST não se colocam de forma pacífica, absoluta ou mesmo definitiva no assentamento. A luta para consolidar relações socialistas confronta-se com a tentativa do capital de impor-se. Assim, a forma de viver está em constante disputa, em movimento. Os assentados ao mesmo tempo que optam por uma determinada forma de vida, são pressionados pela dinâmica do real a assumirem comportamentos que resultam na maneira de viver no assentamento. Nessa dinâmica, educam-se. Participando da vida do assentamento, de seus conflitos, vão se formando.

Nossas observações e análises acerca do assentamento *Conquista na Fronteira* indicam a construção de uma forma de vida que é superior ao capitalismo, porém, ainda encontra nessa sociedade o parâmetro para diversas de suas ações e projetos, ou seja, algumas formas do capital se impõem e permanecem vivas no assentamento. Entretanto, se as relações ali vividas não se configuram como totalmente novas, também não é mera reprodução do velho. O embate entre essas formas opostas é vivo, é palpante, é motor do assentamento, é fonte de educação das pessoas. O “novo” se expressa pela organização coletiva, carregada do jeito de ser do MST, o velho se manifesta em grande medida por meio da cooperativa e do trabalho.

A educação proporcionada pelo coletivo e pelo MST dirige-se à experimentação de uma sociedade pautada pela solidariedade, cooperação, potencialização das capacidades humanas, respeito e preservação da natureza, enfim, para relações superiores às capitalistas. Todavia, aqui também essa perspectiva defronta-se com a velha lógica burguesa a qual se mantém viva no assentamento pela racionalidade econômica, expressa por intermédio da cooperativa. A organização do trabalho situa-se no entremeio dessa disputa: ao mesmo tempo que busca uma forma nova, livre da exploração, repetição, alienação, essa organização ainda não consegue ser totalmente criativa, auto-gestionada, emancipadora. Os assentados buscam um trabalho criativo, prazeroso, auto-governado, voltada às suas necessidades, porém, ainda convivem com tarefas alienadas, exploradas, repetitivas e dirigidas ao acúmulo de capital. Os avanços nas formas de trabalho no assentamento decorrem da imposição da organização coletiva que busca ser socialista e não de algo inerente ao trabalho como indica o MST.

Para o Movimento, a terra e o trabalho são dimensões fundamentais, adquirindo uma caráter místico. Da mesma forma, deposita uma crença no trabalho como educador das

pessoas, como valor moral. Todavia, conforme aqui reiteramos diversas vezes, o trabalho no capitalismo provoca a miséria do trabalhador, este é transformado em coisa / objeto e não em homem / sujeito. Dessa maneira, a exploração do trabalho é essência do modo de produção capitalista e cujos valores e “aprendizados” são antagônicos à perspectiva do Movimento. Mesmo nos assentamentos onde as relações sociais em grande medida propõem e indicam outras formas de viver socialmente, o trabalho é carregado de alienação, miséria, negação da humanidade. O trabalho no capitalismo “constrói” seres humanos opostos ao que pretende o MST. Assim, construir relações de trabalho cooperadas, justas, democráticas, criativas, socializadoras dos bens produzidos é fundamental ao MST, por isso a cooperação é estratégia do Movimento para organização dos assentamentos. A luta, o movimento gerado para consolidar essa “nova” forma é importante espaço de educação dos sem-terra. Nesse processo fazem-se sujeitos que “agarram a história com suas próprias mãos”, tomam iniciativa, buscam saídas, não se conformam com o injusto, com a miséria e aprendem que outro mundo é possível e necessário.

O que observamos na trajetória do MST e na experiência do assentamento *Conquista na Fronteira* é que os assentados se educam para esse “novo” exatamente participando das lutas, da organização coletiva, do contato com outras pessoas e experiências, enfim, aprendem participando do MST ou buscando viver de acordo com seus ensinamentos. Participar do processo gerado no/pelo MST leva inclusive a repensar as bases em que se desenvolve o trabalho, experiência que vem se desenvolvendo no assentamento. Por outro lado, não nos deparamos com elementos que pudessem indicar ser o trabalho em si educador para a transformação social. Pelo contrário, apenas trabalhar, ainda mais nas condições postas aos camponeses, leva ao desânimo, cansaço e conformismo. Já o MST leva à luta por relações sociais de valorização e respeito ao ser humano. Leva a organizar o trabalho voltado às necessidades humanas. Dessa maneira, é o MST o educador dos sem-terra que indica para a construção de uma “nova” sociedade.

Finalmente, com base no que pudemos observar no assentamento, cabe ressaltar a força pedagógica do MST na formação pessoal dos assentados, na elevação de sua consciência política, no resgate de sua auto-estima, de sua capacidade de falar, se organizar, tomar iniciativa, reagir e propor soluções. Percebemos o caráter pedagógico do Movimento na

transformação que faz dos excluídos de quase tudo pessoas que lutam não apenas por seus direitos, mas ousam reconstruir o mundo. O Movimento Sem Terra nega o “fim da história”, a eternidade do capital e a incondicional submissão e exploração humanas. O Movimento Sem Terra faz história, forma homens que constroem a história e, como tal, capazes de mudar seu curso. Afirmamos, assim, que é o próprio MST o educador dos sem-terra para a mudança de sociedade, é o construtor de pessoas que lutam pela emancipação humana, portanto é ele mesmo, para o povo sem-terra, o princípio de uma educação voltada à transformação social.

Estar no MST é ter uma experiência intensa de formação que em geral é muito diferente daquela vivenciada pela maioria dos sem-terra antes de entrarem para esta organização. No MST o sem-terra aprende a lutar por vida digna, a organizar-se para alcançar o que deseja, a resgatar sua condição de ser humano que tentaram lhe roubar, a ser solidário, aprende a ler e escrever, a estabelecer novas relações com a (o) companheira(o), com os filhos, a criar uma relação de respeito e conservação da terra e da natureza, enfim, no MST busca-se um nova forma de organizar a vida. Não se aprende apenas a lutar pela terra e pelo trabalho, mas a lutar pela vida em dimensões que o capital não permite vivê-la. Esta experiência, mesmo com seus limites, já está se desenvolvendo, como observamos no assentamento *Conquista na Fronteira*. Novas pessoas estão sendo formadas, novas formas de organizar a vida estão surgindo, novos valores e relações humanas. E isto por uma dinâmica que os próprios sem-terra construíram em seu Movimento que os reconstrói como Sem Terra e acima de tudo como seres humanos.

## BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao trabalho?* Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

\_\_\_\_\_. *Os Sentidos do trabalho*: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2000.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forrense Universitária, 2001.

ARROYO, Miguel G. Trabalho-educação e teoria pedagógica. In: FRIGOTTO G. *Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

ASSENTAMENTO Conquista na Fronteira. *Regimento Interno*. Dionísio Cerqueira, 1997. (mimeo).

AUED, Idaletto M. Capital e emancipação humana: o ser social. In: AUED, B. W. *Educação para o (des)emprego*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOGO, Ademar. *Implicações no momento político*. Bahia, 2001. Texto não publicado.

CALDART, Roseli S. *Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola*. Petrópolis: Vozes, 2000.

CASTRO ALVES, Suzy de. *As experiências educativas das crianças do acampamento Índio Galdino do MST*. Florianópolis: UFSC, Dissertação (Mestrado em Educação), 2002.

CASTRO, Ramón Peña. *A questão do Trabalho*. Programa de Pós – Graduação em Educação da UFSCar, São Carlos, 1988.

CONSULTA POPULAR. *O Brasil precisa de um projeto popular*. Cartilha n. 11. São Paulo, 2001.

CHRISTOFFOLI, Pedro Ivan. *O desenvolvimento de cooperativas de produção coletiva de trabalhadores rurais no capitalismo: limites e possibilidades*. Curitiba, UFPR, Dissertação (Mestrado em Administração), 2000.

DAL CHIAVON, Francisco. *Os problemas econômicos das cooperativas de produção agropecuária (CPAS) nos assentamentos de Reforma Agrária*. Brasília: UnB, Monografia (Especialização em Administração de Cooperativas), 1999.

DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

DE MASI, Domenico. *Desenvolvimento sem trabalho*. São Paulo: Esfera, 1999.

ENGELS, Frederico. Humanização do Macaco pelo trabalho. In: *Dialética da Natureza*. Rio de Janeiro: Leitura S. A., s/d. p. 215 – 228.

FERNANDES, Bernardo Mançano. *A formação do MST no Brasil*, 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

FIGUEIRA, Pedro de A. A educação de um ponto de vista histórico. *INTERMEIO – Revista do Mestrado em Educação – UFMS*. Campo Grande, v. 1, n. 1, 1985.

FIOD, Edna G. M. Crise da Educação e sociedade do trabalho. *Revista Perspectiva*, v. 14, n. 26. Florianópolis: Editora da UFSC, 1996.

\_\_\_\_\_. Politecnia: a educação do molusco que vira homem. In: AUED. B. W. *Educação para o (des)emprego*. Petrópolis: Vozes, 1999.

FORRESTER, Viviane. *O horror econômico*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997.

FONTANA, Airton. *Construindo o Caminho: uma educação orgânica. Experiência do Assentamento Conquista na Fronteira*. São Miguel do Oeste: UNOESC, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

\_\_\_\_\_. *Professora Sim Tia Não. Cartas a quem ousa ensinar*. 10. ed. São Paulo: Olho D'Água, 2000.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a crise do capitalismo real*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

GORGEN, Sergio A.; STÉDILE, João Pedro. *A luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Scritta Editorial, 1993.

GRADE, Marlene. *MST: luz e esperança de uma sociedade igualitária e socialista*. Florianópolis: UFSC, Dissertação (Mestrado em Economia), 2000.

GRUPO KRISIS. *Manifesto contra o trabalho*. São Paulo: Geousp - Labur, 1999.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça*. São Paulo: Kairós, 1980.

MACHADO, Lucília R. S. Educação básica, empregabilidade e competências. *Revista Trabalho e Educação*. Belo Horizonte: UFMG / FAE / NETE, n. 3, 1998.

MAKARENKO, Anton. O trabalho e a coletividade em educação. *Boletim da Educação* n. 5. São Paulo: MST, 1995.

MANACORDA, Mario A.. *História da Educação: da antiguidade aos nossos dias*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 2000.

MARX, Karl. *O Capital: Crítica da economia política*. 17. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. Livro 1, v. 1.



- Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. *Construindo o Caminho*. São Paulo, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Normas Gerais do MST*. São Paulo, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Documento Básico do MST*. Piracicaba, 1991.
- \_\_\_\_\_. Como deve ser uma escola de assentamento. *Boletim da Educação* n. 1. São Paulo, 1992.
- \_\_\_\_\_. Rumo ao terceiro congresso. *Boletim preparatório ao terceiro congresso do MST*. São Paulo, 1995.
- \_\_\_\_\_. Escola, Trabalho e Cooperação. *Boletim da Educação* n. 4. 2. ed. São Paulo, MST, 1995.
- \_\_\_\_\_. Programa de Reforma Agrária. *Caderno de Formação* n. 23. 2 ed. São Paulo, 1996.
- \_\_\_\_\_. Sistema Cooperativista dos Assentados. *Caderno de Cooperação Agrícola* n. 5. São Paulo: CONCRAB, 1998.
- \_\_\_\_\_. A vez dos valores. *Caderno de Formação* n. 26. São Paulo, 1998.
- \_\_\_\_\_. Gênese e Desenvolvimento do MST. *Caderno de Formação* n. 30. São Paulo, 1998.
- \_\_\_\_\_. Princípios da Educação no MST. *Caderno de Educação* n. 8. 3. ed. São Paulo, 1999.
- \_\_\_\_\_. Construindo o Caminho numa escola de assentamento. *Coleção Fazendo Escola* n. 3. Veranópolis, 2000.
- \_\_\_\_\_. Construindo o conceito de saúde no MST. *Cartilha de Saúde* n. 5. São Paulo, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Agenda MST 2001*. São Paulo, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Construindo o Caminho*. São Paulo, 2001.
- \_\_\_\_\_. O que levar em conta para a organização do assentamento: a discussão no acampamento. *Caderno de Cooperação Agrícola* n. 10. São Paulo: CONCRAB, 2001.
- \_\_\_\_\_. Pedagogia do Movimento Sem Terra: Acompanhamento às escolas. *Boletim da Educação*. n. 8. São Paulo, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Normas Gerais do MST*. São Paulo, 2001. Em processo de elaboração.
- OFFE, Claus. *Capitalismo desorganizado. Transformações contemporâneas do trabalho e da política*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PARO, Victor H. Parem de preparar para o trabalho!!! Reflexões acerca dos efeitos do neoliberalismo sobre a gestão e o papel da escola básica. In: FERRETTI, Celso J. et al. *Trabalho, Formação e Currículo: para onde vai a escola?* São Paulo: Xamã, 1999.

PAULILO, Maria Ignês. *Produtor e Agroindústria: Consensos e Dissensos*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1990.

PIANA, Marivone. *A música – movimento: estratégias e significados da produção musical do MST*. Florianópolis: UFSC, Dissertação (Mestrado em Sociologia), 2001.

PISTRAK, M. M. *Fundamentos da escola do trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

PLANTANDO Cirandas. Manaus: Sonopress [1999]. 1 disco compacto (62:42 min.): digital, áudio. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

PREFEITURA de Porto Alegre. *Sem-terra: as músicas do MST*. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1996.

RUSCHELL, Vanderci. *Cooperação e Trabalho na Escola: a cooperativa dos estudantes da Escola Agrícola de 1º Grau 25 de Maio, Florianópolis*: UFSC, Dissertação (Mestrado em Educação), 2001.

SADER, Emir. *Século XX: uma biografia não autorizada: o século do imperialismo*. São Paulo : Fundação Perseu Abramo, 2000.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3 v.

TUMOLO, Paulo. *Os movimentos sociais e o trabalho como princípio educativo: ensaio de uma análise crítica*. Florianópolis, 2001. Texto não publicado.

VENDRAMINI, Célia Regina. *Terra, Trabalho e Educação: experiências sócio-educativas em assentamentos do MST*. Ijuí: Editora da Unijuí, 2000.